



O VÍRUS DA DESIGUALDADE

Unindo um mundo dilacerado pelo coronavírus por meio de uma economia justa, igualitária e sustentável

www.oxfam.org.br



OXFAM

RELATÓRIO DA OXFAM – JANEIRO DE 2021

A pandemia de coronavírus tem o potencial de levar a um aumento das desigualdades em quase todos os países ao mesmo tempo, a primeira vez que isso acontece desde o início dos registros. O vírus expôs, se alimentou e aumentou as desigualdades de renda, gênero e raça já existentes. Mais de dois milhões de pessoas já morreram e centenas de milhões estão sendo jogadas na pobreza, enquanto muitos dos mais ricos - indivíduos e empresas - prosperam. As fortunas dos bilionários voltaram ao pico pré-pandêmico em apenas nove meses, enquanto a recuperação para as pessoas mais pobres do mundo pode levar mais de uma década. A crise expôs nossa fragilidade coletiva e a incapacidade de nossa economia profundamente desigual trabalhar para todos e todas. No entanto, também nos mostrou a importância vital da ação governamental para proteger nossa saúde e meios de subsistência. Políticas transformadoras que pareciam impensáveis antes da crise, se mostraram possíveis. Não pode haver retorno para onde estávamos antes. Em vez disso, cidadãos e governos devem agir com urgência para criar um mundo mais igualitário e sustentável.

© Oxfam International, janeiro de 2021

Este relatório foi escrito por Esmé Berkhout, Nick Galasso, Max Lawson, Pablo Andrés Rivero Morales, Anjela Taneja e Diego Alejo Vázquez Pimentel.

A Oxfam agradece a participação de Jaime Atienza, Nabil Abdo, Nabil Ahmed, Basani Baloyi, Charlotte Becker, Kira Boe, Stephanie Burgos, Lies Craeynest, Ellen Ehmke, Patricia Espinoza Revollo, Maite Gauto, Tim Gore, Irene Guijt, Victoria Harnett, Didier Jacobs, Lucy Juneau, Anthony Kamande, Nicholas Lusiani, Inigo Macias Aymar, Franziska Mager, Alex Maitland, Liliana Marcos Barba, Anna Marriott, Mikhail Maslennikov, Maria-José Moreno-Ruiz, Quentin Parrinello, Anam Parvez, Lucy Peers, Anna Ratcliff, Susana Ruiz, Alberto Sanz Martins, Emma Seery, Julie Seghers, Sameerah Siddiqui, Irit Tamir, Julie Thekkudan, Annie Thériault, David Wilson, Helen Wishart, Deepak Xavier e Bertram Zagma nessa produção. Este documento é parte de uma série de relatórios escritos para informar o debate público sobre questões de desenvolvimento e políticas humanitárias.

A Oxfam agradece uma série de especialistas que generosamente prestaram assistência: Lucas Chancel, Ritu Dewan, Danny Dorling, Valeria Esquivel, Deborah Hardoon, Chris Hoy, Christoph Lakner, Dave McCoy, Sulakshana Nandi, Jonathan Ostry, Kate Pickett, James Pope, Tony Shorrocks, Mwanahamisi Singano do FEMNET, Andy Sumner, Rocio Stevens Villalvazo, Richard Wilkinson, Nishant Yonzan, Gabriel Zucman, e o African American Policy Forum.

Para mais informações sobre as questões aqui apresentadas escreva para contato@oxfam.org.br.

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas pode ser usada gratuitamente para fins de *advocacy*, campanhas, educação e pesquisa, desde que citada a fonte por completo. O detentor dos direitos autorais solicita que tal uso seja informado e registrado junto a ele para fins de avaliação de impacto. Para cópia em qualquer outra circunstância, ou para reutilização em outras publicações, ou ainda para tradução ou adaptação, a permissão deve ser obtida e uma taxa pode ser cobrada. Envie um e-mail para: contato@oxfam.org.br.

As informações aqui contidas estão corretas no momento da sua publicação.

Publicado por Oxfam GB para Oxfam Internacional sob

ISBN 978-1-78748-640-9 em janeiro de 2021.

DOI: 10.21201/2021.6409

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, UK.

Foto da capa: Adam Dicko é uma jovem ativista do Mali. Ela luta para que as reivindicações dos jovens sejam ouvidas, luta por democracia e pela promoção da cidadania. Em resposta à crise da Covid-19, Adam passou a auxiliar pessoas desabrigadas e crianças carentes por meio da organização que ela criou, a Associação de Jovens pela Cidadania Ativa e pela Democracia (AJCAD). Ela distribui kits de higiene (sabonete, álcool em gel, luvas etc.), e depois usa a web TV e as redes sociais para aumentar a consciência sobre a doença e as medidas de higiene para preveni-la. © Xavier Thera / Oxfam

Foto da contracapa: Na Tunísia, Jamila fornece à comunidade máscaras de proteção para conter o avanço do coronavírus. © FIDEL

APRESENTAÇÕES



Enfermeiras(os) e agentes comunitárias(os) de saúde são a espinha dorsal e a base do atendimento a pacientes. Diante da pandemia global que abalou nosso mundo, estamos na linha de frente e colocando nossas vidas em risco. O coronavírus mostrou a todos nós o que realmente importa - nossa saúde e bem-estar. Também nos lembra quem é importante - profissionais das áreas de saúde e de cuidados, e outros trabalhadores essenciais como vendedores ambulantes, professores, motoristas de ônibus.

Como profissionais de saúde e outros trabalhadores essenciais, temos algo mais em comum: estamos sobrecarregadas(os), somos mal remuneradas(os), desvalorizadas(os) e muitas vezes desprotegidas(os), mesmo em meio a uma pandemia mortal. Somos predominantemente mulheres, negras e não brancas. Muitas de nós somos migrantes, pertencemos a minorias étnicas ou outros grupos que são empurrados para as margens da sociedade e, ainda assim, espera-se que mantenhamos nossos sistemas em pé.

O trabalho da Oxfam destaca a importância dessas e desses trabalhadores, e como o coronavírus evidencia os efeitos nefastos de sistemas de saúde cronicamente negligenciados, que sofrem com a falta de pessoal e congelamento de contratações, pelos quais arcamos com o peso todos os dias. De forma mais ampla, mostra quão profundamente desiguais são nossos sistemas econômicos e como alimentam a desigualdade e a pobreza. Mostra como as desigualdades se interseccionam e tornam visíveis o que muitas vezes é esquecido ou escondido por trás das estatísticas.

Também nos mostra que a pandemia pode ser um ponto de inflexão. Eu apoio a Oxfam ao dizer que é hora de governos se comprometerem com um sistema econômico que distribua a renda de maneira mais igualitária como princípio, que seja sustentável para o futuro da humanidade e do planeta e que esteja a serviço das pessoas. Nós, como enfermeiras(os) e cuidadoras(os), faremos a nossa parte, mas a responsabilidade agora é dos governos que precisam fazer a sua parte.

Fikile Dikolomela-Lengene, vice-presidenta do Sindicato de Jovens Enfermeiras(os) (UNIT), África do Sul



A extrema desigualdade econômica e racial existe em nosso mundo há muito tempo. A pandemia revela vividamente quem a sociedade privilegia e quem é castigado. Em um mundo justo, raça, gênero, etnia e nascimento não teriam valor de transação em qualquer resultado referente à segurança material. Como mostra este informe, o maior ônus desta pandemia recai sobre pessoas não brancas e mulheres, tanto dentro como fora dos Estados-nação, e servirá para aumentar ainda mais a desigualdade e vulnerabilidade existentes.

O fato de grupos de identidade específicos enfrentarem maior vulnerabilidade é resultado de uma estratificação histórica e contemporânea injusta. Racismo, sexismo e outros “ismos” não são simplesmente preconceitos irracionais, mas mecanismos estratégicos de exploração e extração há muito tempo utilizados e que beneficiam alguns à custa de outros.

Considere o impacto multigeracional da supremacia branca nos EUA e a negação sistêmica de formas de gerar riqueza e renda para negros e negras. Essa história de exploração de negros e negras vem desde quando eles eram literalmente bens de capital de uma classe de fazendeiros brancos proprietários de terras, passando por serem excluídos das políticas do *New Deal* que construíram uma classe média americana, até o emprego de práticas financeiras abusivas e predatórias, particularmente relacionados à moradia, o que foi um dos impulsionadores da crise financeira global.

Os governos, no entanto, foram cúmplices de todos esses capítulos da história e, agora, com a pandemia, temos a chance de que o governo dos EUA e outros ao redor do mundo escrevam uma história diferente no que se refere à inclusão racial e econômica.

As políticas econômicas neoliberais têm tido sucesso em sustentar a hierarquia social e econômica. Isso foi possibilitado por uma falsa narrativa que prioriza a ação individual diante das barreiras estruturais e coloca os grupos uns contra os outros por meio do privilégio relativo de status. Em vez disso, precisamos de uma resposta política hoje que seja antirracista, antissexista e que reduza ativamente a lacuna entre ricos e pobres, especialmente entre raças e etnias. Movimentos em todo o mundo estão exigindo ações transformadoras - desde a garantia de empregos dignos e de cuidados universais de saúde até a promoção de ações climáticas corajosas e - agora, finalmente - reparações.

Por uma década, a Oxfam colocou a questão da desigualdade extrema na agenda política global. Este relatório oferece novos dados surpreendentes, mostra como as desigualdades se cruzam e conecta exemplos entre países. De maneira crucial, oferece soluções ousadas. Acima de tudo, somos lembrados de que a desigualdade e o desespero não precisam ser nosso destino. Em solidariedade, estamos prontos para formar um mundo mais igual e justo.

Darrick Hamilton - Professor Henry Cohen de Economia e Política Urbana e Professor Universitário, The New School, EUA



A pandemia de coronavírus expôs os riscos advindos de sistemas de saúde mercantilizados e subfinanciados; da falta de acesso à água e saneamento; do trabalho precário; das lacunas na proteção social; e da destruição de nosso meio ambiente. Revelou como nossos sistemas profundamente desiguais, racistas e patriarcais afetam particularmente os negros e negras e outros grupos racializados e excluídos no Brasil e no mundo.

Essas desigualdades e injustiças obviamente não são novas, elas se baseiam no racismo patriarcal que é a base do capitalismo mundial, que por décadas explorou, expropriou e ceifou vidas. No Brasil, as mulheres negras, em particular, estão na intersecção de múltiplas desigualdades e seus direitos são atacados repetidamente. Durante décadas, ativistas de direitos humanos como eu lutaram para enfrentar essas injustiças, ignoradas pelas elites locais - empresários, governos, legisladores, operadores do sistema judiciário.

A novidade, porém, é que quem está no poder não pode mais ignorar a situação. Isso porque a pandemia ameaça devastar economias. Porque as desigualdades geradas pelo modelo econômico atual foram ampliadas durante esta crise, e sua brutalidade está sendo exposta em diversos países ao mesmo tempo.

O relatório da Oxfam chega em um momento crucial para mostrar como os que estão no topo estão prosperando, enquanto a maioria - pessoas pobres, negras e negros, mulheres, povos indígenas e outros grupos oprimidos - estão sendo esmagados e mortos. Mostra também que chegamos a um ponto crítico. As pessoas têm o poder de pressionar por mudanças - com mulheres negras na liderança desses movimentos - e responsabilizar os governos para que possamos criar coletivamente um mundo justo, igualitário e solidário. Um mundo baseado na equidade, independentemente de raça, gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Um mundo onde os direitos econômicos, sociais, políticos, culturais, ambientais e civis, entre outros, sejam a base para uma vida digna.

Lúcia Maria Xavier de Castro, assistente social e ativista de direitos humanos, coordenadora geral da ONG Criola, Brasil

ÍNDICE

Apresentações.....	4
Índice.....	7
Resumo.....	9
O vírus da desigualdade	9
O vírus atingiu um mundo já profundamente desigual.....	11
Após o vírus, ricos estão mais ricos e os pobres mais pobres	12
A pandemia pode agravar a desigualdade como nunca visto antes	13
Governos diante de uma escolha: desigualdade não é inevitável	14
O coronavírus alimentou e aprofundou desigualdades já existentes	14
As pessoas querem um mundo bem diferente	17
O futuro depende das escolhas que fizemos agora	20
1. Um abismo crescente entre ricos e pobres.....	21
O coronavírus atingiu um mundo já extremamente desigual.....	21
O coronavírus está deixando os ricos mais ricos.....	24
...E os pobres mais pobres	26
Um duro futuro econômico para os países mais pobres.....	27
Mulheres e grupos racializados estão pagando o preço.....	28
Desigualdade deve aumentar em cada país	29
2. Pessoas caindo nas rachaduras do sistema.....	33
Expondo a negligência crônica aos sistemas públicos de saúde.....	34
Expondo a fragilidade dos sistemas de proteção social	39
Expondo o abismo educacional.....	40
Expondo formas precarizadas de viver	42
3. Uma agenda transformadora é possível e é agora	49
O futuro que as pessoas querem	49
Cinco passos em direção a um mundo melhor.....	52
Conclusão	60
Notas.....	61

O VÍRUS DA DESIGUALDADE

Os 1.000 maiores bilionários do mundo levaram apenas **NOVE MESES** para ver suas fortunas retornarem aos níveis pré-pandemia, enquanto a recuperação dos mais pobres do mundo pode levar **MAIS DE UMA DÉCADA**.

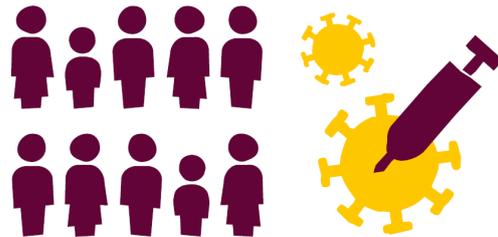


% de mudança na riqueza dos 1.000 maiores bilionários (2020)

Nos EUA, **QUASE 22 MIL LATINOS E LATINAS E PESSOAS NEGRAS** ainda estariam vivas, em dezembro de 2020, se os índices de mortalidade dessas comunidades fossem iguais aos de **PESSOAS BRANCAS**.



O AUMENTO da riqueza dos 10 maiores bilionários desde o início da crise **É MAIS QUE O SUFICIENTE** para evitar que qualquer um caia na pobreza por conta da pandemia e para pagar uma vacina contra a covid-19 para todos e todas.



112 MILHÕES DE MULHERES não teriam risco de perder suas rendas e empregos se homens e mulheres estivessem representados de forma igualitária em setores negativamente atingidos pela crise de covid-19.



A pesquisa da Oxfam com economistas sobre o impacto da pandemia de coronavírus sobre a desigualdade concluiu que:



dos entrevistados acham que o coronavírus levará a um aumento ou a um grande aumento na **DESIGUALDADE DE RENDA** em seu país.



dos entrevistados acham que o coronavírus provavelmente ou muito provavelmente levará a um aumento da **DESIGUALDADE DE GÊNERO** em seu país.

Para maiores informações sobre as fontes e metodologias referentes a esses números, veja P. Espinoza Revollo. (2021). O Vírus da desigualdade: nota metodológica. Oxfam

RESUMO

O VÍRUS DA DESIGUALDADE

“A Covid-19 foi comparada a um raio-x, revelando fraturas no frágil esqueleto das sociedades que construímos. Está expondo falácias e falsidades em todos os lugares: a mentira de que os mercados livres podem oferecer assistência médica para todas as pessoas; a ficção de que o trabalho de cuidado não remunerado não é trabalho; a ilusão de que vivemos em um mundo pós-racista; o mito de que estamos todos no mesmo barco. Estamos todos flutuando no mesmo mar, mas é evidente que alguns estão em super iates, enquanto outros se agarram aos escombros à deriva.”

- Antonio Guterres, Secretário-Geral da ONU¹

A história vai lembrar a pandemia de Covid-19 por ceifar mais de dois milhões de vidas em todo o mundo. Também será lembrada por levar centenas de milhões de pessoas para a miséria e a pobreza.

A história provavelmente também se lembrará da pandemia como a primeira vez, desde que se tem registro, que a desigualdade aumentou em praticamente todos os países do mundo ao mesmo tempo.

O Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) expressaram profunda preocupação de que a pandemia aumentará a desigualdade em todo o planeta, com efeitos profundamente prejudiciais.

“O impacto será profundo [...] com a desigualdade crescente levando a agitações econômicas e sociais: uma geração perdida nos anos 2020 cujos efeitos serão sentidos nas décadas por vir”

– Kristalina Georgieva, diretora geral do FMI²

Essa visão é apoiada pela pesquisa da Oxfam com 295 economistas de 79 países,³ entre eles, economistas globais importantes, como Jayati Ghosh, Jeffrey Sachs e Gabriel Zucman. 87% dos entrevistados acreditam que a desigualdade de renda em seu país aumentará ou aumentará fortemente como resultado da pandemia, percentual que inclui economistas de 77 dos 79 países. Mais da metade dos entrevistados também acredita que a desigualdade de gênero provavelmente irá crescer, e mais de dois terços avalia o mesmo para a desigualdade racial. Dois terços indicam que seus governos não têm um plano em vigor para combater as desigualdades.

Há o risco de que a desigualdades se agravem, gerando um enorme custo humano:

- Foram necessários apenas nove meses para os 1000 maiores bilionários reaverem suas fortunas para os níveis pré-pandêmicos⁴, mas para as pessoas mais pobres a recuperação pode ser 14 vezes maior; mais que uma década⁵.
- O aumento das fortunas dos 10 maiores bilionários desde o início da crise seria mais que o necessário para prevenir que todas as pessoas do planeta caiam na pobreza em decorrência do vírus e pagar a vacina da Covid-19 para todos e todas.⁶

- Globalmente, as mulheres estão sobrerrepresentadas nos setores da economia que foram mais duramente afetados pela pandemia.⁷ Se mulheres e homens estivessem representados de forma equânime nesses setores, 112 milhões de mulheres não estariam mais sob o risco de perder sua renda ou trabalho.⁸
- No Brasil, pessoas negras têm 40% mais chance de morrer de Covid-19 que pessoas brancas.⁹ Se as taxas de mortalidade da doença nos dois grupos fossem as mesmas, até junho de 2020, mais de 9200 afrodescendentes estariam vivos.¹⁰ Nos EUA, pessoas negras e de origem latina têm mais chance de morrer de Covid-19 que pessoas brancas.¹¹ Se as taxas fossem iguais para todos, até dezembro de 2020 cerca de 22 mil pessoas latinas e negras ainda estariam vivas.¹²
- O Banco Mundial calculou que se os países agirem agora para reduzir as desigualdades, então, a pobreza poderia voltar aos níveis pré-crise em apenas três anos, e não em mais de uma década.¹³

No entanto, como a história vai lembrar o que os governos fizeram em resposta à pandemia é um capítulo ainda a ser escrito. Os governos em todo o mundo têm uma janela de oportunidade pequena e cada vez menor para criar uma economia justa após a Covid-19. Que seja mais igualitária, inclusiva, que proteja o planeta e acabe com a pobreza.

Eles podem fazer isso transformando urgentemente o sistema econômico atual, que explorou e exacerbou o patriarcado, a supremacia branca e os princípios neoliberais. Um sistema que gerou desigualdades extremas, pobreza e injustiça, e que deixou o mundo completamente despreparado quando a crise se instalou. Mais que nunca, os governos têm à sua disposição ideias realistas e de bom senso para moldar um futuro melhor. Eles devem aproveitar a oportunidade.



Nuvis, 64, vende café e cigarros no porto de Maracaibo, Venezuela. Desde o início da pandemia, ela não tem conseguido ganhar o suficiente para alimentar sua família. © Ivan Ocando.

O VÍRUS ATINGIU UM MUNDO JÁ PROFUNDAMENTE DESIGUAL

A crise do coronavírus atingiu um mundo que já era extremamente desigual. Um mundo em que um pequeno grupo de mais de 2 mil bilionários possui mais dinheiro do que poderia gastar em mil vidas. Um mundo em que quase metade da humanidade foi forçada a sobreviver com menos de US\$5,50 por dia.¹⁴ Um mundo em que, por 40 anos, o 1% mais rico ganhou mais do que o dobro da renda da metade mais pobre da população global.¹⁵ Um mundo em que o 1% mais rico consumiu duas vezes mais carbono que os 50% mais pobres no último quarto de século, levando à destruição do clima.¹⁶ Um mundo em que o fosso crescente entre ricos e pobres aumentou e exacerbou as históricas desigualdades de gênero¹⁷ e raça¹⁸.

Essa desigualdade é produto de um sistema econômico falho e explorador, que tem suas raízes na economia neoliberal e na captura da política pelas elites. Esse sistema explora e exacerba fortes estruturas produtoras de desigualdade e opressão, nominalmente o patriarcado e o racismo estrutural, representados pela supremacia branca. Esses sistemas são as raízes da injustiça e da pobreza e geram enormes lucros concentrados nas mãos de uma elite patriarcal branca, à custa de pessoas que vivem na pobreza, mulheres e comunidades racializadas e historicamente marginalizadas e oprimidas em todo o mundo.

A desigualdade significa que muitas pessoas estão adoecendo, poucas têm acesso à educação e pouquíssimas vivem vidas felizes e dignas. Ela envenena nossa política, levando a extremismo e racismo. Ela enfraquece a luta pela erradicação da pobreza. Ela deixa mais e mais pessoas vivendo com medo e menos esperançosas.

Box 1: A construção social de raça

A Oxfam não usa a raça como uma categoria biológica, mas como uma construção social. O termo “grupos racializados” é usado para se referir a todos os grupos que não desfrutam dos privilégios dos brancos como resultado do processo socialmente construído de racialização.¹⁹ Um sistema social racializado é “aquele em que os níveis econômico, político, social e ideológico são parcialmente estruturados pela localização de atores em categorias ou grupos raciais”.²⁰ Algumas sociedades são altamente racializadas. Em outras, a estratificação não se dá por linhas raciais, mas por etnia dentro do mesmo contexto racial, como em muitos países africanos e asiáticos, ou ao longo de linhas de casta, em países onde esse sistema é a principal opressão sistêmica.²¹

A especificidade é importante quando se fala em grupos racializados. Este relatório utiliza pessoas negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas para fornecer o máximo de especificidade possível. No entanto, o termo tem limitações; não faz uma menção específica a outras identidades raciais, ou de etnia, sendo estas abrangidas por “comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas”.

Essa extrema desigualdade significa que bilhões de pessoas já viviam no limite quando a pandemia começou. Eles não tinham nenhum recurso ou apoio para enfrentar a tempestade econômica e social criada desde então. Mais de 3 bilhões de pessoas não tinham acesso à saúde,²² três quartos dos trabalhadores não tinham acesso à proteção social como seguro-desemprego ou auxílio-doença²³ e, em países de renda baixa e média-baixa, mais da metade dos trabalhadores vivia de trabalhos precários.²⁴

APÓS O VÍRUS, RICOS ESTÃO MAIS RICOS E POBRES MAIS POBRES

Nos primeiros meses da pandemia, um colapso do mercado de ações viu bilionários, que são alguns dos maiores acionistas, ver suas fortunas reduzirem dramaticamente. No entanto, foi um revés de curta duração. Em nove meses, os 1000 bilionários mais ricos do mundo, homens brancos em sua maioria,²⁵ recuperaram toda a riqueza que haviam perdido.²⁶ Com o apoio sem precedentes dos governos para suas economias, o mercado de ações está em alta, aumentando a riqueza dos bilionários, mesmo enquanto a economia real enfrenta a mais profunda recessão em um século.²⁷ Para efeitos de comparação, após a crise financeira de 2008, foram necessários cinco anos para que a riqueza dos bilionários retornasse aos níveis anteriores àquela crise. Em todo o mundo, a riqueza dos bilionários aumentou em impressionantes US\$3,9 trilhões entre 18 de março e 31 de dezembro de 2020.²⁸ Sua riqueza total agora é de US\$ 11,95 trilhões,²⁹ o que é equivalente ao que os governos do G20 gastaram em resposta à pandemia.³⁰ Os dez bilionários mais ricos do mundo viram sua riqueza aumentar coletivamente em US\$540 bilhões durante este período.

Figura 1: A bonança de Bezos³¹

Em setembro de 2020, Jeff Bezos poderia ter pago a todos os 876 mil funcionários da Amazon um

BÔNUS DE 105 MIL DÓLARES

e continuar tão rico quanto era antes da pandemia.



As vendas mundiais de jatos particulares dispararam quando as viagens comerciais foram proibidas.³² Enquanto o Líbano enfrenta a implosão econômica, seus super-ricos encontram consolo em *resorts* nas montanhas.³³ Em um país após o outro, os mais ricos são os menos afetados pela pandemia e os que veem suas fortunas se recuperarem mais rapidamente. Eles também continuam sendo os maiores emissores de carbono e os maiores responsáveis pelo colapso do clima.³⁴

Ao mesmo tempo, o maior choque econômico desde a Grande Depressão começou a fazer seus estragos e a pandemia viu centenas de milhões de pessoas perderem seus empregos e enfrentarem miséria e fome. Esse choque deve reverter o declínio da pobreza global que testemunhamos nas últimas duas décadas. Estima-se que o total de pessoas que vivem na pobreza pode ter aumentado entre 200 milhões³⁵ e 500 milhões³⁶ em 2020. O número de pessoas que vivem na pobreza pode não voltar ao nível anterior à crise por mais de uma década.

A pandemia expôs o fato de que a maioria das pessoas na Terra vive a apenas um pagamento da penúria, com algo entre US\$2 e US\$10 por dia.³⁷ Muitos moram em cômodos alugados em favelas. Antes da crise, essas pessoas recém estavam conseguindo sobreviver e começando a imaginar um futuro melhor para seus filhos. São motoristas de táxi, cabeleireiras, pequenos comerciantes. São seguranças, faxineiras, cozinheiras. São operários, trabalhadores rurais e pequenos agricultores. A crise do coronavírus nos mostrou que, para a maioria da humanidade, nunca houve uma saída permanente da pobreza e da insegurança. Em vez disso, na melhor das hipóteses, houve um adiamento temporário e profundamente vulnerável.

Box 2: Por trás de cada uma das 200 milhões de pessoas empurradas para a pobreza, há uma história

Farida, que trabalhava em uma fábrica de roupas em Bangladesh, perdeu o emprego em abril de 2020.³⁸ Ela estava grávida de oito meses, mas não recebeu nenhum dos benefícios de maternidade a que tinha direito.

Ela disse na época: “com a gravidez, medo do vírus, desemprego, falta de pagamento de benefícios... Às vezes sinto que vou enlouquecer”.

Simplesmente não há sentido moral, comum ou econômico em permitir que bilionários lucrem com a crise diante de tamanho sofrimento. Sua crescente riqueza deveria ser usada para enfrentar esta crise, para salvar milhões de vidas e bilhões de formas de subsistência.

A PANDEMIA PODE AUMENTAR A DESIGUALDADE COMO NUNCA VISTO ANTES

Embora seja muito cedo para ver o quadro completo, a maioria dos estudos iniciais aponta para um aumento significativo da desigualdade. O fato de o vírus ter causado sérios impactos econômicos em todos os países do globo ao mesmo tempo significa que é provável que haverá um aumento na desigualdade em quase todos eles, pela primeira vez desde que se começou a registrar esses números.

Esta visão é apoiada pelo levantamento da Oxfam com 295 economistas de 79 países,³⁹ entre os quais estão nomes como Jayati Ghosh, Jeffrey Sachs e Gabriel Zucman.

87% dos entrevistados acreditam que a desigualdade de renda em seu país aumentará ou aumentará fortemente como resultado da pandemia, percepção de economistas de 77 dos 79 países participantes. Mais da metade dos entrevistados também acredita que a desigualdade de gênero provavelmente irá subir, e acima de dois terços pensam o mesmo para a desigualdade racial. Dois terços também avaliam que seus governos não têm um plano em vigor para combater a desigualdade.

Figura 2: Principais descobertas da pesquisa da Oxfam com economistas sobre o impacto do coronavírus sobre a desigualdade

87% dos entrevistados acreditam que o coronavírus levará a um aumento ou a um grande aumento na **DESIGUALDADE DE RENDA** em seu país.



78% dos entrevistados pensam que o coronavírus levará a um aumento ou a um grande aumento da **DESIGUALDADE DE RIQUEZA** em seu país.



56% dos entrevistados pensam que o coronavírus provavelmente levará a um aumento da **DESIGUALDADE DE GÊNERO** em seu país.



66% dos entrevistados acham que o coronavírus provavelmente levará a um aumento da **DESIGUALDADE RACIAL** em seu país.



67% dos entrevistados acham que seu governo **NÃO TEM UM PLANO PARA ATENUAR** o aumento da desigualdade gerada por causa do coronavírus.



GOVERNOS DIANTE DE UMA ESCOLHA: DESIGUALDADE NÃO É INEVITÁVEL

Um aumento da desigualdade é praticamente certo. No entanto, a sua extensão, ou a velocidade com que a desigualdade será reduzida e uma maior igualdade alcançada é fruto da escolha dos governos em todo o mundo. De acordo com o Banco Mundial, mais 501 milhões de pessoas ainda viverão com menos de US\$5,50 por dia em 2030 se os governos permitirem que a desigualdade aumente em apenas dois pontos percentuais anualmente, e o número total de pessoas vivendo na pobreza poderá ser maior do que antes do vírus surgir. Por outro lado, se os governos decidirem agir para reduzir a desigualdade em dois pontos percentuais ao ano, poderíamos retornar aos índices de pobreza anteriores à crise em três anos, e 860 milhões de pessoas a menos estarão na pobreza em 2030.⁴⁰

O CORONAVÍRUS ALIMENTOU E APROFUNDOU DESIGUALDADES JÁ EXISTENTES

A pandemia afetou muito mais as pessoas que vivem na pobreza do que os ricos e teve impactos particularmente graves sobre mulheres, negras e negros, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas em todo o mundo. As mulheres, e em maior medida as mulheres racializadas,⁴¹ correm mais risco

de perder seus empregos por causa do coronavírus que os homens.⁴² Na América Latina, negros e negras e povos indígenas, já marginalizados,⁴³ foram atingidos mais duramente que o resto da sociedade; eles têm maior probabilidade de morrer e de ficarem na miséria.⁴⁴

Na saúde

O coronavírus evidenciou os efeitos nocivos do sucateamento e subfinanciamento dos sistemas públicos de saúde, e o fracasso do setor privado quando diante de uma crise dessas proporções.

A probabilidade de morrer de Covid-19 é significativamente maior se você for pobre.⁴⁵ Se a pessoa é de uma comunidade negra ou indígena, essa probabilidade é ainda mais alta. Em junho de 2020, no Brasil, por exemplo, as pessoas negras foram identificadas com maior probabilidade de morrer que os brasileiros brancos. Naquele momento, se as taxas de mortalidade entre brancos e negros fossem iguais, mais de 9.200 pessoas negras estariam vivas.⁴⁶

Na educação

Em 2020, mais de 180 países fecharam temporariamente suas escolas, deixando perto de 1,7 bilhão de crianças e jovens fora da escola quando o isolamento atingiu seu pico.⁴⁷ Nos países mais pobres, a pandemia privou crianças em situação de vulnerabilidade até quase quatro meses sem aulas, em comparação com seis semanas no caso de crianças de países com alta renda.⁴⁸

Estima-se que o avanço global na educação de meninas ocorrido nos últimos 20 anos será revertido pela pandemia resultando em aumento da pobreza e da desigualdade.⁴⁹



Jennifer Sunthia, 24, professora no campo de refugiados Palabek em Uganda © Emmanuel Museruka

Trabalho e sustento

Centenas de milhões de empregos foram perdidos devido à pandemia.⁵⁰ O Índice de Compromisso com a Redução de Desigualdades (CRI, por sua sigla em inglês) da Oxfam e do *Development Finance International* mostra que 103 países entraram na pandemia com pelo menos uma de cada três pessoas de sua força de trabalho sem direitos trabalhistas e proteção social, como o auxílio-doença, por exemplo.⁵¹

Box 3: Morte solitária⁵²

Miska Jean Baptiste era avicultor nos Estados Unidos. Quando contraiu Covid-19 lhe disseram para continuar a trabalhar e esconder sua febre. Três dias depois, não conseguia respirar. No hospital, entrou em coma e foi colocado em um respirador. Ele morreu sozinho.

Ele deixou esposa e três filhos. Depois que sua viúva contou sua história para a mídia, a empresa lhe enviou um cartão e US\$100 em dinheiro. “Eles não se importam com a vida das pessoas. Se eles se importassem com sua saúde, ele ainda estaria vivo agora. Estaríamos sobrevivendo”, ela disse.

A pandemia expôs brutalmente as desigualdades no mundo do trabalho. Por exemplo, nos Estados Unidos, enquanto 90% dos trabalhadores no quartil superior de renda têm direito a licença médica remunerada, apenas 47% do quartil inferior a possui.⁵³ Em países de baixa renda, 92% das mulheres trabalham em empregos informais, perigosos ou inseguros.⁵⁴ O coronavírus também fez explodir a quantidade de trabalho de cuidado, mal pago ou não pago, feito predominantemente por mulheres e, em particular, mulheres de grupos que enfrentam a marginalização racial e étnica.⁵⁵

Uma perda catastrófica de renda sem qualquer proteção social levou a uma explosão da fome. Estima-se que até o final de 2020, pelo menos 6 mil pessoas podem ter morrido de fome, por dia, devido a questões relacionadas à pandemia.⁵⁶

Ainda assim, o vírus mostrou o que importa de fato e o que é possível

O vírus nos fez refletir sobre o que realmente importa e o que devemos valorizar mais em nossa sociedade. Que trabalhadores essenciais são enfermeiros, motoristas de ônibus e trabalhadores de supermercados, e não administradores de fundos multimercados ou advogados corporativos.

Políticas transformadoras, que pareciam impensáveis antes da crise estourar, de repente se mostraram como uma possibilidade. Não deve haver retorno à desigualdade usual. Em vez disso, é urgente que os governos criem um mundo mais igualitário e sustentável e uma economia mais humana.

"Historicamente, as pandemias forçaram os humanos a romper com o passado e imaginar um mundo novo. Esta não é diferente. É um portal, uma passagem entre um mundo e o outro. Podemos escolher caminhar por ele, arrastando as carcaças de nosso preconceito e ódio, nossa avareza, nossos bancos de dados e ideias mortas, nossos rios mortos e céus esfumaçados. Ou podemos caminhar com leveza, com pouca bagagem, prontos para imaginar outro mundo. E prontos para lutar por isso."

– Arundhati Roy⁵⁷



A pandemia da Covid-19 dificultou a vida da empreendedora queniana e mãe de 4 crianças, Lucia Mildred.
© Brian Otieno/Oxfam in Kenya

AS PESSOAS QUEREM UM MUNDO BEM DIFERENTE

Era visível antes da crise, e está ainda mais visível agora, que as pessoas querem um mundo melhor. Em 2019, antes de a pandemia chegar, protestos contra a desigualdade se espalharam por todo o planeta. Em 2020, os protestos Vidas Negras Importam (*Black Lives Matter*) mostraram uma profunda rejeição à desigualdade racial. Pesquisas em todo o mundo mostram um apoio esmagador às ações que buscam construir um mundo mais igualitário e sustentável após a pandemia.⁵⁸

Após a crise financeira de 2008, os governos fizeram escolhas nítidas: diminuíram os impostos de pessoas e empresas ricas; permitiram que as corporações priorizassem pagamentos cada vez maiores aos seus ricos acionistas em detrimento dos trabalhadores; implementaram medidas de austeridade brutais, com cortes nos serviços públicos como saúde; e continuaram a subsidiar os combustíveis fósseis e a destruição do clima. Essas escolhas aumentaram a desigualdade e causam grande sofrimento. Desta vez, deve ser diferente.

Essa visão é cada vez mais aceita por vozes e organizações influentes em todo o mundo, incluindo até mesmo alguns representantes do *status quo*. Klaus Schwab, o presidente do Fórum Econômico Mundial, que organiza o Fórum de Davos, recentemente criticou a “ideologia neoliberal”, e escreveu: “devemos superar o neoliberalismo na era pós-covid”.⁵⁹ O FMI disse que não deveria haver retorno à austeridade e pediu tributação progressiva.⁶⁰ O *Financial Times* pediu “reformas radicais” para reverter “a direção política predominante nas últimas quatro décadas”, defendendo redistribuição, renda básica e taxações de fortunas.⁶¹ Sem a pandemia, esses argumentos seriam impensáveis nos últimos anos.

A Oxfam identificou cinco passos em direção a um mundo melhor.

1. Um mundo profundamente mais igualitário e que saiba o que importa

Uma redução radical e sustentada da desigualdade é a base indispensável para um novo mundo. Os governos devem definir metas concretas e com prazos para reduzir a desigualdade, e não simplesmente voltar aos níveis anteriores à crise: devem ir além para criar urgentemente um mundo mais igualitário. É necessário ir além do Produto Interno Bruto (PIB) e começar a valorizar o que realmente importa. O combate à desigualdade deve estar no centro dos esforços de resgate e recuperação econômica. Isso deve incluir igualdade de gênero e raça. Países como Coréia do Sul, Serra Leoa e Nova Zelândia se comprometeram a reduzir a desigualdade como prioridade nacional, mostrando que isso é possível.⁶²

*O Banco Mundial calculou que se os países agirem agora para reduzir a desigualdade, em três anos os níveis de pobreza global voltarão a aqueles anteriores ao coronavírus, e não levando mais de uma década a partir de agora.*⁶³

2. Um mundo em que as economias se importem com as pessoas

Os governos devem rejeitar a velha receita de austeridade brutal e insustentável e garantir que renda, gênero ou raça não determinem a saúde ou a educação das pessoas. Em vez disso, devem investir em saúde universal gratuita, educação, assistência e outros serviços públicos. Os serviços públicos universais são a base de sociedades livres e justas e têm um poder incomparável para reduzir a desigualdade. Eles diminuem a distância entre ricos e pobres, mas também ajudam a diminuir a distância entre mulheres e homens, especialmente na redistribuição das responsabilidades de cuidados não remunerados. Ainda ajudam a nivelar o campo de jogo para grupos racializados e historicamente oprimidos e marginalizados. Países como Costa Rica e Tailândia alcançaram cobertura universal de saúde em uma década.⁶⁴ Outros podem fazer o mesmo.

Os governos devem também buscar urgentemente uma “vacina popular” para combater a pandemia.⁶⁵ Para isso, devem enfrentar as empresas farmacêuticas e insistir no acesso aberto a todas as patentes e tecnologias relevantes para permitir vacinas e tratamentos seguros e eficazes para todos.

*O cancelamento de dívidas liberaria US\$3 bilhões por mês para os países pobres investirem em saúde gratuita para todos.*⁶⁶

3. Um mundo sem exploração e com segurança financeira

O combate à desigualdade deve estar em primeiro lugar. Para isso, empresas devem ser redesenhadas para priorizar a sociedade, e não os pagamentos cada vez maiores a seus já ricos acionistas. Rendimentos devem ser garantidos e salários máximos podem ser introduzidos. Bilionários são um sinal de fracasso econômico e a extrema riqueza deve acabar.

O vírus mostrou que garantir renda é essencial e que uma solução permanente para a pobreza é possível. Para isso, precisamos não apenas de salários dignos, mas também

de uma estabilidade no trabalho muito maior, com direitos trabalhistas, auxílio-doença, licença parental paga e seguro-desemprego.

Os governos também devem reconhecer, reduzir e redistribuir o trabalho de cuidado mal pago e não pago que é feito predominantemente por mulheres, e mulheres racializadas em particular.⁶⁷

*No Reino Unido, um estudo do High Pay Center descobriu que um salário máximo de 100 mil libras (aproximadamente US\$133.500) teria o poder de redistribuir o equivalente, em dinheiro, a mais de 1 milhão de empregos, mostrando que se os muito ricos ganhassem um pouco menos, demissões em massa poderiam ser evitadas.*⁶⁸

4. Um mundo em que os super ricos paguem uma quantia justa de impostos

A crise do coronavírus deve marcar um ponto de inflexão na tributação dos indivíduos mais ricos e das grandes corporações. Devemos olhar para esta crise como o momento em que finalmente começamos a tributar os ricos de forma justa - o momento em que a corrida para o fundo do poço acabou e a corrida para o topo começou. Isso pode incluir aumento de impostos sobre fortunas, impostos sobre transações financeiras e o fim da evasão fiscal. A tributação progressiva dos estratos mais ricos da sociedade é a pedra angular de qualquer recuperação equitativa da crise, pois permitirá o investimento em um futuro sustentável e equitativo. A Argentina mostrou o caminho ao taxar fortunas por meio de um imposto solidário temporário para os extremamente ricos, o que pode gerar mais de US\$3 bilhões para pagar as medidas de contenção da pandemia de coronavírus, incluindo suprimentos médicos e auxílio financeiro para pessoas que vivem na pobreza ou de pequenos negócios.⁶⁹

*Um imposto sobre os lucros excessivos auferidos pelas empresas durante a pandemia do coronavírus poderia gerar US\$104 bilhões;⁷⁰ o suficiente para fornecer proteção contra o desemprego para todos os trabalhadores e apoio financeiro para todas as crianças e idosos nos países mais pobres.*⁷¹

5. Um mundo com segurança climática

O colapso do clima é a maior ameaça à existência humana. As mudanças climáticas já estão destruindo meios de subsistência e tirando a vida das pessoas mais pobres, e de comunidades economicamente excluídas e historicamente oprimidas, onde as mulheres nessas são as mais afetadas.⁷²

Para evitar isso, precisamos construir uma economia voltada para a sustentabilidade que evite uma maior degradação do nosso planeta e o preserve para nossos filhos. Precisamos acabar com todos os subsídios aos combustíveis fósseis e às corporações do setor e seus ricos acionistas que lucram com as ajudas concedidas pelos governos. A luta contra a desigualdade e por justiça climática são a mesma luta. A pandemia nos mostrou que uma ação massiva por parte dos governos é possível diante de uma crise; devemos ver o mesmo nível de ação para prevenir o colapso do clima.

O FUTURO DEPENDE DAS ESCOLHAS QUE FIZERMOS AGORA

Estamos em um ponto crucial na história humana, um momento que será contado nos livros de História. Não podemos retornar ao mundo brutal, desigual e insustentável no qual o vírus nos encontrou. A humanidade tem um talento incrível, uma riqueza enorme e uma imaginação infinita. Devemos colocar todos esses recursos em ação para construir uma economia humana mais igualitária que beneficie a todos, não apenas a poucos privilegiados.

1. UM ABISMO CRESCENTE ENTRE RICOS E POBRES

A Covid-19 levou países em todo o mundo para a beira de uma extrema crise econômica e sanitária. É evidente que o fosso entre ricos e pobres já havia atingido níveis extremos antes da pandemia e agora, a menos que ações urgentes sejam tomadas, a crise do coronavírus ameaça levar a um aumento da desigualdade econômica em quase todos os países de uma só tacada, o que ocorreria pela primeira vez desde que se tem registro.

O CORONAVÍRUS ATINGIU UM MUNDO JÁ EXTREMAMENTE DESIGUAL

Desde o início do século 21, a concentração de riqueza entre os mais ricos tem aumentado constantemente. O número total de bilionários quase dobrou dez anos após a crise financeira de 2008 e, entre 2017-2018, um novo bilionário foi criado a cada dois dias.⁷³

Esse abismo crescente entre os mais ricos e o restante da população foi alimentado, em parte, por níveis elevados e persistentes de desigualdade de renda. Em 2015, a maior parte da população mundial vivia em países onde a desigualdade havia aumentado nos 25 anos anteriores.⁷⁴ O *World Inequality Lab* mostrou que, entre 1980 e 2016, o 1% mais rico recebeu 27 centavos de cada dólar de crescimento da renda global.⁷⁵ Isso era mais do que o dobro da participação dos 50% mais pobres.

Essa extrema desigualdade mostra que bilhões de pessoas já viviam no limite quando a pandemia começou. Elas não tinham nenhum recurso ou apoio para enfrentar a tempestade econômica e social que se instalou. Mais de três bilhões de pessoas não tinham acesso à saúde;⁷⁶ três quartos dos trabalhadores não tinham acesso a políticas de proteção social, como seguro-desemprego ou auxílio-doença;⁷⁷ e, em países de renda baixa e média-baixa, mais da metade dos trabalhadores sobrevivia com trabalhos precários.⁷⁸

Essa extrema desigualdade é o produto de um sistema econômico explorador projetado para beneficiar uns poucos super ricos e poderosos. Baseia-se na economia neoliberal e na captura da política pelas elites.⁷⁹ Esse sistema gera um acúmulo implacável de riqueza e renda no topo, ao mesmo tempo que esmaga os que estão na base e alimenta a pobreza. Apesar de o Produto Interno Bruto (PIB) global ter dobrado desde 1990, em países de renda baixa e média-baixa, mais da metade dos trabalhadores ainda vive na pobreza,⁸⁰ e pouco dos rendimentos do crescimento econômico foram divididos com os trabalhadores; em 91 de 133 países, entre 1995 e 2014, os salários não cresceram tão rápido quanto a produtividade.⁸¹

O modelo econômico falido explorou e exacerbou sistemas arraigados de desigualdade e opressão, diga-se patriarcado e racismo estrutural, fundado na supremacia branca. Depende do trabalho de mulheres e grupos racializados em todo o mundo, como negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente

marginalizadas e oprimidas, para sustentar uma economia que gera o acúmulo de riqueza e de privilégios nas mãos de uma elite patriarcal branca.⁸² Globalmente, as mulheres realizam três quartos de todo o trabalho de cuidado não remunerado e representam dois terços da força de trabalho de cuidado remunerado,⁸³ - muitas vezes mal pago, mas que contribui com trilhões de dólares para a economia global e permite que os mais ricos prosperem.⁸⁴ Esse trabalho é ainda mais essencial e oneroso diante da pandemia do coronavírus e, ainda assim, permanece mal pago e desvalorizado.

Esse modelo econômico extrativo, baseado em um crescimento altamente desigual e intensivo na produção de carbono, também está acelerando a crise climática, em grande parte com o propósito de enriquecer os já ricos, em vez de reduzir a pobreza. Os 10% mais ricos da população global foram responsáveis por 52% das emissões de carbono adicionadas à atmosfera entre 1990 e 2015 - esgotando em cerca de um terço a quantidade total de carbono que pode ser adicionado se o aquecimento global for mantido dentro de 1,5°C - meta do Acordo de Paris. O 1% mais rico foi responsável por 15% das emissões durante esse período - mais do que o dobro da metade mais pobre da humanidade.⁸⁵

Box 1: Neoliberalismo, patriarcado e supremacia branca

Neoliberalismo tem sido o modelo econômico dominante desde os anos 1980. É centrado na expansão dos mercados e do individualismo, o que levou ao aumento dos direitos, mobilidade e liberdades para as corporações, e uma redução correspondente da mobilização coletiva, da regulação estatal e da intervenção governamental na economia.

Patriarcado é um sistema de opressão construído em torno do privilégio masculino e de masculinidades dominantes que perpetuam relações de poder sexistas e hierárquicas. Legitima a discriminação e exclusão de mulheres e pessoas com gênero não-conformes por meio de normas sociais, políticas e de instituições.

Supremacia branca refere-se a um sistema político e socioeconômico no qual os brancos gozam de vantagens e direitos estruturais que outros grupos raciais e étnicos não têm, tanto em nível coletivo quanto individual.⁸⁶ É relevante para a compreensão do atual modelo econômico capitalista dominante, vinculado a séculos de colonialismo.

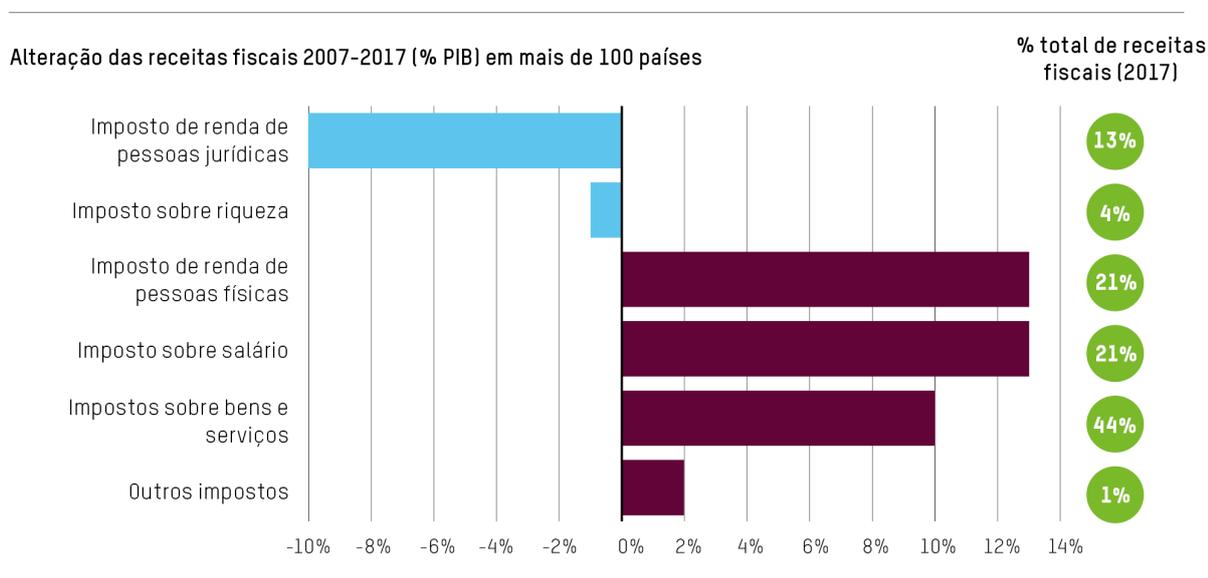
O neoliberalismo desconstruiu as categorias políticas de raça e gênero para priorizar a ideia do individualismo e do esforço. Essa doutrina pressupõe que os mercados são autorregulados, justos, não vê raça ou gênero.⁸⁷ Afirma que a posição de uma pessoa na vida é produto de seu esforço, talento e escolha. Assim, as estruturas econômicas, políticas e culturais são construídas com base no pressuposto do mérito e da justiça, em que raça e gênero não são mais um problema. Como afirma o economista Darrick Hamilton, a ideologia neoliberal promete que a prosperidade econômica atuará como “*uma maré crescente que leva todos os barcos*”, mas nos Estados Unidos essa promessa nunca se materializou para os negros.⁸⁸

Há ampla evidência de que grupos sociais específicos têm resultados piores ao longo de suas vidas, independentemente do esforço, e que grupos específicos acumulam benefícios e privilégios, igualmente independentemente do esforço. O pensamento econômico neoliberal apaga a existência de identidades, pois reflete os interesses da supremacia branca e do patriarcado e diminui o papel do poder associado a ela. Esses sistemas sustentam de forma arraigada formas múltiplas e interligadas de desigualdade que são a causa raiz da pobreza e da injustiça.

Nacionalmente, aumentos na desigualdade de renda e riqueza muitas vezes foram desencadeados por uma série de políticas ideologicamente orientadas em relação a impostos, gastos, responsabilidade corporativa, trabalho e salários que atendem aos

interesses dos poucos super-ricos e poderosos existentes. Os gastos públicos há muito foram esvaziados por regimes de impostos cada vez mais regressivos que beneficiam fortunas de indivíduos e de empresas. Entre 1985 e 2019, a taxa média global de imposto de renda corporativo caiu de 49% para 23%,⁸⁹ e, desde 1980, a taxa máxima de imposto de renda de pessoa física nos EUA caiu quase pela metade, de 70% para 37%.⁹⁰ Além das perdas devido a taxas de impostos mais baixas, a *Tax Justice Network* estima que os países estão perdendo mais de US\$427 bilhões em impostos a cada ano em razão do abuso fiscal corporativo internacional e da evasão fiscal privada, “custando ao conjunto dos países o equivalente a quase o salário anual de 34 milhões de enfermeiras todos os anos - ou o salário anual de uma enfermeira a cada segundo”.⁹¹ Ao mesmo tempo, os pagamentos das empresas aos seus ricos acionistas aumentaram dramaticamente.⁹² Entre 2009 e 2018, as corporações francesas CAC40 viram os pagamentos a seus acionistas aumentarem 70% e os salários dos CEOs subirem 60%. Paralelamente, o salário médio dos trabalhadores dessas empresas cresceu apenas 20%.⁹³

Figura 1: Transferência de impostos de empresas para as famílias⁹⁴



Após a crise financeira de 2008-09, o aumento da desigualdade foi agravado pela austeridade para os pobres e diminuição de impostos para os ricos. Um estudo abrangente de medidas de política governamental na década seguinte à crise concluiu que as medidas de austeridade implementadas afetavam 75% da população global.⁹⁵ Isso incluiu o corte de aposentadorias, salários de professores e trabalhadores da saúde, corte de subsídios e benefícios e redução de direitos trabalhistas. A década que se iniciou em 2010 também viu um aumento constante do Imposto sobre Valor Agregado (IVA), combinado com uma redução nas taxas de impostos para as empresas e indivíduos mais ricos.⁹⁶ As políticas de austeridade mostraram levar a um aumento da desigualdade,⁹⁷ com um impacto desproporcional nas mulheres e grupos racializados, conforme revelado por um estudo no Reino Unido.⁹⁸ Entre outros impactos negativos, essas medidas foram responsáveis, em parte, pelo fortalecimento de ideias e políticas populistas, autoritárias e racistas.⁹⁹

Se os países tivessem aumentado a tributação dos mais ricos, poderiam ter evitado muitas medidas de austeridade que criam desigualdade e pobreza. A Oxfam calculou que no Marrocos, por exemplo, um imposto de 2% sobre o patrimônio líquido teria

gerado quase US\$6,17 bilhões entre 2010 e 2019, uma soma que poderia ter sido usada para estender o seguro saúde obrigatório a mais 7,5 milhões de pessoas, dobrando a população coberta.¹⁰⁰

O CORONAVÍRUS ESTÁ DEIXANDO OS RICOS MAIS RICOS...

A atual crise econômica é comparável em sua escala apenas com a Grande Depressão da década de 1930. Segundo o Banco Mundial, a contração do PIB global por causa da pandemia será próxima a 5,2% em 2020, e o número de países que registram contrações per capita é o maior que o mundo já viu desde 1870.¹⁰¹ Preços em queda de commodities e petróleo, juntamente com choques de oferta nas cadeias globais de valor, também estão alimentando esta crise econômica. No entanto, o impacto não será sentido uniformemente.

Em março de 2020, os mercados de ações em todo o mundo sofreram o pior choque em um século, e bilhões de dólares em ativos financeiros foram perdidos. No entanto, desde então, os mercados se recuperaram bem, e com eles as fortunas das pessoas mais ricas do mundo, que detêm grande parte de sua riqueza em ações. A riqueza dos mil maiores bilionários, um pequeno grupo formado principalmente por homens brancos,¹⁰² voltou aos níveis pré-pandêmicos em apenas nove meses.¹⁰³ Em contraste, após a crise financeira de 2008, foram necessários cinco anos para que a riqueza dos bilionários se recuperasse e voltasse ao patamar pré-crise.¹⁰⁴ O fato de que o mercado de ações cresce enquanto a economia real enfrenta sua depressão mais profunda em um século é, em grande parte, uma reação às medidas dos bancos centrais que agiram para injetar bilhões de dólares nos mercados de ações e evitar que quebrassem, enquanto os governos se mobilizaram de maneira mais errática para apoiar suas economias reais.¹⁰⁵

Em todo o mundo, os bilionários viram sua riqueza aumentar em espantosos US\$3,9 trilhões entre 18 de março e 31 de dezembro de 2020.¹⁰⁶ Sua riqueza total agora é de US\$11,95 trilhões,¹⁰⁷ o que é equivalente ao que os governos do G20 gastaram em resposta à pandemia.¹⁰⁸ Apenas três dos 50 bilionários mais ricos do mundo viram suas fortunas diminuir nesse período, perdendo US\$3 bilhões entre eles. Os dois bilionários que viram os maiores aumentos em sua riqueza neste período são dos setores de tecnologia e automotivo, produção de baterias e espacial: Elon Musk aumentou sua riqueza líquida em US\$128,9 bilhões, Jeff Bezos em US\$78,2 bilhões. Os dez bilionários mais ricos do mundo viram sua riqueza aumentar, conjuntamente, em US\$540 bilhões nesse período.¹⁰⁹

Algumas das maiores corporações do mundo estão repassando lucros de bilhões de dólares a seus acionistas, rendendo mais uma sorte inesperada aos bilionários mais ricos do mundo.¹¹⁰

Box 2: Bilionários versus seus empregados

Desde o início da pandemia, muitas grandes corporações colocaram os lucros acima da segurança dos trabalhadores, empurraram os custos de sua cadeia de abastecimento para baixo e usaram seu peso político para influenciar as políticas de recuperação. Isso fez com que as megacorporações vissem seus lucros dispararem, aumentando a riqueza de seus acionistas ricos, enquanto as pequenas e médias empresas (PMEs) e os trabalhadores de baixa renda e as mulheres arcam com o impacto da crise.¹¹¹

Enquanto as 25 maiores corporações dos EUA estavam em vias de obter 11% a mais de lucros em 2020 em comparação com o ano anterior, as pequenas empresas naquele país provavelmente perderão mais de 85% de seus lucros no segundo trimestre do ano.¹¹²

Mukesh Ambani é o homem mais rico da Índia; sua empresa *Reliance Industries* é especializada em petróleo, varejo e telecomunicações. Entre março e outubro de 2020, sua riqueza mais do que dobrou, chegando a US\$78,3 bilhões, fazendo-o ocupar a 6ª posição de pessoa mais rica do mundo – quando anteriormente ocupava a 21ª posição. Durante esse período, o aumento médio de sua riqueza em pouco mais de quatro dias representou mais do que os salários anuais combinados de todos os 195 mil funcionários da *Reliance Industries*.¹¹³

Em setembro de 2020, Jeff Bezos, então o homem mais rico do planeta, poderia ter pago pessoalmente, a cada um dos 876 mil funcionários da Amazon, um bônus único de US\$105 mil com o que acumulou apenas entre março e agosto de 2020, e ainda ser tão rico quanto era no início da pandemia.¹¹⁴

Entre março e agosto de 2020, bilionários da região do Médio Oriente e Norte da África (MENA, sigla em inglês) aumentaram sua riqueza em 20%, mais que o dobro do financiamento de emergência do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a região no mesmo período, e quase cinco vezes o valor do apelo humanitário das Nações Unidas para a Covid-19 na região.¹¹⁵ Na América Latina e Caribe, após a queda dos mercados, a riqueza combinada dos bilionários aumentou 17% entre março e julho de 2020.¹¹⁶ Isso totaliza US\$48 bilhões adicionais, o suficiente para pagar um terço de todos os pacotes fiscais de estímulo introduzidos pelos governos da região em resposta à crise do coronavírus no período. Também foram nove vezes mais do que o crédito emergencial fornecido pelo FMI na região no mesmo período, e mais de cinco vezes o montante necessário para evitar que 12,4 milhões de pessoas caíssem na pobreza extrema por um ano.¹¹⁷

As evidências nos mostram que, em todo o mundo, as pessoas mais ricas escaparam dos piores impactos da pandemia. No Reino Unido, embora as famílias de baixa renda tenham se endividado durante o isolamento,¹¹⁸ os 20% mais ricos salvaram US\$30 bilhões.¹¹⁹ Enquanto o Líbano enfrenta uma implosão econômica, os super ricos do país encontram consolo em resorts nas montanhas.¹²⁰ As vendas de jatos particulares dispararam globalmente quando as viagens comerciais foram proibidas,¹²¹ e foi relatado que os ricos do mundo transferiram grande parte de seu dinheiro para paraísos fiscais em resposta ao isolamento.¹²²

As políticas de recuperação e os pacotes de incentivo fiscal também subsidiaram prósperas indústrias poluentes. Os países do G20, por exemplo, prometeram US\$251 bilhões para o setor de combustíveis fósseis como parte do pacote de recuperação em novembro de 2020.¹²³ Esse tipo de ação protegeu essas empresas e seus acionistas ricos dos piores impactos da crise, socializando suas perdas - ou seja, transferindo a toda a sociedade o ônus gerado pelo setor, por meio de subsídios ou resgates financiados pelo contribuinte - enquanto continuam a prejudicar o meio ambiente.

...E OS POBRES MAIS POBRES

Enquanto os maiores bilionários do mundo continuam acumulando riqueza, pessoas que vivem na pobreza ficam mais pobres como resultado da crise causada pela pandemia. Estimativas recentes mostram que o número de pessoas que vivem com menos de US\$5,50 por dia¹²⁴ poderia aumentar entre 200 milhões¹²⁵ a 500 milhões¹²⁶ em 2020. Segundo a *Development Initiatives*, as pessoas mais pobres em quase todos os países viram suas rendas diminuir durante a pandemia.¹²⁷

Mais de dois terços das pessoas recentemente empurradas para a pobreza estão no Sul Asiático, Ásia Oriental e no Pacífico.¹²⁸ Embora a riqueza bilionária cresça na região da América Latina e Caribe, conforme apresentado acima, estima-se que, em 2020, ao redor de 40 milhões de pessoas perderão seus empregos e mais 52 milhões provavelmente se tornarão pobres.¹²⁹

O que o vírus revelou é a precariedade brutal dos meios de subsistência da maior parte da humanidade. Em tempos “normais”, a maioria das pessoas sobrevive com uma renda apenas um pouco acima da linha da pobreza. Globalmente, 56% da população vive com uma renda entre US\$2 e US\$10 por dia.¹³⁰ Em países de renda baixa e média, mais da metade dos trabalhadores vive na pobreza realizando trabalhos precários,¹³¹ sem proteção trabalhista ou acesso a seguro-desemprego. Isso significa que a fome aparece rapidamente para essas pessoas quando suas rendas desaparecem, como aconteceu, da noite para o dia, em tantos países com a imposição de confinamentos, a paralisação de cadeias globais de abastecimento e a crise econômica desencadeada pelo vírus.

A maioria dos que são empurrados para a pobreza são trabalhadores informais.¹³² Eles estão excluídos da proteção social, programas de assistência social e acesso a crédito. Frequentemente, em tempos de crise, precisam vender pequenos bens como bicicletas ou animais a preços baixos, o que os torna menos capazes de se recuperar e cria uma armadilha da pobreza¹³³ que pode persistir por décadas. Essa armadilha, que não é sentida pelos que estão no topo da economia, significa que, mesmo que o crescimento volte rapidamente é provável que os grupos mais pobres se recuperem mais lentamente, levando a um grande aumento da desigualdade, a menos que ações concretas sejam tomadas. Isso afetará desproporcionalmente mulheres, jovens, crianças, povos indígenas e trabalhadores migrantes, visto que têm maior probabilidade de trabalhar no setor informal.¹³⁴



Nur Jahan*, com sua filha Ismat*, anda por uma viela ao lado de seu barraco, no campo de refugiados Cox's Bazar Rohingya em Bangladesh. *Nomes fictícios para proteger suas identidades. © Fabeha Monir/Oxfam

UM DURO FUTURO ECONÔMICO PARA OS PAÍSES MAIS POBRES

Hoje, a crise do coronavírus está aumentando a necessidade de gastos públicos, da mesma forma que seus impactos econômicos estão afetando fortemente os orçamentos públicos, especialmente nos países de renda baixa.

A dívida aumentou, deixando os países que já estavam endividados à beira da falência. A situação é especialmente terrível para os países de renda baixa, em particular para metade das economias africanas com esse perfil, que já estavam em situação de super endividamento ou em alto risco antes da pandemia.¹³⁵ A crise econômica resultante da pandemia pressionou fortemente os recursos externos, com queda de 20% nas remessas, queda de 25% no investimento estrangeiro direto (IED) e no comércio,¹³⁶ queda nos preços das commodities e fuga de capitais em níveis históricos.¹³⁷ A resposta internacional das nações do G20, a Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (DSSI, sigla em inglês) com credores bilaterais, apenas adiou o pagamento do serviço da dívida no valor de US\$5,3 bilhões para 46 países - o que equivale a apenas 1,66% do estoque da dívida devido pelos países de renda baixa e média.¹³⁸ O alívio imediato da dívida em todas as áreas é urgentemente necessário, mas o G20 não está conseguindo entregar na escala necessária e está evitando forçar bancos muito ricos e fundos de investimento a pararem de coletar dinheiro daqueles países.

As receitas fiscais entraram em colapso. O FMI estima que as receitas na África, sul do Saara, diminuirão em média 2,6% do PIB em 2020 em comparação com 2019,¹³⁹ e a Oxfam estima que a América Latina perderá US\$113,4 bilhões em receitas fiscais em 2020, o equivalente a 59% dos gastos com a saúde pública na região.¹⁴⁰

Os níveis de assistência oficial ao desenvolvimento (AOD), que representaram um quarto do financiamento externo para os países menos desenvolvidos em 2018, também devem cair significativamente nos próximos anos. Se a AOD ficar alinhada com a renda nacional bruta (RNB) dos doadores, ela poderia diminuir entre US\$11 bilhões a US\$14 bilhões em 2020.¹⁴¹ Os países doadores deram às instituições financeiras internacionais a tarefa de financiar a crise da Covid-19 nos países de renda baixa, mas o financiamento é principalmente na forma de empréstimos, o que irá aumentar ainda mais o super endividamento destes países.

Mais austeridade está sendo recomendada e planejada: a análise da Oxfam mostra que, em setembro de 2020, 84% dos empréstimos do fundo Covid-19 do FMI encorajavam e, em alguns casos, exigiam que os países adotassem medidas de austeridade após a crise de saúde.¹⁴²

Enquanto os países de baixa renda lutam para fornecer os serviços essenciais e a assistência social de que seus cidadãos precisam, são as pessoas que vivem na pobreza, especialmente mulheres e grupos marginalizados, que pagam o preço.

MULHERES E GRUPOS RACIALIZADOS ESTÃO PAGANDO O PREÇO

Em todo o mundo, 740 milhões de mulheres trabalham na economia informal e, durante o primeiro mês da pandemia, sua renda caiu 60%,¹⁴³ o que equivale a uma perda de mais de US\$396 bilhões.¹⁴⁴ A pandemia também está empurrando as mulheres de maneira desproporcional para o desemprego, especialmente porque os confinamentos e o distanciamento social afetaram forças de trabalho altamente feminizadas em setores de serviços, como o turismo.

Globalmente, as mulheres estão sobrerrepresentadas nos setores da economia mais afetados pela pandemia.¹⁴⁵ Se as mulheres tivessem uma representação proporcional aos homens nesses setores, 112 milhões delas não estariam correndo alto risco de perder seus rendimentos ou empregos.¹⁴⁶ No México, uma das poucas economias emergentes que ainda não ofereceu nenhum programa adicional no contexto da pandemia para assistir as pessoas que vivem na pobreza, 21% das mulheres que trabalham no setor informal foram dispensadas, em comparação com 15% de homens com empregos informais em maio de 2020.¹⁴⁷

Há algumas evidências de que grupos racializados, que tendem a ter empregos informais e precários, também têm maior probabilidade de ver suas rendas e empregos duramente afetados pela pandemia. Evidências sugerem que na América Latina a pandemia está empurrando mais pessoas negras e indígenas para a pobreza. Estima-se que no México a porcentagem de indígenas que vivem com menos de US\$5,50 por dia poderia aumentar entre 5,4 e 5,7 pontos percentuais, elevando o total para 71%. No Brasil, o percentual de pessoas negras e indígenas na mesma situação pode aumentar entre 6 e 7,7 pontos percentuais, chegando a 38%.¹⁴⁸



Julissa Álvarez 44 anos e cabelereira na República Dominicana. Por conta da Covid-19 e do confinamento ela perdeu seus clientes e ofício, com o qual colocava comida na mesa de sua família de seis filhos e um companheiro. Graças ao projeto "Closing Gaps" apoiado pela Oxfam e outras organizações, Julissa tem recebido vale alimentação para suprir suas necessidades por pelo menos dois meses. © Valerie Caamaño/Oxfam

Também é estimado que nos Estados Unidos a pandemia agravará ainda mais o fosso econômico racial. Enquanto as taxas de pobreza entre os brancos devem aumentar em 4,2 pontos percentuais devido à pandemia, os negros enfrentarão um aumento de 12,6 pontos percentuais e os latino-americanos um aumento de 9,4 pontos percentuais.¹⁴⁹

Box 3: A abordagem deste informe sobre interseccionalidade das desigualdades no contexto da pandemia

Neste relatório, a Oxfam busca descompactar os impactos desiguais da pandemia da Covid-19 em muitas dimensões da vida das pessoas - renda, riqueza, saúde, educação, trabalho e segurança alimentar - e como essas desigualdades econômicas e não econômicas se sobrepõem e reforçam entre si.

Aqui analisamos como esses impactos variam em relação a diferentes marcadores de identidade, com um foco particular em pessoas que vivem na pobreza, mulheres, negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas, e com alguns exemplos de trabalhadores informais, migrantes ou comunidades LGBTQIA+. Este documento também fornece exemplos de como essas identidades interagem umas com as outras e criam barreiras múltiplas ou específicas à igualdade. Ele se baseia no conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw, que fornece uma ferramenta analítica para entender “onde o poder vem e se choca, onde ele se interliga e se cruza” e como as desigualdades são estruturadas a partir da inter-relação de vários níveis de injustiça social.¹⁵⁰ A interseccionalidade ajuda a entender as desvantagens inter-relacionadas e sobrepostas determinadas pela combinação de várias camadas de identidade, como classe, gênero (entendido como um espectro que inclui identidades de gênero não binárias), raça, etnia, casta, sexualidade, habilidade, religião, idade, língua, cidadania e outros eixos identitários.

Entretanto, dada a escassez de dados intersetoriais comparáveis e relevantes, o relatório não pode fornecer uma análise interseccional completa e sistemática dos impactos da pandemia e/ou desigualdade.¹⁵¹

DESIGUALDADE DEVE AUMENTAR EM CADA PAÍS

A pandemia está afetando as economias de todos os países do planeta e os empregos e a renda de cada pessoa. No entanto, como mostramos, os impactos não estão sendo sentidos da mesma forma. O aumento da fortuna daqueles que estão no topo da pirâmide econômica, ao lado dos impactos negativos significativos sobre os que estão na base, está aumentando a desigualdade econômica. Na verdade, a pandemia pode causar o maior aumento na desigualdade desde o início dos registros, pois precipita um aumento simultâneo e substancial em muitos países.

O FMI estima que epidemias recentes de doenças como a H1N1 (gripe suína) e o vírus Zika aumentaram os níveis de desigualdade¹⁵² nos países afetados em 1,3%. O impacto do coronavírus deverá ser muito maior por causa das restrições generalizadas que a pandemia exigiu.¹⁵³ Tanto o FMI quanto o Banco Mundial¹⁵⁴ expressaram fortes preocupações de que a crise levará a um aumento da desigualdade em países ao redor do mundo. Essas preocupações foram repetidas pelo Credit Suisse em seu relatório 2020 Global Wealth¹⁵⁵ e pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).¹⁵⁶

Box 4: É a primeira vez que a desigualdade aumenta em quase todos países ao mesmo tempo?

Os registros históricos mais antigos das tendências de desigualdade são baseados em registros fiscais que datam do início do século 20.¹⁵⁷ Quase todos os países ricos que possuem esses registros viram seus maiores índices de desigualdade pouco antes da Primeira Guerra Mundial;¹⁵⁸ após seu fim, essas tendências variaram de forma dramática. A desigualdade diminuiu após a 1ª e 2ª Guerras nas nações ricas. Em seguida, aumentou rapidamente em um grupo deles, como o Reino Unido e os Estados Unidos, a partir da década de 1980. Outras nações ricas, como a maior parte da Europa continental e do Japão, não viram aumentos tão grandes. Na ex-União Soviética, a desigualdade aumentou acentuadamente após o fim da Guerra Fria,¹⁵⁹ e na China após as reformas de livre mercado de 1980 em diante.¹⁶⁰ Durante a 2ª Guerra Mundial, alguns países como África do Sul e Argentina viram a desigualdade aumentar.¹⁶¹ Na Índia, a desigualdade caiu após a independência, mas recentemente voltou a níveis vistos pela última vez na época colonial.¹⁶² Nas últimas décadas, tem havido uma tendência de aumento da desigualdade na maioria dos países,¹⁶³ mas ainda há exceções notáveis. A América Latina teve uma queda na década de 2000, por exemplo.¹⁶⁴ A natureza do choque econômico da Covid-19 foi única: foi desigual em seu impacto nas sociedades,¹⁶⁵ mas foi sentido em todos os países do planeta ao mesmo tempo.¹⁶⁶ Espera-se que a renda per capita diminua em todas as regiões, pela primeira vez desde 1870.¹⁶⁷ Isso significa que é provável que a Covid-19 aumente a desigualdade em praticamente todos os países do planeta simultaneamente. Esta será a primeira vez que isso acontecerá desde o início dos registros de desigualdade, há mais de um século.

Para elaborar este relatório, a Oxfam entrevistou 295 economistas de 79 países, incluindo Jayati Ghosh, Jeffrey Sachs e Gabriel Zucman. Pedimos a eles que dissessem se pensavam que a desigualdade aumentaria devido ao impacto da pandemia do coronavírus. Fizemos perguntas sobre a desigualdade de renda, bem como sobre a desigualdade de gênero e raça.

87% dos entrevistados esperavam, no momento da entrevista, que a desigualdade de renda em seu país aumentasse ou aumentasse fortemente como resultado do coronavírus. Isso incluiu economistas de 77 dos 79 países. 78% dos entrevistados opinavam que a desigualdade iria aumentar ou aumentar fortemente, em 71 dos 79 países. Mais da metade de todos os entrevistados (56%) achava que a desigualdade de gênero provavelmente aumentaria, e dois terços (66%) opinavam o mesmo sobre a desigualdade racial. Dois terços também sentiram que seu governo não tinha um plano em vigor para combater a desigualdade.¹⁶⁸

Figura 2: Principais resultados da entrevista da Oxfam com economistas sobre o impacto da pandemia do coronavírus na desigualdade

87% dos entrevistados acreditam que o coronavírus levará a um aumento ou a um grande aumento na **DESIGUALDADE DE RENDA** em seu país.



78% dos entrevistados pensam que o coronavírus levará a um aumento ou a um grande aumento da **DESIGUALDADE DE RIQUEZA** em seu país.



56% dos entrevistados pensam que o coronavírus provavelmente levará a um aumento da **DESIGUALDADE DE GÊNERO** em seu país.



66% dos entrevistados acham que o coronavírus provavelmente levará a um aumento da **DESIGUALDADE RACIAL** em seu país.



67% dos entrevistados acham que seu governo **NÃO TEM UM PLANO PARA ATENUAR** o aumento da desigualdade gerada por causa do coronavírus.



Box 5: Evidência inicial do impacto da pandemia na desigualdade

Na maioria dos países, os dados de desigualdade são anteriores à pandemia e, embora haja um forte consenso de que a desigualdade aumentará em países de todo o mundo, as informações concretas estão apenas começando a aparecer. No entanto, pelo menos três pesquisas com enfoque em diversos países foram realizadas para medir o impacto inicial da pandemia sobre a desigualdade de renda.

Uma pesquisa online com 230.540 pessoas realizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em 17 países latino-americanos em abril de 2020 revelou que aqueles que estavam mais pobres em janeiro de 2020, tinham maior probabilidade de ter um membro da família dispensado do trabalho em abril.¹⁶⁹

Uma segunda pesquisa com 6.082 pessoas na China, Itália, Japão, Coreia do Sul, Reino Unido e Estados Unidos, realizada na terceira semana de abril de 2020 pelo *IZA Institute of Labor Economics*, não constatou que as perdas de renda eram distribuídas de forma desigual, mas sim concluiu que os mais pobres utilizaram mais suas economias e que o segundo quintil mais pobre esperava mais perdas de rendimentos do trabalho.¹⁷⁰ Ao mesmo tempo, estudos no Reino Unido e em outros lugares revelaram níveis crescentes das poupanças dos mais abastados, pois diminuíram seus gastos durante o confinamento.¹⁷¹ Estudos nacionais em alguns países de alta renda apontam que os pacotes de estímulo do governo podem ter sido eficazes na prevenção de um aumento na desigualdade, mas essas medidas são temporárias.¹⁷²

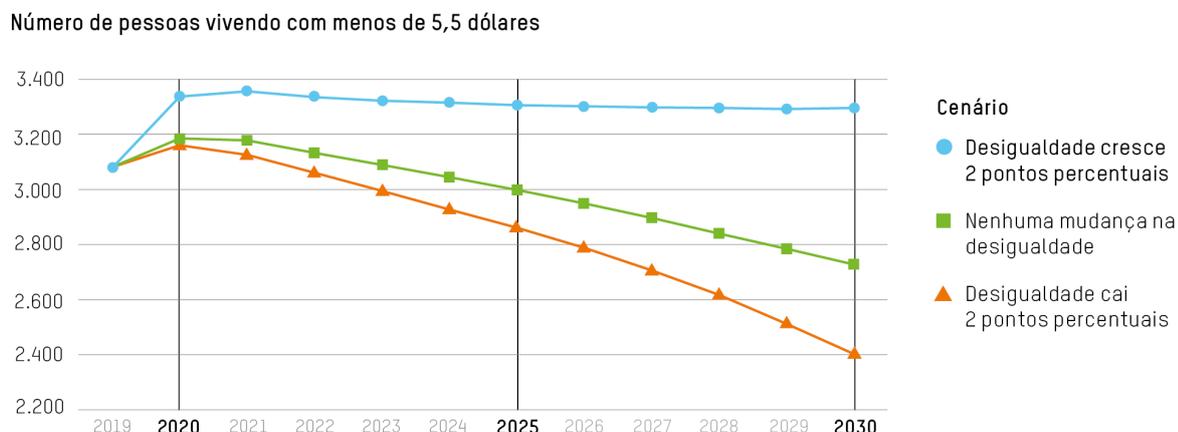
Um terceiro estudo, desta vez um conjunto de pesquisas por telefone, foi realizado pelo Banco Mundial em quinze países africanos e asiáticos em várias etapas,¹⁷³ iniciado em abril de 2020.¹⁷⁴ Não se constatou que os pobres sofreram mais perdas de empregos ou fechamentos de empresas que aquelas pessoas com renda média. O Banco Mundial concluiu: “aqueles com renda média podem ser empregados em serviços de transporte, hospedagem e varejo, que são mais afetados pelo fechamento de empregos como resultado da pandemia”.¹⁷⁵

Uma conclusão provisória é que a crise econômica prejudicou mais as pessoas que vivem na pobreza que as que são ricas. O impacto inicial aparentemente foi sentido mais pelas pessoas que são pobres que pelas pessoas extremamente pobres - os bilhões que vivem com uma renda entre US\$1,90 e US\$5,50 por dia. Além do impacto de curto prazo, aqueles que estão em melhor situação têm mais probabilidade de ter os recursos para se recuperar, enquanto a pandemia provavelmente terá impactos duradouros sobre as pessoas pobres que sobreviveram vendendo ativos produtivos e cortando seu consumo de alimentos, que abandonaram a escola permanentemente ou enfrentam o fechamento permanente dos pequenos negócios em que trabalham. A menos que uma ação governamental urgente seja tomada, é provável que isso, por sua vez, conduza a novos aumentos na desigualdade.

Se a desigualdade (medida pelo coeficiente de Gini¹⁷⁶) continuar a aumentar após a crise, isso terá um impacto profundo e de longo prazo sobre os níveis de pobreza. O Banco Mundial simulou o que o impacto de um aumento na desigualdade em todos os países significaria para a pobreza global no período pós crise.¹⁷⁷ Eles identificaram que se a desigualdade aumentar em dois pontos percentuais anualmente, o pior cenário com o crescimento global contraindo em 8%, então 501 milhões de pessoas a mais ainda podem viver com menos de US\$5,50 por dia em 2030, em comparação com um cenário sem aumento desigualdade. Como resultado, daqui a uma década, em 2030, os níveis de pobreza global ainda seriam mais altos que no início da pandemia, com 3,4 bilhões de pessoas vivendo com menos de US\$5,50 por dia. Por outro lado, se os governos tomarem uma ação coordenada e reduzirem a desigualdade em dois pontos percentuais ao ano, poderemos recuperar os níveis de pobreza pré-coronavírus em três anos. Em

2030, cerca de 860 milhões de pessoas a menos viveriam na pobreza se a desigualdade deixasse de aumentar.

Figura 3: Como a desigualdade pode impactar os níveis de pobreza global na década posterior ao coronavírus?



Sem uma ação decisiva, um grande e generalizado aumento da desigualdade econômica deixará um legado corrosivo, especialmente para as pessoas mais pobres e marginalizadas. Como disse Kristalina Georgieva, a diretora-geral do FMI, “o impacto será profundo [...] com a desigualdade crescente levando a agitações econômicas e sociais: uma geração perdida nos anos 2020 cujos efeitos serão sentidos nas décadas por vir”.¹⁷⁸

2. PESSOAS CAINDO NAS RACHADURAS DO SISTEMA

“Estamos todos flutuando no mesmo mar, mas é evidente que alguns estão em super iates, enquanto outros se agarram aos escombros à deriva.”

– Antonio Guterres, secretário geral da ONU¹⁷⁹

Como apresentado na parte 1, a crise do coronavírus expôs, alimentou e aumentou as desigualdades econômicas existentes, alimentando a pobreza e a injustiça. Esta parte 2 mostra que o modelo econômico falho não só leva à desigualdade econômica, mas também ao reforço mútuo das desigualdades sociais.

Em países ao redor do mundo, pessoas que vivem na pobreza, mulheres, negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e grupos historicamente marginalizados e oprimidos há muito são massivamente excluídas de serviços de saúde com qualidade, assistência social e educação. Eles realizam a maioria dos trabalhos de cuidados não remunerados e mal remunerados e tendem a não ter empregos bem pagos e seguros ou meios de subsistência sustentáveis. Hoje, sob a pressão da pandemia, mais pessoas

pobres e marginalizadas estão sendo empurradas pelas rachaduras de sistemas já falidos e desiguais.

A pandemia chamou a atenção para as fraturas sociais e políticas já presentes nas comunidades e desencadeou respostas discriminatórias que estão afetando comunidades marginalizadas em todo o mundo. Ela expôs as múltiplas vulnerabilidades e camadas de opressão e marginalização que algumas pessoas enfrentam com base em seu gênero, raça, etnia, idade, classe, casta, geografia, deficiência, sexualidade, religião, identidade indígena ou status de migrante/refugiado. Essas experiências, por sua vez, estão enraizadas em estruturas produtoras de privilégios e opressões moldadas por séculos de patriarcado, racismo estrutural e colonialismo.

Box 6: A pandemia está expondo o racismo sistêmico ao aumentar a discriminação

Muitos países testemunharam estigma, discriminação e discurso de ódio dirigido a minorias e até mesmo a profissionais de saúde suspeitos de serem portadores do vírus.¹⁸⁰ A propagação precoce da pandemia na China revigorou os estereótipos do povo chinês e desencadeou discriminação e crimes de ódio,¹⁸¹ com o racismo voltado aos chineses se espalhando para outros grupos asiáticos, incluindo vietnamitas, coreanos, japoneses e pessoas do nordeste da Índia.¹⁸²

A raiva e a desconfiança em relação a migrantes, refugiados, pessoas que vivem na pobreza e de determinados grupos religiosos e étnicos aumentaram durante a pandemia. Ataques verbais, vandalismo de casas e empresas, violência física e expulsão de escolas e locais públicos foram relatados em toda a Europa.¹⁸³ Na Itália, o antigo vice-primeiro-ministro Matteo Salvini vinculou erroneamente a Covid-19 aos requerentes de asilo africanos e pediu o fechamento da fronteira.¹⁸⁴ Povos indígenas, como os aborígenes e os das ilhas do Estreito de Torres na Austrália e a comunidade cigana em toda a Europa,¹⁸⁵ experimentaram racismo relacionado à pandemia.¹⁸⁶ Os municípios libaneses colocaram um toque de recolher aos refugiados sírios sob o pretexto de limitar a propagação do vírus.¹⁸⁷

Transparência, confiança e parceria com a comunidade são fundamentais para controlar a Covid-19. Não se trata apenas de atos individuais ou isolados de discriminação e preconceito, mas expressão do racismo sistêmico institucionalizado e generalizado. Eles são a antítese aos princípios dos direitos humanos, da equidade e da solidariedade que devem estar no centro das respostas nacionais e globais ao coronavírus.

EXPONDO A NEGLIGÊNCIA CRÔNICA AOS SISTEMAS PÚBLICOS DE SAÚDE

Não são apenas as doenças que matam as pessoas, mas também a injustiça social.¹⁸⁸ A pandemia expôs os piores efeitos dos sistemas públicos de saúde cronicamente negligenciados, especialmente para pessoas que vivem na pobreza e comunidades marginalizadas.¹⁸⁹ Sistemas fragilizados e com recursos insuficientes não têm capacidade para testar, rastrear e colocar os indivíduos em quarentena para controlar a disseminação do vírus ou para fornecer cuidados de saúde adequados e oportunos para todos que precisam. Mesmo entre os países de alta renda da OCDE, aqueles com um histórico de cortes significativos no financiamento da saúde experimentaram taxas de mortalidade por Covid-19 mais altas, mesmo com o controle de outros fatores sociodemográficos.¹⁹⁰

Em 2019, apenas 10% dos países mostraram evidências do compromisso por parte de líderes políticos com o investimento para enfrentar ameaças epidêmicas no país ou no exterior. Não é surpreendente, portanto, que a maioria dos países esteja mal equipada para prevenir, detectar ou responder a emergências de saúde como a que enfrentamos atualmente.¹⁹¹ Por exemplo, em março de 2020, os estados da União Europeia (UE) descobriram que precisavam de 10 vezes mais equipamentos para lidar com a pandemia do coronavírus que os disponíveis atualmente.¹⁹² O Sudão do Sul entrou na pandemia com mais vice-presidentes (cinco) que ventiladores (quatro), e 10 países na África simplesmente não tinham ventiladores.¹⁹³

Em vários países, o peso da dívida e o legado de medidas de austeridade e programas de ajuste estrutural esvaziaram os gastos públicos e os sistemas de saúde.¹⁹⁴ Isso levou a altos níveis de despesas diretas com a saúde e com taxas de usuários que tornaram os serviços essenciais inacessíveis para pessoas que vivem na pobreza e grupos marginalizados,¹⁹⁵ bem como para muitas mulheres e meninas. A Índia, por exemplo, tem o quarto orçamento de saúde mais baixo do mundo em termos de sua participação nos gastos do governo e as pessoas pagam por mais de 70% das suas despesas de saúde, mas apenas metade da população tem acesso até mesmo aos serviços de saúde mais básicos.¹⁹⁶ Os sistemas públicos que forçam as pessoas a pagarem seguros de saúde do próprio bolso também apresentam baixos resultados e um maior risco de morte durante a pandemia. Dados provisórios de 147 países sugerem que, quando as despesas privadas com saúde são 10% maiores, as taxas de mortalidade por Covid-19 sobem 4,9%.¹⁹⁷

Cerca de 90% dos países relataram interrupções nos serviços essenciais de saúde nos primeiros seis meses da pandemia,¹⁹⁸ e as pessoas mais pobres, que dependem mais dos sistemas públicos, são forçadas a pagar por planos de saúde privados, o que pode levar ao endividamento e à pobreza, ou colocar em risco seu bem-estar e até mesmo suas vidas. Enquanto isso, os mais ricos podem receber tratamento em clínicas privadas com bons recursos e ter os meios para se distanciar fisicamente dos outros e se manter seguros.

Isso evidencia o problema inerente a um sistema de saúde de dois níveis, em que serviços privados pagos estão disponíveis para aqueles que podem pagar e geralmente são os mais bem equipados e com mais profissionais, visto que os governos não investem nos sistemas públicos de saúde. Na África do Sul, por exemplo, o setor público atende a 84% da população do país, mas emprega apenas 30% dos médicos, enquanto o setor privado de saúde atende a 16% da população e possui 70% dos médicos.¹⁹⁹

Não é novidade que os impactos da pandemia na saúde afetaram mais duramente as pessoas mais pobres. Isso porque, em todo o mundo, os efeitos na saúde são fortemente determinados por desigualdades sociais e econômicas pré-existentes. Pessoas que vivem na pobreza são as mais expostas ao vírus. Elas tendem a viver em moradias superlotadas, sem água e instalações sanitárias.²⁰⁰ Quem tem contrato informal pode não conseguir trabalhar em casa ou tirar licença para se proteger. Em muitos países, tendem a trabalhar em áreas como hospedagens, cuidados de saúde e outros ambientes onde a infecção é mais provável.²⁰¹ Estudos realizados em vários países mostram que as taxas de infecção e mortalidade por Covid-19 apresentam uma nítida influência social. Na Inglaterra, a taxa de mortalidade por Covid-19 em 10% das áreas com maior carência é o dobro da que ocorre nos 10% de áreas com menor carência.²⁰² Tendências semelhantes foram relatadas na França,²⁰³ Brasil,²⁰⁴ Nepal,²⁰⁵ Espanha,²⁰⁶ e Índia²⁰⁷.

Pessoas em todo o mundo depositam suas esperanças em vacinas para acabar com a pandemia, mas há um risco de que imunizantes eficazes sejam monopolizados por países e indivíduos ricos e poderosos. Um pequeno grupo de nações ricas, representando apenas 14% da população mundial, comprou mais da metade do suprimento dos principais produtores da vacina.²⁰⁸ As farmacêuticas já obtiveram enormes lucros durante a pandemia²⁰⁹ e provavelmente serão as que mais ganharão com as vacinas eficazes, a menos que seja introduzido um limite de preço. As ações da Pfizer dispararam 15% após o anúncio em 9 de novembro de que sua vacina experimental era altamente eficaz.²¹⁰ Esse anúncio coincidiu com o diretor-executivo (CEO, por sua sigla em inglês) da empresa anunciando a venda de US\$5,6 milhões em ações. Embora essa venda tenha sido pré-programada em agosto, o CEO da Pfizer ganhou US\$800 mil a mais do que ganharia antes da divulgação da notícia positiva.²¹¹



Um trabalhador em um hospital na Espanha, coloca roupas de proteção. © Pablo Tosco/Oxfam

O patriarcado coloca as mulheres em risco

O patriarcado e as normas sexistas desempenham um importante papel no aumento da exposição das mulheres à Covid-19. As mulheres mantiveram o mundo funcionando durante a pandemia, aumentando a carga do trabalho de cuidados nas clínicas, nas casas e no próprio local de trabalho. Globalmente, elas representam 70% da força de trabalho na saúde e na assistência social;²¹² e, embora esses empregos sejam essenciais para a resposta à pandemia, eles são subvalorizados e mal pagos. Essas funções também expõem as mulheres a riscos específicos, especialmente em lugares onde o acesso aos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) é limitado. Frequentemente, as mulheres também são as principais cuidadoras quando os membros da família adoecem,²¹³ o que novamente as coloca em maior risco de exposição ao vírus.

Maiores responsabilidades pelos cuidados não remunerados²¹⁴ e a consequente maior exposição, determinada pelo gênero, aos trabalhos e aos estresses domésticos, contribuem para a saúde mental precária das mulheres, incluindo depressão²¹⁵ e a exposição ao risco de violência.²¹⁶ Mulheres e meninas também sofrem o impacto da redução do acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva durante a pandemia, o que aumenta o risco de gravidez indesejada, infecções sexualmente transmissíveis e complicações durante a gravidez.²¹⁷ Estima-se que as mortes maternas aumentaram entre 8% e 39% ao mês nos países de baixa e média renda, devido a uma redução da atenção pré-natal em função da Covid-19.²¹⁸ No Nepal, entre março e maio de 2020, os isolamentos reduziram pela metade o número de nascimentos ocorridos em unidades de saúde e contribuíram para triplicar o risco de morte neonatal.²¹⁹

O racismo sistêmico submete pessoas negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas a riscos mais altos

Em vários países, a pandemia evidenciou a grande desigualdade na saúde com base em raça e etnia. Negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e outros grupos racializados têm maior probabilidade de contrair a Covid-19 e de sofrer suas piores consequências, conforme sugerido por evidências de vários países.²²⁰

Nos EUA, por exemplo, as taxas de hospitalização por Covid-19, ajustadas por idade, foram cinco vezes mais altas para negros, latinos e indígenas que para brancos.²²¹ As taxas de mortalidade da doença entre pessoas negras foram duas vezes maiores que as de pessoas brancas.²²² Se a mortalidade dos negros fosse igual à dos brancos, entre fevereiro e dezembro de 2020, então, mais de 16.800 negros ainda estariam vivos.²²³ Se a taxa de mortalidade de pessoas latinas fosse igual a das pessoas brancas no mesmo período, então mais de 5.100 pessoas latinas ainda estariam vivas nos EUA.²²⁴ No Brasil, negros internados em hospitais apresentaram risco significativamente maior de mortalidade que brancos.²²⁵ Em junho de 2020, negros e negras brasileiros apresentavam 40% a mais de chance de morrer de Covid-19 que brasileiros brancos.²²⁶ Se as taxas de mortalidade fossem iguais entre negros e brancos, naquele momento, mais de 9.200 afrodescendentes ainda estariam vivos.²²⁷

As taxas de contaminação entre as populações de migrantes e refugiados há muito negligenciadas também têm sido desproporcionalmente altas. Em abril de 2020, a porcentagem de casos confirmados da Covid-19 entre somalis na Noruega e Finlândia era 10 vezes maior que a sua participação percentual na população, além de também representar uma proporção significativa no número de mortes.²²⁸ Na região Pan-Amazônica, o número de mortes entre a população indígena aumentou de 113 para 2.139 em apenas seis meses, um aumento duas vezes e meia o registrado na população em geral. Dos 400 povos indígenas que habitam a região, até meados de novembro, o vírus havia atingido 238.²²⁹

Figura 4: Injustiça racial significa que grupos racializados possuem maior tendência de morrer da Covid-19 que pessoas brancas

No Brasil, em junho de 2020

**MAIS DE 9.200
PESSOAS NEGRAS
AINDA ESTARIAM
VIVAS.**



Nos EUA, em dezembro 2020

**CERCA DE 22 MIL
LATINAS E LATINOS
E PESSOAS NEGRAS
AINDA ESTARIAM
VIVAS.**

Se as taxas de mortalidade dessas populações fossem as mesmas que as da população branca.

Uma série de razões são responsáveis por essas desigualdades raciais na saúde, incluindo condições pré-existentes, maior exposição ao vírus, condições de acesso e

tratamento desiguais.²³⁰ Mesmo sem o coronavírus, os grupos que enfrentam a marginalização têm taxas mais altas de comorbidades ligadas à pobreza, como hipertensão nas populações negras nos Estados Unidos²³¹ e diabetes para sul-asiáticos no Reino Unido²³². A pobreza também força essas pessoas a habitar moradias superlotadas e com saneamento básico precário. Na Europa, as comunidades ciganas não têm lares seguros, tornando a quarentena impossível e colocando-as em risco de infecção; 30% da população cigana não têm acesso à água canalizada e 80% vivem em bairros densos e moradias sobrelotadas.²³³ Os grupos racializados tendem a ter uma representação excessiva em empregos com salários mais baixos e de mais expostos ao risco de contaminação.²³⁴ Eles também experimentam consistentemente interações de baixa qualidade com médicos, e são atendimentos de má qualidade, como sugerido por evidências nos EUA em relação a pessoas negras, latinos e povos indígenas.²³⁵

Esse padrão se manteve e foi ampliado durante a pandemia. Em muitos países, grupos racializados correm maior risco de serem expostos ao vírus porque são mais propensos a ter empregos que os colocam em contato regular com o público. Nos Estados Unidos, pacientes negros com sintomas da Covid-19 têm menor probabilidade de fazer o teste do que indivíduos brancos com os mesmos sintomas.²³⁶ Comunidades historicamente oprimidas também foram frequentemente ignoradas nas iniciativas de promoção da saúde. Uma rápida pesquisa sugeriu que mesmo no final de maio de 2020, 90% dos *dalits* - as antigas castas dos "intocáveis", que constituem a maioria dos trabalhadores do saneamento na Índia - não tinham seguro de saúde ou de vida e 64% não tinham recebido instrução ou treinamento sobre sua segurança.²³⁷

EXPONDO A FRAGILIDADE DOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO SOCIAL

Dado o extremo impacto econômico do coronavírus, bilhões de pessoas precisam de auxílio financeiro imediato, e o acesso a medidas de proteção social é necessário para quem permanece vulnerável a longo prazo e para se proteger contra choques futuros.²³⁸

No entanto, quase quatro bilhões de pessoas, mais da metade da população mundial, não estavam protegidas por seguro ou assistência social quando a pandemia chegou.²³⁹ A maioria dos países adotou medidas de substituição de renda; na verdade, mais de um bilhão de pessoas se beneficiaram com algum tipo de proteção social de emergência.²⁴⁰ No entanto, bilhões permanecem desprotegidos.

Na maioria dos países de baixa e média renda, as medidas emergenciais de reposição de renda têm sido inadequadas - muito curtas e de escopo muito limitado. Nesses países, o valor médio dos auxílios sociais é de cerca de 15% do PIB per capita, o que pode ser visto como uma referência decente para uma transferência adequada.²⁴¹ No entanto, o valor das medidas de proteção de resposta à crise foi inferior a 3% do PIB na maioria desses países, e nenhum atingiu a marca de 15%.²⁴² Na região do Oriente Médio e norte da África, apenas 11% dos pacotes de estímulo têm como alvo as pessoas por meio de proteção social e medidas de saúde.²⁴³

Mulheres e grupos marginalizados estão sendo engolidos pelas rachaduras

Na Ásia, as medidas de proteção social introduzidas em resposta à crise não conseguiram chegar aos mais afetados, em particular àqueles que trabalham na informalidade, e foram muito limitadas para ter qualquer impacto significativo.²⁴⁴ O governo vietnamita, por exemplo, anunciou auxílio financeiro para empregadores e empregados afetados, mas a maioria dos trabalhadores sem contrato de trabalho e trabalhadores migrantes do setor informal não recebeu qualquer ajuda.²⁴⁵ O pacote de auxílio inicial da Índia alocou apenas 0,8% do PIB para a assistência social das famílias, resultando em dificuldades econômicas incalculáveis para os 40 milhões de migrantes internos do país. A Índia viu sua maior migração desde a Independência, quando 10,6 milhões de pessoas²⁴⁶ caminharam milhares de quilômetros para retornar às suas redes informais de apoio social nas áreas rurais, com um número significativo de mortes ao longo do caminho.²⁴⁷

Os governos também falharam em revisar os programas de proteção social para atender às necessidades das mulheres, apesar da urgência. Antes da pandemia, as mulheres já experimentavam uma cobertura mais baixa e benefícios substancialmente menores nos sistemas de proteção social, pois muitas delas estão em empregos informais, inseguros e vulneráveis, fora do alcance de programas de assistência social.²⁴⁸ Em agosto de 2020, apenas 54 dos 195 países haviam introduzido medidas de proteção social novas ou redesenhadas voltadas para mulheres e meninas,²⁴⁹ e apenas 18% das medidas de proteção social e trabalhistas introduzidas visavam à segurança econômica das mulheres ou o trabalho de cuidado não remunerado.²⁵⁰ Na América Latina, as trabalhadoras domésticas, muitas delas migrantes de comunidades indígenas ou pessoas negras, representam 11,4% de todas as mulheres empregadas em todos os setores, mas a maioria não tem acesso à proteção social ou a qualquer forma de proteção contra o desemprego.²⁵¹

EXPONDO O ABISMO EDUCACIONAL

Em 2020, mais de 180 países fecharam temporariamente suas escolas, deixando perto de 1,7 bilhão de crianças e jovens fora da escola quando o isolamento atingiu seu ponto máximo.²⁵² A pandemia tirou de crianças em situação de vulnerabilidade dos países pobres quase quatro meses de escolaridade, em contraposição às seis semanas de crianças de países de alta renda.²⁵³ Para cerca de 32,8 milhões de crianças e jovens, esta seria a última vez que frequentariam uma escola ou universidade.²⁵⁴ Pelo menos um milhão de meninas grávidas em idade escolar correram o risco de perder o acesso à escola na África Subsaariana, com o fechamento das unidades em decorrência da Covid-19²⁵⁵. Globalmente, estima-se que mais 13 milhões de casamentos infantis ocorram até 2030 devido ao fechamento de escolas e ao aumento da pobreza resultante da pandemia.²⁵⁶

Estima-se que a pandemia reverterá as conquistas dos últimos 20 anos de progresso global na educação de meninas, resultando, por sua vez, no aumento da pobreza e da desigualdade.²⁵⁷ O impacto financeiro do fechamento de escolas em termos de redução dos ganhos futuros é estimado entre 3%²⁵⁸ e 15% do PIB no futuro.²⁵⁹

As crianças que mais precisam da educação para sair da pobreza são as que têm maior probabilidade de ficar para trás. Os alunos mais pobres, tanto em países de alta como

de baixa renda, possuem menor possibilidade de acessar programas de ensino à distância e tendem a ficar ainda mais para trás com a ausência de apoio adicional.²⁶⁰ Na América Latina e Caribe, apenas 30% das crianças de famílias pobres têm acesso a um computador, em comparação com 95% das crianças de famílias ricas²⁶¹. As minorias étnicas e linguísticas também são prejudicadas pelo ensino à distância, uma vez que são menos propensas a serem ensinadas em sua língua materna durante as aulas online ou a receberem materiais impressos nessas línguas em suas casas.²⁶²

As meninas, que antes da pandemia já gastavam 40% a mais de tempo no trabalho doméstico que os meninos²⁶³, estão vendo sua educação em risco; dois terços delas estão fazendo mais tarefas domésticas, e mais da metade relata passar mais tempo cuidando dos irmãos durante a pandemia.²⁶⁴ Além disso, o acesso a serviços de Internet móvel que lhes permitiria acessar a aprendizagem digital é 26% menor para meninas e mulheres em comparação com meninos e homens em todo o mundo.²⁶⁵

Os esforços para mitigar o impacto dessa grande e crescente divisão na educação correm o risco de serem severamente prejudicados por cortes no orçamento desse setor. Antes da pandemia, a lacuna anual de gastos com educação era estimada em US\$148 bilhões, mas agora parece que aumentará em US\$30 a 40 bilhões extras, a menos que medidas corretivas urgentes sejam tomadas.²⁶⁶

Enquanto isso, famílias mais ricas não estão enfrentando a mesma situação. Em todo o mundo, elas têm conseguido pagar por oportunidades de educação complementar. Nos Estados Unidos, por exemplo, muitas famílias ricas, predominantemente brancas, estão juntando seus recursos para contratar professores particulares para ensinar seus filhos em suas casas em pequenos grupos privados conhecidos como “grupos de pandemia”.²⁶⁷ As megacorporações também estão aproveitando a pandemia para maximizar os lucros do lucrativo mercado ‘edtech’ de US\$6,3 trilhões.²⁶⁸



Deng, estudante do primário de Palabek, Uganda, estuda sozinho. © Emmanuel Museruka

EXPONDO FORMAS PRECARIZADAS DE VIVER

Centenas de milhões de empregos foram perdidos devido à pandemia.²⁶⁹ Em julho de 2020, a taxa de desemprego nos países da OCDE foi projetada para ser mais alta que em qualquer outro pico histórico.²⁷⁰

Antes da pandemia, apenas 20% das pessoas desempregadas estavam cobertas por seguro-desemprego.²⁷¹ Na verdade, o Índice de Compromisso com a Redução da Desigualdade (CRI, por sua sigla em inglês) elaborado pela Oxfam e Development Finance International (DFI) mostra que 103 países entraram na pandemia com pelo menos um de cada três trabalhadores sem direitos e proteção trabalhista, como auxílio-doença.²⁷² Embora as pessoas mais pobres precisem mais dessa proteção, elas estão mais suscetíveis a serem excluídas que os trabalhadores ricos. Por exemplo, enquanto 90% dos trabalhadores dos EUA do quartil superior de renda têm direito a licença médica remunerada, apenas 47% do quartil inferior tem o mesmo direito.²⁷³

Alguns governos também regrediram nas proteções existentes. Na Índia, por exemplo, apesar de um histórico já desastroso de direitos dos trabalhadores, vários governos estaduais usaram a Covid-19 como pretexto para aumentar a jornada de trabalho diária e suspender a legislação de pagamento mínimo.²⁷⁴

A pandemia expôs brutalmente e ampliou as rachaduras no sistema de trabalho, e mulheres pobres e comunidades racializadas e marginalizadas, que já tendiam a estar em desvantagem, estão sendo as mais gravemente afetadas.

Os efeitos econômicos da pandemia estão tirando as mulheres do mercado de trabalho e revertendo décadas de progresso da participação delas na força de trabalho. Na Índia e nos EUA, os empregos das mulheres são 1,8 vezes mais vulneráveis a perdas devido a esta crise do que os dos homens.²⁷⁵ Na região do Oriente Médio e norte da África, 40% das perdas totais de empregos esperadas devido à pandemia são ocupados por mulheres, embora a taxa de participação delas na força de trabalho seja de apenas 20% em comparação com 70% dos homens.²⁷⁶ No Reino Unido, as mães tinham 1,5 vezes mais probabilidade de perder ou pedir demissão que os pais durante o primeiro grande isolamento.²⁷⁷ Na Turquia, por causa da pandemia, as mulheres também tinham maior probabilidade de tirar licença sem vencimento (15,7%) em comparação com os homens (11,2%), com impactos diretos nos rendimentos econômicos das mulheres e na situação familiar.²⁷⁸

Vários fatores podem explicar isso. As mulheres estão desproporcionalmente empregadas nos setores mais afetados, como o de serviços de acomodação e alimentação.²⁷⁹ Também é muito mais provável que seus empregos sejam precários e vulneráveis. Em países de baixa renda, 92% das mulheres trabalham na informalidade, em funções perigosas ou inseguras.²⁸⁰ As mulheres têm maior probabilidade de abandonar o trabalho remunerado devido ao aumento no trabalho não remunerado induzido pela pandemia. A pandemia também tem maior probabilidade de impactar o empreendedorismo feminino, incluindo donas de pequenos negócios em países de baixa e média renda.²⁸¹ Finalmente, crenças e normas sexistas sobre o papel das mulheres como, por exemplo, a visão amplamente compartilhada de que os homens têm mais direito a um emprego que as mulheres quando as oportunidades são escassas,²⁸² também entram no jogo.

Em vários países, as evidências mostram que grupos racializados, e particularmente mulheres dentro desses grupos, viram seus meios de vida colocados em maior risco do que os de pessoas brancas.²⁸³ Nos Estados Unidos, quase 19% das mulheres negras perderam seus empregos entre fevereiro e abril de 2020,²⁸⁴ e trabalhadores brancos recuperaram seus empregos mais rapidamente que os trabalhadores negros.²⁸⁵ Esse impacto desproporcional e devastador sobre as famílias negras se deve ao fato de que as pessoas negras, as mulheres sobretudo,²⁸⁶ têm historicamente sofrido com taxas de desemprego mais altas, salários e rendas mais baixos e muito menos poupança para recorrer, bem como taxas de pobreza significativamente mais altas que suas contrapartes brancas.²⁸⁷ Além disso, nos EUA, 38% das pessoas LGBTQIA+ negras tiveram suas horas de trabalho reduzidas, em comparação com 29% das pessoas LGBTQIA+ brancas e 24% da população em geral.²⁸⁸ Tendências semelhantes foram observadas no Canadá, onde a taxa de desemprego para comunidades brancas em julho de 2020 era de 9,3%, enquanto eram de 17,8% para canadenses oriundos do sul-asiático, 17,7% para indígenas que não viviam em uma reserva, 17,3% para árabes canadenses e 16,8% para os canadenses negros. Mulheres do sul da Ásia e negras enfrentaram taxas de desemprego de 20,4% e 18,6%, respectivamente.²⁸⁹



Uma mulher trabalha na confecção de jaquetas de inverno para uma marca internacional em uma fábrica têxtil na província de Dong Nai, Vietnã. © Sam Tarling/Oxfam

Também existe o risco de que o trabalho remoto intensifique ainda mais as desigualdades no mercado de trabalho, tanto dentro como entre os países. Na UE, 74% dos trabalhadores com salários mais elevados podem trabalhar em casa, em comparação com apenas 3% dos trabalhadores com salários mais baixos.²⁹⁰ Aqueles que não podem trabalhar remotamente são jovens, não têm educação universitária, trabalham sob contratos fora do padrão, estão em pequenas empresas ou na base da pirâmide de renda.²⁹¹ Mais uma vez, os grupos racializados estão desproporcionalmente representados no trabalho informal e em trabalhos que não podem ser realizados remotamente, como transporte, creche, assistência social, pequenos mercados e lojas de conveniência.²⁹² Os trabalhos de cuidado, que requerem contato próximo com outras

pessoas e estão na linha de frente desta pandemia, são desproporcionalmente realizados por mulheres migrantes e de comunidades étnicas que são discriminadas. Na Itália, por exemplo, 72% dos trabalhadores do cuidado são estrangeiros.²⁹³

Empréstimos governamentais e programas para ajudar as empresas a manterem suas portas abertas podem diminuir as dificuldades dos trabalhadores, mas em alguns países as medidas de emergência beneficiaram grandes corporações ao invés de pequenas e médias empresas,²⁹⁴ e medidas de recuperação de longo prazo, como cortes nos impostos sobre a produção, darão altos lucros principalmente às corporações.²⁹⁵ Além disso, apenas 10% das medidas fiscais e econômicas governamentais para ajudar as empresas a enfrentar a crise estão canalizando recursos para setores dominados por mulheres.²⁹⁶

Numa época em que bilhões de pessoas lutam para sobreviver, as disparidades salariais tornaram-se indefensáveis. Em muitas partes do mundo, os principais executivos ganham mais em uma semana do que um trabalhador médio em um ano inteiro. A diferença do salário médio pago a um CEO e do salário médio pago a um trabalhador nas empresas S&P500 (índice que reflete o desempenho das 500 maiores empresas dos Estados Unidos de capital aberto) era de 264 para 1 em 2019.²⁹⁷ Apesar das mulheres em muitos países terem mais escolaridade que os homens,²⁹⁸ elas continuam ganhando aproximadamente 20% menos.²⁹⁹

Box 7: Trabalhadores têxteis em Bangladesh

Em Bangladesh, dezenas de milhares de trabalhadores da indústria têxtil foram demitidos ou forçados a se demitir, pois as demandas globais de compradores caíram drasticamente. Os trabalhadores que vivem precariamente, com pouca ou nenhuma poupança, encontram-se em uma posição de extrema vulnerabilidade. Um estudo realizado pelo United Steelworkers revelou que muitos trabalhadores não receberam compensação integral quando perderam seus empregos, e uma parte significativa deles não recebeu absolutamente nada.³⁰⁰

Este estudo conta a história de Farida, que trabalhou como costureira por nove anos em uma fábrica e perdeu o emprego em abril de 2020. Ela estava grávida de oito meses na época e recebeu um pacote de rescisão de Tk 61.775 (US\$729), que não incluiu os benefícios legais de maternidade a que ela tinha direito.

“Eu esperava que com o dinheiro que receberia depois de me aposentar ou de deixar esse emprego, pudesse comprar um terreno ou começar um pequeno negócio - talvez uma alfaiataria. Mas, agora, todas essas esperanças e sonhos desapareceram. Estou de volta à estaca zero. [...] Grávida, com medo do vírus, desempregada, sem receber os benefícios... às vezes eu sinto que vou enlouquecer”, disse.

Trabalho de cuidado não remunerado permanece invisível

Embora os confinamentos tenham desacelerado a economia de mercado, o trabalho não remunerado de cuidado foi acelerado. As mulheres já realizavam três quartos do trabalho de cuidado não remunerado antes da pandemia chegar.³⁰¹ A pesquisa da Oxfam e seus parceiros sugere que, embora homens e mulheres estejam fazendo mais esse tipo de trabalho por causa do coronavírus, as mulheres continuam a fazer mais.³⁰² Quase metade das mulheres entrevistadas no Reino Unido, nos EUA, nas Filipinas e em assentamentos informais no Quênia relataram passar mais tempo dedicadas ao trabalho doméstico não remunerado desde o início da crise. As consequências disso incluem o aumento da ansiedade e depressão causadas pela percepção de estar sobrecarregada, isolada e fisicamente doente por causa da intensificação do trabalho. O estudo também mostra que mães solteiras, mulheres que vivem na pobreza e mulheres racializadas relataram um maior aumento no trabalho de cuidado não remunerado, o que aumenta o risco de aprofundamento das desigualdades interseccionais. Uma pesquisa no Reino Unido explica que o impacto desproporcional nas mulheres negras, asiáticas e de minorias étnicas pode ser devido ao fato de que suas famílias têm maior probabilidade de viver na pobreza, em famílias maiores e multigeracionais, com menor acesso a creches e serviços de saúde como resultado de “desigualdades socioeconômicas profundas e multifacetadas ligadas ao racismo estrutural”.³⁰³ Um estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) na Turquia descobriu que o trabalho não remunerado das mulheres aumentou 1,6 horas por dia em maio de 2020 em comparação com 2018, enquanto o dos homens aumentou apenas 0,8 horas por dia.³⁰⁴

Diante da pandemia, é impossível não perceber a importância fundamental desse trabalho. Ainda assim, parece que permanece invisível para os formuladores de políticas, cuja resposta à crise reflete a perigosa percepção de que “trabalho” se refere apenas ao que é remunerado no mercado. Os custos e o trabalho de cuidar de milhões de crianças, idosos e pessoas doentes foram de fato transferidos para as famílias e desproporcionalmente para as que vivem na pobreza e as racializadas, sem compensação ou apoio governamental.

Trabalhadores informais na linha de frente

Trabalhadores informais, como trabalhadores domésticos, vendedores ambulantes, entregadores de delivery e trabalhadores da construção civil, também estão passando por um sofrimento significativo como resultado da pandemia.³⁰⁵ Globalmente, 61% dos trabalhadores estão no setor informal. Nos países africanos, onde entre 30% e 90% dos trabalhadores fora do setor agrícola estão no trabalho informal, os impactos são severos.³⁰⁶ A situação também é terrível na América Latina, onde as mulheres indígenas e negras têm uma presença significativa no setor informal. As mulheres indígenas ganham menos de um terço, por hora, que homens não indígenas com o mesmo nível de educação.³⁰⁷ Em muitos países, as pessoas LGBTQIA+ também possuem presença desproporcional na informalidade, e isso contribui para sua maior vulnerabilidade.³⁰⁸

Os trabalhadores informais não têm o privilégio de trabalhar em casa ou de se distanciar socialmente e, portanto, são forçados a expor a si próprios e a outros a um maior risco devido à natureza do trabalho pessoa-a-pessoa e da troca em dinheiro. Isso evidencia a divisão vivida por esses trabalhadores, que não podem sobreviver sem esse comércio diário, e que geralmente não têm contas bancárias, poupanças, cartões de crédito e as ferramentas para transações online; geralmente também não têm seguro-desemprego para recorrer.



Sarah, vendedora de frutas em Kampala, Uganda, é a responsável por garantir a subsistência da família composta por seis pessoas. Seu trabalho de cuidado aumentou dramaticamente durante o confinamento, deixando pouco tempo restante para se dedicar a outros tipos de trabalho e a si mesma. © Sylvia Nankya Tracey/Oxfam

Trabalhadores migrantes deixados para trás

O mundo tinha 272 milhões de migrantes internacionais em 2019, dos quais dois terços eram trabalhadores migrantes³⁰⁹ Estes estão mais propensos a ter contratos temporários, receber salários mais baixos, não ter estabilidade e realizar tarefas incompatíveis com o trabalho remoto (*home office*). No entanto, é menos provável que sejam contemplados pelas medidas em resposta ao coronavírus.³¹⁰ No Líbano, os trabalhadores domésticos migrantes, especialmente etíopes³¹¹ e nigerianos,³¹² foram deixados nas ruas por seus empregadores, sem abrigo ou indenização e sem condições de retornarem a seus países.

Migrantes e requerentes de asilo têm maior probabilidade de se verem obrigados a trabalhar ilegalmente, com menos proteção, tornando as demissões mais brutais. Os requerentes de asilo e migrantes LGBTQIA+ enfrentam dificuldades econômicas específicas, possuem saúde mental precária e moradia inapropriada. No Reino Unido, a

linha de ajuda da Fundação LGBT viu um aumento de 260% nas chamadas sobre asilo e refúgio em março-abril de 2020 em comparação com fevereiro-março.³¹³

Além disso, a saúde pública e os sistemas econômicos frequentemente não respondem às necessidades dos migrantes; apenas três dos 21 países da Ásia-Pacífico incluíram não-cidadãos em seus programas de preparação para uma situação pandêmica.³¹⁴ A atual pandemia provocou quedas nas remessas estrangeiras para a Ásia³¹⁵ e a África Subsaariana³¹⁶ de 22% e 23%, respectivamente, o que resultará em maior dificuldade econômica para aquelas pessoas que dependem dessa renda.

Box 8: O valor da vida de um trabalhador: US\$100 e um cartão

Nos EUA, os avicultores estão entre aqueles considerados “essenciais”, mas estão entre os mais desesperados economicamente e os mais marginalizados.³¹⁷ Enquanto a maioria das indústrias essenciais implementou medidas de proteção para os trabalhadores, as fábricas de processamento de carne ficaram para trás e se tornaram pontos críticos para a transmissão da Covid-19 e mortes. Há uma enorme quantidade de avicultores que são imigrantes, muitos dos quais sem documentos.

Miska Jean Baptiste era um trabalhador avícola de 44 anos em Maryland.³¹⁸ Quando contraiu Covid-19, lhe disseram para continuar trabalhando e que escondesse a febre. Quando finalmente foi ao médico, sua temperatura era de 40,5 °C e ele foi mandado para casa. Três dias depois, não conseguia respirar. No hospital, entrou em coma e foi colocado em um respirador. Ele morreu sozinho.

O que se seguiu foi o silêncio. A fábrica não contatou sua viúva ou informou seus colegas de trabalho. “A empresa disse que ele estava de férias quando estava no hospital... eles [não] queriam que as pessoas soubessem”. Depois que sua viúva contou sua história para a mídia, a empresa lhe enviou um cartão e US\$100 em dinheiro.

Hoje, ela luta para sustentar seus três filhos. “Eles precisam de trabalhadores para ganhar dinheiro, mas não se importam com a vida das pessoas... Se se importassem com sua saúde, ele ainda estaria vivo agora. Estaríamos sobrevivendo”.

Milhões passam fome

Antes da pandemia, milhões de pessoas enfrentavam insegurança alimentar por causa das mudanças climáticas, conflitos e um sistema alimentar falido. O impacto da pandemia sobre empregos e meios de subsistência fez expandir rápida e significativamente esta crise alimentar. O Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA) estimou que o número de pessoas que passam fome aumentaria para 270 milhões no final de 2020 por causa da pandemia,³¹⁹ um aumento de 82% em comparação com 2019. A Oxfam estimou que isso poderia significar entre 6 mil e 12 mil pessoas morrendo a cada dia de fome associada à crise até o final de 2020.³²⁰ A Oxfam identificou 10 lugares críticos onde a crise alimentar é severa e está piorando.³²¹ O Iêmen continua enfrentando a mais grave insegurança alimentar do mundo devido à devastação causada por seis anos de guerra que, infelizmente, enfraqueceu ainda mais um sistema alimentar já dizimado.

Enquanto 1 em cada 10 pessoas vai para a cama com fome, as oito maiores empresas de alimentos e bebidas do mundo pagaram mais de US\$18 bilhões a seus acionistas entre janeiro e julho de 2020.³²² Isso é cinco vezes mais do que os valores arrecadados pela ONU, em novembro de 2020, com o apelo por doações para a Covid-19.³²³

Os mesmos grupos - muitas vezes sobrepostos - são especialmente vulneráveis à crise climática e à Covid-19, porque enfrentam formas ocultas de marginalização. Por exemplo, antes da pandemia, as comunidades da província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique, enfrentavam insegurança alimentar resultante de conflitos e dos impactos das alterações climáticas, incluindo secas, inundações e ciclones.³²⁴ Mulheres e meninas foram particularmente afetadas devido às entrincheiradas desigualdades de gênero. Isso contribuiu para que fossem as mais afetadas pelo ciclone Kenneth, que atingiu o país em 2019, e as sujeitou a uma insegurança alimentar maior ainda, além do aumento do risco de sofrerem violência de gênero. As restrições induzidas pela pandemia estão impedindo que a ajuda alimentar chegue a essas comunidades,³²⁵ que agora têm mais dificuldade em colocar comida e água na mesa.³²⁶

Durante a pandemia, o espectro da fome se espalhou para países de renda média, como Índia e Brasil, e até mesmo em um país de alta renda como os EUA, cerca de 29 milhões de adultos (12,1% de todos eles no país) registraram em julho de 2020 que suas famílias às vezes ou frequentemente não tinham o suficiente para comer nos sete dias anteriores.³²⁷

Embora as mulheres e meninas sejam a maioria dos produtores e fornecedores de alimentos para suas famílias, as respostas globais à crise alimentar em decorrência da pandemia da Covid-19 muitas vezes ignoraram seus desafios específicos; 46% dos relatórios globais que propõem soluções para a pandemia de fome sequer as mencionam.³²⁸ Os povos indígenas, que têm três vezes mais probabilidade de viver em extrema pobreza e cujo direito de acesso aos alimentos há muito está em risco pela ruptura histórica com os sistemas alimentares indígenas, com base nos direitos coletivos às terras e recursos ancestrais, têm mais dificuldade para comprar e armazenar alimentos em meio à pandemia. Todos nós sofremos o impacto da pandemia.³²⁹ Mas é evidente que aqueles que enfrentam desigualdades e injustiças múltiplas e cumulativas são os mais atingidos.



Beatrice, uma mãe do Quênia luta contra a fome durante a pandemia de Covid-19. © Sven Torfinn/Oxfam Novib

3. UMA AGENDA TRANSFORMADORA É POSSÍVEL E É AGORA

Sabemos que o mundo será diferente após a pandemia e há uma escolha. Políticas transformadoras que pareciam impensáveis antes da crise repentinamente se mostraram possíveis. Os governos devem resistir à velha receita com medidas de austeridade brutalmente injustas e insustentáveis. Ao contrário, devem convocar a urgência para criar uma economia justa que seja inclusiva, promova a igualdade, proteja o planeta e erradique a pobreza.

O FUTURO QUE AS PESSOAS QUEREM

"Historicamente, as pandemias forçaram os humanos a romper com o passado e imaginar um mundo novo. Esta não é diferente. É um portal, uma passagem entre um mundo e o outro. Podemos escolher caminhar por ele, arrastando as carcaças de nosso preconceito e ódio, nossa avareza, nossos bancos de dados e ideias mortas, nossos rios mortos e céus esfumaçados. Ou podemos caminhar com leveza, com pouca bagagem, prontos para imaginar outro mundo. E prontos para lutar por isso."

– Arundhati Roy³³⁰

A pandemia do coronavírus ampliou as lacunas de desigualdade pré-existentes, mas também colocou em foco nossa experiência compartilhada, as vulnerabilidades e interconexões. Nossa saúde e resiliência estão inextricavelmente ligadas às de nossos vizinhos, assim como nossa sobrevivência em face de outras crises econômicas, políticas, sociais e climáticas. Cooperação e colaboração não são uma escolha, são o único caminho a percorrer.

As pessoas em todos os lugares também estão percebendo cada vez mais que essas grandes ameaças são consequências de nosso modelo econômico criado pelo ser humano, que é insustentável e coloca o lucro antes das pessoas e do planeta.

Milhões de pessoas ao redor do mundo já estão se mobilizando por mudanças e para protestar contra a desigualdade, o racismo, o patriarcado e a crise climática. Dos levantes globais #VidasNegrasImportam, que começaram nos EUA, a jovens e ativistas dos direitos das mulheres e líderes indígenas (como Nemonte Nenquimo na Amazônia³³¹) unidos em solidariedade em todo o mundo, aos corajosos protestos pró-democracia em toda a Ásia, o poder popular está crescendo.

Uma olhada nos dados de pesquisas globais da Universidade de Nova York revela como a pandemia mudou consideravelmente as prioridades das pessoas em relação ao futuro. Também encontra amplo apoio para políticas voltadas para a transformação fundamental da sociedade, como impostos mais altos para as pessoas mais ricas; transferências emergenciais de dinheiro e renda básica universal; serviços públicos universais, incluindo saúde; uma redução do poder corporativo; capacitação de trabalhadores e consumidores; e investimento em uma recuperação econômica verde e sustentável.³³²

Este e outros estudos revelam o seguinte:

- 86% das pessoas em 27 países de renda média e alta prefeririam ver o mundo mudar significativamente e se tornar mais sustentável e equitativo, em vez de voltar ao status quo pré-pandêmico.³³³
- 64% das pessoas em 11 países de renda média e alta concordam que a pandemia os convenceu de que “algo deve ser feito para distribuir de forma mais justa a riqueza e a prosperidade de nosso país”.³³⁴
- Na Argentina, 8 de cada 10 pequenas e médias empresas apoiam taxaço de fortunas.³³⁵
- 71% dos europeus apoiam a renda básica universal.³³⁶
- No Reino Unido, 70% da população apoia limites para o teto salarial em 100 mil, 200 mil ou 300 mil libras.³³⁷
- Em diversos países, incluindo a Índia, México, China, Brasil e África do Sul, o apoio a uma recuperação baseada em uma economia verde e sustentável é de 80% ou mais.³³⁸

Essa visão é cada vez mais aceita por vozes e organizações influentes em todo o mundo, incluindo até mesmo alguns representantes do *status quo*. Klaus Schwab, o presidente do Fórum Econômico Mundial, que organiza o Fórum de Davos, recentemente criticou a “ideologia neoliberal”, e escreveu: “devemos superar o neoliberalismo na era pós-covid”³³⁹. O FMI disse que não deveria haver retorno à austeridade e pediu tributação progressiva.³⁴⁰ O *Financial Times* pediu “reformas radicais” para reverter “a direção política predominante nas últimas quatro décadas”, defendendo a redistribuição de renda, a renda básica e a taxaço de fortunas.³⁴¹ Infelizmente, sem a pandemia, esses argumentos seriam impensáveis nos últimos anos.

Os modelos econômicos alternativos não são puramente teóricos. O Índice de Compromisso com a Redução da Desigualdade (CRI, sigla em inglês), desenvolvido pela Oxfam e a *Development Finance International* mostra como países como Coréia do Sul, Serra Leoa e Nova Zelândia³⁴² se comprometeram com a redução da desigualdade como uma prioridade nacional, mostrando o que pode ser feito.³⁴³ Butão³⁴⁴, Islândia³⁴⁵ e Nova Zelândia, por exemplo, já adotaram orçamentos nacionais que priorizam indicadores de bem-estar sobre o crescimento agregado do PIB a todo custo. A Nova Zelândia decidiu incluir a melhoria das condições de vida dos povos indígenas, reduzindo a pobreza infantil e apoiando o bem-estar mental dos jovens nas cinco principais prioridades de gastos de seu novo orçamento.³⁴⁶ Vários órgãos governamentais locais também mostraram que não precisam esperar por uma ação nacional. O plano de Amsterdã para se recuperar de pandemias visa atender a todas as necessidades de seus cidadãos, respeitando as fronteiras do planeta.³⁴⁷ Xangai abandonou a busca pelo crescimento do PIB³⁴⁸ e alguns estados dos EUA adotaram o Indicador de Progresso Genuíno (IPG).³⁴⁹

Box 9: O poder popular durante a pandemia³⁵⁰

A pandemia ocorre em um contexto de erosão crescente dos direitos humanos. Em pelo menos 111 países³⁵¹, os governos estavam silenciando a dissidência e limitando a atividade da sociedade civil antes da chegada da pandemia, e as restrições induzidas pela pandemia pioraram esse quadro.³⁵² Apesar disso, as comunidades têm se mobilizado para exigir, e até mesmo criar, futuros socialmente justos, inclusivos, transformados e feministas.

- No Irã, comunidades se engajaram em ajuda mútua para se alimentar e cuidar uns aos outros, em atos espontâneos de solidariedade.³⁵³
- No Peru, ativistas feministas fizeram parte de protestos populares liderados por jovens contra um golpe de Estado parlamentar que forçou a renúncia do presidente provisório autoritário e introduziram a tomada de decisão coletiva e anônima durante as manifestações.³⁵⁴
- Na Nigéria, os protestos provocados pela brutalidade policial (#endSARS) cresceram e ampliaram-se em torno de reivindicações sociais e políticas mais abrangentes.³⁵⁵
- Na Costa Rica, surgiram protestos contra o governo depois que ele buscou um empréstimo de US\$1,75 bilhão do FMI em troca de medidas de austeridade, incluindo congelamento de salários no setor público.³⁵⁶
- Jovens ativistas do clima aproveitaram a janela da oportunidade e adaptaram seu ativismo para compartilhar planos para cidades mais verdes, consumo reduzido, recuperação da vida selvagem e muito mais.³⁵⁷



Greve climática em Melbourne. © OxfamAUS

Agora é a hora de rasgar o livro de regras e investir em políticas que construirão um mundo mais igualitário, inclusivo e sustentável. Agora é a hora de dismantelar o racismo estrutural e o patriarcado, e projetar processos democráticos que garantam que os direitos de todas as pessoas, incluindo aqueles que atualmente vivem na pobreza, mulheres, negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas sejam atendidos.

Mais do que tudo, agora é a hora de os governos tomarem ações específicas e concretas para caminhar em direção à construção de um futuro melhor. Pessoas em todo o mundo precisarão continuar a desafiar aqueles que estão atualmente no poder a fazer mais, incluindo algumas áreas principais.

Box 10: Trecho da declaração para uma recuperação econômica pós-Covid-19 assinada por 340 feministas³⁵⁸

“Precisamos de soluções e a Covid-19 nos deu uma oportunidade de repensar as economias políticas. Este momento requer uma resposta que crie um ambiente propício para que o trabalho econômico liderado por pessoas e movimentos, incluindo, mas não se limitando à economia cooperativa e solidária, receba apoio e espaço para florescer. A Covid-19 precisa ser um ponto de inflexão dos modelos ortodoxos de *laissez-faire* e dos Estados excessivamente financeirizados. Essa crise é uma oportunidade para desalojar a desigualdade estrutural e reestruturar a economia política que contribuiu para este ponto de inflexão”.

CINCO PASSOS EM DIREÇÃO A UM MUNDO MELHOR

1. Um mundo profundamente mais igualitário e que saiba o que é importante

Uma redução radical e sustentada da desigualdade é a base indispensável de nosso novo mundo. Os governos devem definir metas concretas e com prazo determinado para reduzir a desigualdade, e não simplesmente retornar aos níveis anteriores à crise: eles devem ir além e criar um mundo mais igualitário com urgência. O combate à desigualdade deve estar no centro do resgate e da recuperação econômica. Isso deve incluir igualdade de gênero e raça. Para as pessoas que vivem na pobreza, mulheres, negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas em todo o mundo, isso significaria ver seus governos priorizarem suas necessidades por meio de ações para enfrentar os níveis atuais de exclusão de cuidados de saúde de qualidade, proteção social, educação e muito mais. Sem mais e melhores dados desagregados por gênero e outros marcadores de identidade, incluindo dados intersetoriais, as políticas públicas permanecerão cegas em relação a gênero e raça e continuarão fracassando em nivelar o campo de jogo.

Os governos têm conduzido a economia com base na falsa suposição de que o crescimento do PIB deve ser o objetivo principal da formulação de políticas.³⁵⁹ No entanto, o PIB como métrica falha em fornecer orientação para lidar com a desigualdade e as crises climáticas e, na verdade, contribui para essas crises; e também deixa de levar em conta as milhões de horas de trabalho não remuneradas voltadas ao cuidado, feito majoritariamente por mulheres. Como o economista Joseph Stiglitz aponta: “Se medirmos a coisa errada, faremos a coisa errada”³⁶⁰. Os governos devem ir além do PIB e começar a valorizar o que realmente importa - e uma redução radical e sustentada da desigualdade é fundamental para isso.

Box 11: Como governos podem olhar além do PIB

A necessidade de que os governos coloquem o crescimento do PIB em uma perspectiva diferente estava sendo destacada muito antes da crise atual.

- Em janeiro de 2009, uma comissão internacional de alto nível (CMEPSP, sigla em inglês) recomendou a adoção de indicadores sobre desigualdade, bem-estar, desenvolvimento sustentável e meio ambiente.³⁶¹
- Em um documento de 2018 enviado para o Relatório de Desenvolvimento Sustentável Global, cientistas independentes argumentaram que os governos deveriam redirecionar suas economias para metas de melhoria de vida e redução de emissões.³⁶²
- Um relatório preliminar de setembro de 2019, encomendado pela OCDE, concluiu que “chegou o momento de uma mudança de paradigma” e recomendou os indicadores sociais e ambientais necessários para orientar a formulação de políticas.³⁶³

Cidades e países individuais como a Nova Zelândia já estão fornecendo exemplos de boas práticas no uso de medições além do PIB para informar a formulação de políticas,³⁶⁴ e claramente não faltam métodos para orientar a formulação de políticas para o bem-estar e a sustentabilidade.³⁶⁵

2. Um mundo em que economias humanas cuidem das pessoas

Os governos devem reconhecer o valor dos sistemas de assistência e bem-estar e investir em serviços públicos gratuitos de qualidade e em proteção social para apoiar a todos, do berço ao túmulo. Isso é vital agora e será no futuro - e é essencial para uma economia que coloca as pessoas e o planeta como central.

A pandemia do coronavírus evidenciou a necessidade crítica de maiores gastos públicos com saúde universal gratuita e de qualidade, além de ações urgentes para reduzir a dependência de serviços de saúde com pagamentos diretos. As pessoas que vivem na pobreza, as mulheres e outras comunidades vulneráveis e marginalizadas são as que mais sofrem com os sistemas de saúde pública fracos e subfinanciados; eles também serão os maiores beneficiados quando os governos conseguirem ampliar o acesso gratuito e abolir as taxas de utilização. Países como Tailândia³⁶⁶ e Costa Rica mostraram o quanto pode ser alcançado em um espaço de tempo relativamente curto. A Costa Rica praticamente universalizou o acesso à saúde primária, partindo de 25%, em apenas uma década, e isso ajudou a reduzir a desigualdade.³⁶⁷

A pandemia também demonstrou a necessidade de um maior foco na prevenção e promoção da saúde. Isso não pode significar apenas aumentos enormes e acesso equitativo à EPIs, água limpa para lavar as mãos, testes e vacinas. Para a Covid-19, para futuras pandemias e para sanar a brecha sanitária de forma mais ampla, a prevenção deve também envolver ações urgentes para enfrentar as desigualdades econômicas, raciais e de gênero subjacentes que garantem que as pessoas mais pobres, marginalizadas e oprimidas sempre tenham pior acesso e atendimento de saúde e morram mais cedo que aquelas com acesso a melhores recursos. Isso exige a garantia de boas moradias, água potável e saneamento, alimentação, assistência social e proteção contra a violência para as pessoas em situação de pobreza e marginalizadas.

Os governos devem entregar urgentemente uma vacina popular para combater a pandemia.³⁶⁸ Para isso, é necessário que enfrentem as empresas farmacêuticas e

insistam no livre acesso a patentes e tecnologias relevantes para garantir vacinas e tratamentos seguros e eficazes para todos. Um dos primeiros testes da determinação dos sistemas de saúde pública em lidar com o legado de exclusão de grupos em situação de vulnerabilidade e marginalizados será o grau de equidade com que a vacina será distribuída.

A crise colocou em risco o futuro dos jovens, pois muitos estão abandonando ou perdendo o acesso à educação, especialmente meninas e outros grupos econômica e socialmente excluídos. Em consonância com os compromissos assumidos por 70 Estados membros na declaração da Reunião Global de Educação 2020,³⁶⁹ os governos devem garantir a reabertura segura e equitativa das instituições educacionais, fornecer pacotes de estímulo que mitiguem as perdas de aprendizagem, levar crianças e meninas marginalizadas para a escola, e comprometer-se a aumentar - ou pelo menos manter - os gastos públicos com a educação.

Os governos devem garantir o acesso universal à proteção social, incluindo renda básica emergencial no curto prazo e renda básica estável e sustentada após a crise atual.³⁷⁰ Como as mulheres, migrantes e grupos racializados estão desproporcionalmente representados nos setores mais afetados, como no trabalho informal, a ação governamental para implementar a proteção social universal é crucial para reduzir a pobreza e a desigualdade. Em resposta à crise do coronavírus, muitos governos mostraram que é possível expandir os programas sociais. Ruanda distribuiu alimentos e outros itens essenciais para 20 mil famílias, visando famílias chefiadas por mulheres, em que trabalhadoras temporárias perderam seus meios de subsistência como resultado da pandemia.³⁷¹ Meia dúzia de países, incluindo Argentina, Equador, Chile, Barbados, Peru e Tunísia, adotaram medidas políticas de apoio às trabalhadoras domésticas desde o início da pandemia.³⁷²

Esses ganhos devem ser permanentes, não temporários, e todos os países devem fortalecer e ampliar essas medidas para garantir que ninguém caia no buraco. A ação internacional para apoiar isso está muito atrasada, e um Fundo Global de Proteção Social para Todos, com os direitos das mulheres e a igualdade de gênero em seu cerne, poderia ajudar a garantir que mesmo os países mais pobres sejam capazes de fornecer segurança de renda básica para seus cidadãos e cidadãs.³⁷³

Box 12: Viabilidade da renda básica

Em maio de 2020, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe das Nações Unidas (Cepal) estimou que cobrir as necessidades básicas de 215 milhões de pessoas que vivem na pobreza (34,7% da população na região) em 2020 custaria 2,8% do PIB.³⁷⁴ Em setembro, segundo o Banco Mundial, o gasto total com proteção social na região era de apenas 0,92% do PIB - isso inclui transferências de renda, seguro social e trabalho.³⁷⁵ Em comparação, a região atualmente perde mais do que isso com a evasão e sonegação fiscais, de 6,1% do PIB.³⁷⁶

Para garantir que mulheres, negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas se beneficiem do aumento dos gastos em serviços públicos, os governos devem fazer esforços deliberados para enfrentar as causas da exclusão, opressão e discriminação, incluindo o racismo sistêmico e sexismo no acesso à educação de qualidade, saúde e proteção social. Eles devem garantir que as estruturas jurídicas estejam em vigor para proibir todas as formas de discriminação e tomar medidas para lidar com injustiças históricas.

Essas medidas para construir economias que cuidam podem ser pagas tributando os super ricos em nossas sociedades e corporações (ver abaixo),³⁷⁷ aproveitando os ativos da reserva global do FMI (por meio da emissão de Direitos Especiais de Saque), cancelando dívidas e aumentando maciçamente a ajuda internacional.³⁷⁸ Os governos que desejem seguir essa direção devem ser apoiados pela comunidade internacional. Os doadores internacionais devem rejeitar a promoção de medidas de austeridade que aumentem ainda mais a desigualdade e, em vez disso, apoiar os governos na definição de metas para reduzi-la.

3. Um mundo sem exploração e com estabilidade de renda

Os governos em todo o mundo sabiam que em algum momento uma pandemia ocorreria, mas muitos não tomaram medidas de prevenção, tampouco se prepararam.³⁷⁹ Uma forma de criar resiliência a crises futuras é garantir meios de vida decentes para todos e reorientar a economia para que se valorize o que é mais importante.

Os governos que colocarem as pessoas e o planeta em primeiro lugar garantirão um trabalho digno para todos. Eles devem proteger e empoderar todos os trabalhadores, tornando obrigatórias condições de trabalho dignas e salários justos para todos, juntamente com a garantia do direito à organização coletiva e à sindicalização, para que os empregadores e grandes acionistas possam ser responsabilizados. Eles devem garantir que isso contemple os trabalhadores do setor informal, bem como os trabalhadores migrantes, e enfrentar outras formas de exclusão estrutural que deixam para trás as mulheres e os grupos que enfrentam a discriminação. Com pelo menos 70% da população mundial em situação de pobreza vivendo em áreas rurais, e no contexto de um sistema alimentar falido, os governos devem fazer mais para apoiar os trabalhadores rurais e aumentar os investimentos públicos na agricultura, com foco nas mulheres e homens agricultores familiares e pequenos agricultores.³⁸⁰

As empresas têm o dever não apenas de respeitar os direitos humanos e de enfrentar quaisquer impactos adversos de suas operações, mas também avançar em direção a modelos de negócios que sejam sustentáveis e inclusivos. Alguns já estão desempenhando um papel de liderança nisso, à frente das políticas governamentais (ver Box 13). Ao aplicar padrões éticos de responsabilidade social corporativa, os governos podem apoiar esses pioneiros e garantir que o setor privado assuma a responsabilidade de colocar as pessoas e o planeta no centro de seus modelos de negócios. As empresas devem dividir lucros de forma equitativa, pagar salários justos com licença parental, licença por doença e seguros-desemprego, considerar limitar os salários excessivos de executivos e pagar níveis justos de impostos.³⁸¹ Também devem priorizar a transição ecológica e não os dividendos para acionistas ricos. Se as empresas francesas CAC40 tivessem limitado os lucros que pagaram a seus acionistas em 2018 em 30%, teriam gerado dinheiro suficiente para cobrir 98% dos investimentos necessários para sua transição ecológica.³⁸²

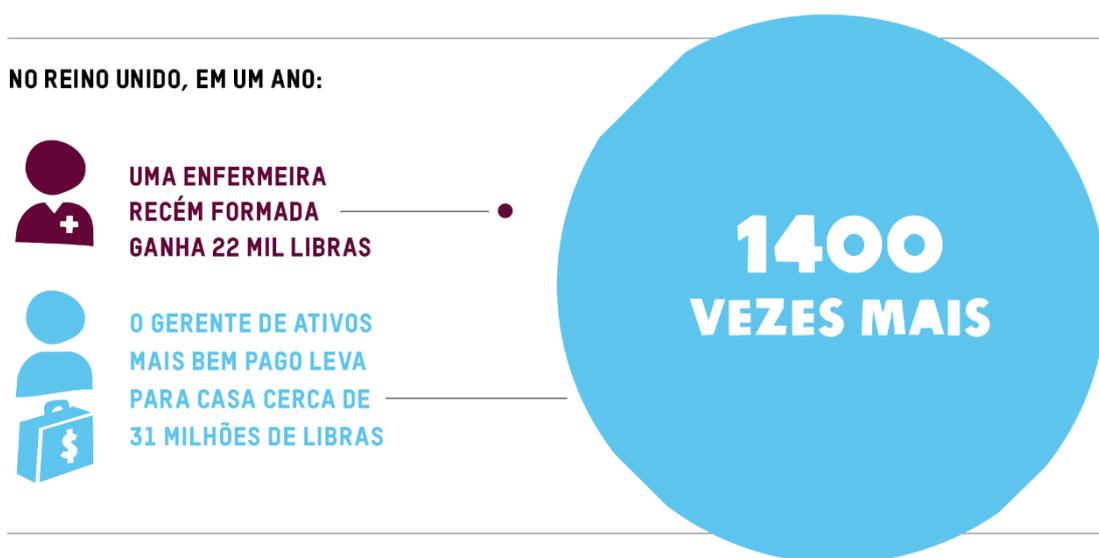
Isso beneficiará principalmente pessoas que vivem na pobreza, mulheres e grupos racializados que, desproporcionalmente, necessitam de empregos bem pagos e seguros, além de meios de subsistência sustentáveis.

Os governos precisam assumir a responsabilidade e garantir que seus pacotes de resgate e recuperação econômica apoiem a transição para um futuro justo e sustentável.³⁸³ Estudos apontam não só essa necessidade óbvia, mas também os

múltiplos benefícios de se investir em trabalhadores e pequenas empresas³⁸⁴ e em setores como saúde, educação³⁸⁵, agricultura³⁸⁶ e energia sustentável.³⁸⁷

Geralmente, é necessário mudar aquilo mais valorizado. Os empregos que contribuem positivamente para a proteção das pessoas e do planeta, como aqueles na área da saúde, devem ser mais valorizados que os muitos empregos que, embora contribuam com um valor mínimo e, na verdade, muitas vezes causam danos, atraem altos salários e recompensas, descrito de forma memorável pelo antropólogo David Graeber como “*Bullshit Jobs*”.³⁸⁸ No Reino Unido, por exemplo, o relatório mais recente da Autoridade Bancária Europeia descobriu que, em 2018, 31 pessoas no setor receberam mais de 8,9 milhões de libras e um gestor de ativos ganhou 31 milhões de libras, quase 1400 vezes mais que uma enfermeira qualificada e recém-formada ganha na Inglaterra.³⁸⁹ Os governos também podem considerar a possibilidade de limitar os salários excessivos.³⁹⁰ Um salário máximo de 100 mil libras no Reino Unido poderia, por exemplo, aumentar o salário médio anual de pessoas de renda baixa e média em 3.535 libras por ano.³⁹¹ Empresas de propriedade dos funcionários como a Mondragon, na Espanha, onde nenhum administrador pode ganhar mais de seis vezes o salário mais baixo, mostraram que isso pode ser feito de maneira comercialmente viável.³⁹²

Figure 5: Comparação dos ganhos de uma enfermeira e de um administrador de fundos no Reino Unido



Os governos e as empresas também precisam se esforçar mais para reconhecer, reduzir, redistribuir e representar o trabalho de cuidado, que é mal pago e não remunerado e que atualmente é realizado predominantemente por mulheres e grupos racializados. Por exemplo, países como Montenegro, Letônia, Cuba e Alemanha estabeleceram novos subsídios salariais para cuidadoras que cobrem a totalidade ou parte dos salários de pessoas que cuidam de familiares doentes durante a pandemia.³⁹³

Box 13: Uma mudança fundamental no modelo de negócios não é um sonho utópico³⁹⁴

Globalmente, as cooperativas geram US\$3 trilhões em receitas anuais³⁹⁵ e fornecem muito mais empregos que todas as empresas multinacionais juntas.³⁹⁶ Empresas sociais e cooperativas em todo o mundo sobreviveram a crises e convulsões anteriores. As empresas de comércio justo têm quatro vezes menos probabilidade, quando comparadas às pequenas e médias empresas normais, de se tornarem insolventes - não porque tenham mais lucros, mas porque permanecem comprometidas com seus trabalhadores, parceiros e comunidades, que por sua vez permanecem comprometidos com elas.³⁹⁷

Um estudo recente na Alemanha mostra que as empresas públicas com forte representação dos trabalhadores em seus conselhos pagavam em média 4% a mais de impostos e eram menos propensas a usar esquemas de evasão fiscal.³⁹⁸ Da mesma forma, as empresas pertencentes a funcionários e lideradas por missões superaram consistentemente as empresas convencionais em questões sociais e ambientais.³⁹⁹

4. Um mundo em que os muito ricos paguem uma quantidade justa de impostos

Os altos custos financeiros da pandemia do coronavírus, incluindo gastos com saúde, resgates para empresas e esforços de recuperação, aumentaram a necessidade de os governos repensarem suas fontes de receita. Fechar os paraísos fiscais, acabar com a competição fiscal perdulária e garantir níveis justos de tributação para as empresas multinacionais mais lucrativas e os indivíduos mais ricos oferece uma solução óbvia, conforme recentemente recomendado pelo FMI.⁴⁰⁰ A corrida implacável para o fundo do poço sobre os impostos corporativos precisa ser revertida e as taxas de impostos corporativos aumentadas. Aumentar as receitas públicas dessa forma é essencial para financiar políticas de redução da desigualdade e alcançar uma economia que coloque as pessoas e o planeta como centrais.

No curto prazo, a Oxfam estima que um imposto temporário sobre os lucros excedentes das 32 empresas globais que mais lucraram durante a pandemia poderia ter arrecadado US\$104 bilhões em 2020.⁴⁰¹ Os governos também poderiam aumentar os impostos sobre a riqueza e investir as receitas arrecadadas em planos de resgate do coronavírus com foco no apoio aos grupos mais marginalizados. A Oxfam calculou que se países como Jordânia, Egito e Marrocos tivessem cobrado impostos sobre fortunas em 2% a partir de 2010, eles poderiam ter gerado uma quantia maior do que todos os empréstimos do FMI que receberam nos últimos anos e poderiam ter evitado medidas de austeridade.⁴⁰²

Os governos devem aumentar o patrimônio líquido e suas próprias receitas por meio de sistemas fiscais justos, transparentes e responsáveis. Os governos deveriam garantir que a arrecadação tivesse como maior contribuição aqueles com maior capacidade de pagar e reduzir a carga sobre os mais pobres.⁴⁰³ Uma tributação mais elevada sobre o patrimônio, sobre corporações e empresas subtaxadas - a Comissão Independente para a Reforma da Tributação Internacional de Empresas (ICRICT, por sua sigla em inglês) demanda uma alíquota global mínima de imposto sobre empresas de 25%⁴⁰⁴ - seria uma escolha lógica, bem como menor dependência de regressivos impostos sobre o consumo, que recaem desproporcionalmente sobre os pobres, e têm um impacto particularmente forte sobre as mulheres, que gastam uma quantia maior de sua renda em itens como alimentos, roupas e suprimentos domésticos.⁴⁰⁵

Existem exemplos inspiradores de governos tomando medidas para reduzir a desigualdade e alcançar maior equidade por meio de políticas fiscais. No Nepal, por exemplo, uma isenção de impostos para a transferência de bens para mulheres promoveu mais registros de terras em nomes de mulheres.⁴⁰⁶ Na Argentina, o governo decidiu implementar um imposto temporário e solidário sobre a riqueza para os extremamente ricos, o que pode gerar mais de US\$3 bilhões para pagar medidas contra o coronavírus, incluindo suprimentos médicos e socorro para pessoas que vivem na pobreza e para pequenas e médias empresas.⁴⁰⁷

Os governos também devem adotar urgentemente reformas globais. Por exemplo, medidas globais para enfrentar a erosão da base e a transferência de lucros são necessárias para permitir que os países tributem todos os tipos de corporações de forma justa, incluindo negócios altamente digitalizados. Além disso, um acordo coordenado sobre alíquotas mínimas justas de impostos corporativos ajudaria a acabar com a corrida tributária para empresas.

5. Um mundo com segurança climática

Mesmo no momento em que o mundo enfrenta crises sanitárias e econômicas desencadeadas pela pandemia, a crise climática continua a crescer. O mundo está agora à beira de ultrapassar a meta de 1.5°C prevista no Acordo de Paris e de criar uma série de pontos de inflexão do ponto de vista climático.⁴⁰⁸



Maria Vasco e Santo Gabriel, sobreviventes do Ciclone Idai, Moçambique. © Tina Kruger / Oxfam Novib

Embora ninguém esteja imune, as consequências continuarão a ser mais devastadoras para os países de renda baixa e média, que estão mais expostos a perigos e enfrentam os maiores deslocamentos de população motivados pelo clima. Nesses países são as mulheres que vivem na pobreza as que normalmente arcam com a maior responsabilidade por tarefas dificultadas pelas mudanças climáticas, incluindo o abastecimento de alimentos e água.⁴⁰⁹ Os povos indígenas, que muitas vezes são fortemente afetados pelas mudanças climáticas

e com maior risco de deslocamento, há muito exigem uma mudança de modelo diante da “globalização extrativa”, que vê a natureza como uma fonte inesgotável de recursos a serem explorados.⁴¹⁰

As respostas dos governos à pandemia representam uma última chance de reduzir as emissões de carbono ao ritmo necessário e sem precedentes - simplesmente não há possibilidade de adiar essa tarefa. Se as emissões de carbono se recuperarem à medida que as economias se recuperam da pandemia, como fizeram depois da crise financeira global de 2008, o mundo ficará preso em um caminho de colapso climático descontrolado.⁴¹¹

Apenas uma ruptura urgente e radical com o “*business-as-usual*” (operar da forma de sempre) será suficiente para mudar o curso. Os governos devem abraçar uma transição justa para uma economia que reduza a demanda agregada de energia, ao mesmo tempo que muda o fornecimento de energia para fontes 100% renováveis e sustentáveis, o mais rapidamente possível. Em suma, o que precisamos é de uma economia menos extrativa e mais justa do que aquela que trouxe o mundo até onde estamos.

Os governos devem acabar com os subsídios públicos às indústrias de combustíveis fósseis, que custaram mais de US\$320 bilhões apenas em 2019⁴¹², e evitar que as empresas de combustíveis fósseis aproveitem as medidas de alívio econômico introduzidas em resposta à pandemia.⁴¹³ Os bancos comerciais e multilaterais de desenvolvimento devem ser orientados a encerrar seus investimentos em combustíveis fósseis e aumentar os investimentos em energias renováveis sustentáveis,⁴¹⁴ que estão rapidamente se tornando a fonte de eletricidade mais barata da história.⁴¹⁵ Em nenhum lugar do mundo os governos deveriam permitir a construção de uma única usina elétrica movida a carvão, cujos custos sanitários e climáticos são pagos pelas comunidades mais pobres e marginalizadas em todo o mundo.⁴¹⁶

Os governos devem criar impostos de carbono progressivos, com taxas mais altas ou medidas direcionadas para o consumo de carbono de luxo, como impostos sobre voos frequentes ou em classe executiva ou veículos utilitários esportivos (SUVs) altamente poluentes, e usar essas receitas para apoiar comunidades em situação de vulnerabilidade e de baixa renda. Esses impostos sobre o carbono podem ser uma nova fonte importante de fundos para esquemas de proteção social universal ampliados ou para outros serviços públicos universais que reduzem a necessidade de um aumento infinito de renda para atender às necessidades básicas⁴¹⁷ e - como a pandemia mostrou - podem aumentar enormemente a resiliência de comunidades que enfrentam choques crescentes e cada vez mais extremos nos padrões climáticos.

Os trabalhadores dos setores afetados devem receber apoio para se reciclarem e devem receber garantias de empregos decentes, com limites no tempo de trabalho quando apropriado, em setores de baixo carbono que beneficiam desproporcionalmente as mulheres e comunidades marginalizadas - desde energia renovável até eficiência energética ou saúde e assistência social.

Os direitos dos povos indígenas e das comunidades locais, que convivem com muitas das florestas e terras do mundo que atuam como sumidouros de carbono essenciais, devem ser protegidos.⁴¹⁸ Os agricultores familiares, pequenos agricultores e a produção agroecológica de alimentos devem ser mais apoiados que a agricultura extrativa e altamente poluente em escala industrial.⁴¹⁹ Trabalhadores, mulheres e comunidades marginalizadas devem estar no centro dos processos de tomada de decisão em todos os níveis - garantindo que suas vozes sejam ouvidas enquanto os governos planejam a transição para uma economia que permite que todos realizem seus direitos humanos, dentro dos limites que nosso planeta pode suportar.

CONCLUSÃO

A pandemia de coronavírus expôs, alimentou e exacerbou as desigualdades de renda, gênero e raça existentes. Esta crise revelou os problemas do nosso sistema econômico global falho e outras formas de opressão estrutural que fazem poucos super ricos prosperarem, enquanto milhões de pessoas permanecem em situação de pobreza, sendo a maioria delas mulheres, negros e negras, afrodescendentes, povos indígenas e comunidades historicamente marginalizadas e oprimidas em todo o mundo, que lutam para sobreviver.

Estamos em um ponto crucial da história humana. Não podemos retornar ao mundo brutal, desigual e insustentável em que o coronavírus nos encontrou. A humanidade tem um talento incrível, uma riqueza enorme e uma imaginação infinita. Devemos colocar esses recursos para funcionar para criar uma economia mais igualitária e sustentável que beneficie a todos e todas, não apenas a poucos privilegiados. Isso ajudará a construir um futuro que não seja liderado por poucos bilionários, mas por vozes diversas e múltiplas, coletivamente, e alicerçado nos princípios da democracia e dos direitos humanos.



No Mali, Fatouma, educador da Peer, fala em um megafone. © Laeïla Adjovi/Oxfam Novib

NOTAS

- 1 Nações Unidas (2020). *Tackling the Inequality Pandemic: A New Social Contract for a New Era*. Discurso do Secretário-Geral das Nações Unidas para o Dia Internacional Nelson Mandela. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2020-07-18/secretary-generals-nelson-mandela-lecture-%E2%80%9Ctackling-the-inequality-pandemic-new-social-contract-for-new-era%E2%80%9D-delivered>
- 2 Kristalina Georgieva. (2020). *No lost generation: can poor countries avoid the Covid trap?* The Guardian. <https://www.theguardian.com/business/2020/sep/29/covid-pandemic-imf-kristalina-georgieva>
- 3 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 4 P. Espinoza Revollo (2021). Ibid.
- 5 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>. A projeção de pobreza citada assume um aumento anual de 2% na desigualdade para todos os países e a projeção de crescimento negativo.
- 6 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 7 Organização Internacional do Trabalho - OIT. (2020). *A gender-responsive employment recovery: Building back fairer*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_751785.pdf
- 8 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 9 D. Viñas, P. Duran, J. Carvalho. (2020). *Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil*. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>, fonte Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- 10 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 11 Centers for Disease Control and Prevention (2020). *Race, Ethnicity, and Age Trends in Persons Who Died from COVID-19*. — United States, mai–ago 2020. *Morbidity and Mortality Weekly Report*. <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6942e1.htm>. O Censo dos EUA e os Centros de Controle e Prevenção de Doenças usam o termo “hispanico” para coletar dados desagregados por raça e etnia. Esse termo, no entanto, historicamente, colocou a colonização espanhola e a branquitude como central, e se atribui amplamente a ele um efeito de apagamento da herança indígena e africana das terras geográficas da América Latina.
- 12 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 13 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>. Ver também: C. Lakner, N. Yonzan, D. G. Mahler, R. A. Castaneda Aguilar, H. Wu, M. Fleury. 2020. *Updated estimates of the impact of COVID-19 on global poverty: The effect of new data*. Data Blog, 7 out. 2020. <https://blogs.worldbank.org/opendata>.
- 14 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>
- 15 World Inequality Lab. (2017). *World Inequality Report 2018*. <https://wir2018.wid.world/>

- 16 T. Gore. (2020). *Confronting Carbon Inequality: Putting climate justice at the heart of the COVID-19 recovery*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/confronting-carbon-inequality>
- 17 C. Coffey et al. (2020). Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>
- 18 J. Losavio. (2020). *What racism costs us all*. <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2020/09/the-economic-cost-of-racism-losavio.htm>
- 19 E. Bonilla-Silva, (1997). *Rethinking racism: Toward a structural interpretation*. American sociological review, 465-480.
- 20 E. Bonilla-Silva, Ibid.
- 21 E. Bonilla-Silva, Ibid.
- 22 OMS. (2017). *Tracking Universal Health Coverage: 2017 Global Monitoring Report*. World Health Organization. https://www.who.int/healthinfo/universal_health_coverage/report/2017/en/
- 23 OIT. (2017). *World Social Protection Report 2017–19: Universal social protection to achieve the Sustainable Development Goals*. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_604882/lang--en/index.htm
- 24 OIT. (2020). *World Employment and Social Outlook: Trends 2020*. https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455/lang--en/index.htm
- 25 Em 31 de outubro de 2020, mais da metade dos 1000 maiores milionários eram homens brancos. Forbes Real-Time Billionaires List <https://www.forbes.com/real-time-billionaires/>
- 26 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 27 P. Espinoza Revollo et al (2019) *Methodology note. Public Good or Private Wealth?* Oxfam International. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620599/tb-public-good-or-private-wealth-methodology-note-210119-en.pdf>
- 28 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 29 P. Espinoza Revollo (2021). Ibid.
- 30 O. Celasun, L. Christiansen, and M. MacDonald. (2020). *The Crisis is Not Over, Keep Spending (Wisely)*. IMF Blog. <https://blogs.imf.org/2020/11/02/the-crisis-is-not-over-keep-spending-wisely/>
- 31 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>
- 32 D. Reed. (2020). *Coronavirus and Service Cuts by Big Airlines Are Inflating Demand for Private Jet Charters after Year of Strong Sales*. Forbes. <https://www.forbes.com/sites/danielreed/2020/02/27/coronavirus--service-cuts-by-big-airlines-are-pushing-private-jets-to-near-record-sales-despite-environmentalists-efforts/?sh=7be031e2a281>
- 33 AFP Agency. (2020). *'Life at the top': Lebanon mountain club dodges economic crisis*. <https://www.youtube.com/watch?v=yzprjifynZY&feature=youtu.be>
- 34 T. Gore. (2020). *Confronting Carbon Inequality: Putting climate justice at the heart of the COVID-19 recovery*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/confronting-carbon-inequality>

- 35 C. Lakner, N. Yonzan, D. G. Mahler, R. A. Castaneda Aguilar, H. Wu, M. Fleury. 2020. *Updated estimates of the impact of COVID-19 on global poverty: The effect of new data*. Data Blog, 7 out. 2020. <https://blogs.worldbank.org/opendata>
- 36 A. Sumner, E. Ortiz-Juarez and C. Hoy. (2020). *Precairity and the Pandemic: COVID-19 and Poverty Incidence, Intensity, and Severity in Developing Countries*. WIDER Working Paper 2020/77. <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/Publications/Working-paper/PDF/wp2020-77.pdf>
- 37 Pew Research Center. (2015). *A Global Middle Class Is More Promise than Reality*. <https://www.pewresearch.org/global/2015/07/08/a-global-middle-class-is-more-promise-than-reality/>
- 38 Story gathered by United Steelworkers (2020). Not Even the Bare Minimum: Bangladeshi Garment Workers' Wages and the Responsibility of Canadian Brands (no prelo).
- 39 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 40 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>. Simulações baseadas em C. Lakner, D. G. Mahler, M. Negre, and E. B. Prydz. (2020). *How Much Does Reducing Inequality Matter for Global Poverty?* Global Poverty Monitoring Technical Note 13 (jun.), Banco Mundial. <http://documents1.worldbank.org/curated/en/328651559243659214/pdf/How-Much-Does-Reducing-Inequality-Matter-for-Global-Poverty.pdf>
- 41 Institute for Policy Studies. (2020). *Racial Economic Inequality*. <https://inequality.org/facts/racial-inequality/>
- 42 OIT. (2020). *A gender-responsive employment recovery: Building back fairer*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_751785.pdf
- 43 Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e Organização Mundial da Saúde (OMS) (2020). *Considerations on Indigenous Peoples, Afro-Descendants, and Other Ethnic Groups during the COVID-19 Pandemic*. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52251>
- 44 Oxfam (2020). *Averting Ethnocide: Indigenous peoples and territorial rights in crisis in the face of COVID-19 in Latin America* <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621028/bp-avoiding-ethnocide-210720-en.pdf>
- 45 Evidence from Low- and Middle-Income countries: Imperial College COVID-19 Response Team. (2020). *Report 22: Equity in response to the COVID-19 pandemic: an assessment of the direct and indirect impacts on disadvantaged and vulnerable populations in low- and lower middle-income countries*. <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/mrc-gida/2020-05-12-COVID19-Report-22.pdf> ; Evidence from High-Income Countries, for example in the UK: B. Palmer. (2020). *Chart of the week: Covid-19 kills people in the most deprived areas at double the rate of those in the most affluent*. Nuffield Trust. <https://www.nuffieldtrust.org.uk/resource/chart-of-the-week-Covid-19-kills-the-most-deprived-at-double-the-rate-of-affluent-people-like-other-conditions>, or in the US: C. Brown and M. Ravallion. (2020). *Poverty, inequality, and COVID-19 in the US*. <https://voxeu.org/article/poverty-inequality-and-Covid-19-us>
- 46 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 47 UNESCO. (2020). *Education: From disruption to recovery*. <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>
- 48 UNESCO, UNICEF and Banco Mundial. (2020). *What Have We Learnt? Findings from a survey of ministries of education on national responses to COVID-19*. <https://data.unicef.org/resources/national-education-responses-to-covid19/>

- 49 UNESCO (2020). *Covid-19 school closures around the world will hit girls hardest*. <https://en.unesco.org/news/Covid-19-school-closures-around-world-will-hit-girls-hardest>
- 50 OIT. (2020). *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Sixth edition Updated estimates and analysis*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_755910.pdf. Devido à pandemia, estima-se que a jornada de trabalho diminuiu 17,3% no segundo trimestre de 2020 (em comparação com o quarto trimestre de 2019), o que equivale a 495 milhões de empregos em tempo integral. A perda de horas de trabalho no terceiro e quarto trimestres diminuiu ligeiramente, mas o déficit de empregos no final de 2020 continua significativo.
- 51 M. Martin et al. (2020). *Fighting inequality in the time of COVID-19: The Commitment to Reducing Inequality Index 2020*. Oxfam International and Development Finance International (DFI). <https://www.oxfam.org/en/research/fighting-inequality-time-Covid-19-commitment-reducing-inequality-index-2020>
- 52 Oxfam America. (2020). *Disposable: In the face of COVID-19, the poultry industry seems willing to pay for cheap chicken with workers' lives*. https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/Disposable_Poultry_COVID.pdf
- 53 M. Fisher and E. Bubola. (2020). *As Coronavirus Deepens Inequality, Inequality Worsens Its Spread*. *The New York Times*. 15 mar. 2020. Acesso: 8 out. 2020. <https://www.nytimes.com/2020/03/15/world/europe/coronavirus-inequality.html>
- 54 OIT (2018). *Women and men in the informal economy: A statistical picture*. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_626831/lang--en/index.htm
- 55 M. Bolis et al. (2020). *Care in the Time of Coronavirus: Why care work needs to be at the centre of a post-COVID-19 feminist future*. Oxfam. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621009/bp-care-crisis-time-for-global-reevaluation-care-250620-en.pdf>
- 56 Oxfam. (2020). *O Vírus da Fome: como o coronavírus está aumentando a fome no mundo*. Nota para mídia. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/o-virus-da-fome/>
- 57 A. Roy. (2020). *The pandemic is a portal*. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/10d8f5e8-74eb-11ea-95fe-fcd274e920ca>
- 58 L. Zamore and B. Phillips. (2020). *COVID-19 and Public Support for Radical Policies*. NYU Center on International Cooperation. <https://cic.nyu.edu/sites/default/files/zamore-phillips-covid19-public-support-radical-policies-web-final.pdf>
- 59 K. Schwab. (2020). *We must move on from neoliberalism in the post-COVID era*. World Economic Forum. <https://www.weforum.org/agenda/2020/10/coronavirus-covid19-recovery-capitalism-environment-economics-equality/>
- 60 J. Zeballos-Roig. (2020). *The IMF says governments should consider new wealth taxes to raise cash from the rich as coronavirus slams the global economy*. Business Insider. <https://www.businessinsider.fr/us/governments-wealth-taxes-imf-new-source-revenue-coronavirus-economy-consider-2020-4>
- 61 *Financial Times*. (2020). *Virus lays bare the frailty of the social contract*. <https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-fcd274e920ca>
- 62 M. Martin et al. (2020). *Fighting inequality in the time of COVID-19: The Commitment to Reducing Inequality Index 2020*. Oxfam International and Development Finance International (DFI). <https://www.oxfam.org/en/research/fighting-inequality-time-Covid-19-commitment-reducing-inequality-index-2020>
- 63 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>

- 64 M. Lawson et al. (2019). *Public Good or Private Wealth?* Oxfam International. <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620599/bp-public-good-or-private-wealth-210119-en.pdf>
- 65 Oxfam. (2020). *Open letter: Uniting Behind A People's Vaccine Against COVID-19*. <https://medium.com/@Oxfam/uniting-behind-a-peoples-vaccine-against-Covid-19-87eec640976>
- 66 Oxfam. (2020). *Over 1,000 health professionals call for G20 to cancel developing countries' debt. Media reaction*. <https://www.oxfam.org/en/press-releases/over-1000-health-professionals-call-g20-cancel-developing-countries-debt>
- 67 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel and I. Valarino (2018). *Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work*. Geneva: International Labour Organization. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633135/lang--en/index.htm
- 68 High Pay Centre. (2020). *Paying for Covid: capping excessive salaries to save industries*. <https://highpaycentre.org/paying-for-covid-capping-excessive-salaries-to-save-industries/>
- 69 Buenos Aires Times. (2020). *Senate approves one-time levy on assets for Argentina's richest*. <https://batimes.com.ar/news/argentina/senate-approves-one-time-levy-on-assets-for-argentinas-richest.phtml>
- 70 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). *Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>
- 71 The financing gap to offer a social protection floor package in low-income countries is \$48bn in 2020. ILO. (2020c). *Financing gaps in social protection*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---soc_sec/documents/publication/wcms_758705.pdf
- 72 Oxfam International. (2019). *Forced from Home: Climate-fuelled displacement*. <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620914/mb-climate-displacement-cop25-021219-en.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- 73 M. Lawson et al. (2019). *Public Good or Private Wealth?* Oxfam International. <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620599/bp-public-good-or-private-wealth-210119-en.pdf>
- 74 C. Lakner. (2019). *A Global View of Inequality*. Banco Mundial. <http://pubdocs.worldbank.org/en/792141568662759167/World-Bank-Sep-2019-Lakner-2-public.pdf>
- 75 World Inequality Lab. (2017). *World Inequality Report 2018*. <https://wir2018.wid.world/>
- 76 OMS. (2017). *Tracking Universal Health Coverage: 2017 Global Monitoring Report*. World Health Organization. https://www.who.int/healthinfo/universal_health_coverage/report/2017/en/
- 77 OIT. (2017). *World Social Protection Report 2017–19: Universal social protection to achieve the Sustainable Development Goals*. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_604882/lang--en/index.htm
- 78 OIT. (2020). *World Employment and Social Outlook: Trends 2020*. https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455/lang--en/index.htm
- 79 E. Seery and A. Caistor Arendar. (2014). *Even It Up: Time to end extreme inequality*. Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/even-it-up-time-to-end-extreme-inequality-333012>
- 80 OIT. (2020). *World Employment and Social Outlook: Trends 2020*. https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455/lang--en/index.htm

- 81 D. Alejo Vázquez Pimentel, I. Macías Aymar and M. Lawson. (2018). *Recompensem o Trabalho, Não a Riqueza*. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/recompensem-o-trabalho-nao-a-riqueza/>
- 82 Em 31 de outubro de 2020, mais da metade dos 1000 maiores bilionários eram homens brancos. Fonte: Forbes Real-Time Billionaires List. <https://www.forbes.com/real-time-billionaires/>
- 83 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel and I. Valarino (2018). *Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work*. Geneva: International Labour Organization. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633135/lang--en/index.htm
- 84 C. Coffey et al. (2020). *Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>
- 85 T. Gore. (2020). *Confronting Carbon Inequality: Putting climate justice at the heart of the COVID-19 recovery*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/confronting-carbon-inequality>
- 86 E. Betita Martinez. *What is White Supremacy?* <http://www.pittsburghartscouncil.org/storage/documents/ProfDev/what-is-white-supremacy.pdf>
- 87 D. Hamilton and K. Strickland. (2020). *The Racism of Neoliberalism*. <https://economics.com/racism-neoliberalism-darrick-hamilton/>
- 88 D. Hamilton, *Neoliberalism and Race, Democracy*. A Journal of ideas, 2019 <https://democracyjournal.org/magazine/53/neoliberalism-and-race/>
- 89 K. Clausing, E. Saez and G. Zucman. (2020). *Ending corporate tax avoidance and tax competition: plan to collect the tax deficit of multinationals*. <http://gabriel-zucman.eu/files/CSZ2020.pdf>
- 90 T. Piketty. (2014). *Capital in the 21st Century*. Cambridge: Harvard University Press. Dados disponíveis em: <https://ourworldindata.org/grapher/top-income-tax-rates-piketty>
- 91 A. Cobham, J. Garcia-Bernardo, M. Palansky, M. Bou Mansour. (2020). *The State of Tax Justice 2020*. Tax Justice Network. <https://www.taxjustice.net/reports/the-state-of-tax-justice-2020/>
- 92 D. Alejo Vázquez Pimentel, I. Macías Aymar and M. Lawson. (2018). *Recompensem o Trabalho, Não a Riqueza*. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/recompensem-o-trabalho-nao-a-riqueza/>
- 93 Oxfam. (2020). *CAC40 : Des Profits sans lendemains?* <https://www.oxfamfrance.org/rapports/cac-40-des-profits-sans-lendemain/>
- 94 Baseado em dados da OCDE. Mais informação em: P. Espinoza Revollo (2021). *O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica*. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento.
- 95 I. Ortiz, M. Cummins, J. Capaldo, and K. Karunanethy. *The Decade of Adjustment: A Review of Austerity Trends 2010-2020 in 187 Countries*. International Labour Office. <https://www.social-protection.org/gimi/gess/RessourcePDF.action?ressource.ressourceld=53192>
- 96 I. Ortiz and M. Cummins. (2019). *Austerity: The New Normal A Renewed Washington Consensus 2010–24*. <http://policydialogue.org/files/publications/papers/Austerity-the-New-Normal-Ortiz-Cummins-6-Oct-2019.pdf>
- 97 P. Loungani. (2013). *“Austerity” and Inequality: Is there a Link?* Banco Mundial Blogs. <https://blogs.worldbank.org/jobs/austerity-and-inequality-there-link>

- 98 Women's Budget Group. (2018). *Intersecting Inequalities. The impact of austerity on Black and Minority Ethnic women in the UK*. <http://wbg.org.uk/wp-content/uploads/2018/08/Intersecting-Inequalities-October-2017-Full-Report.pdf>
- 99 R. Pavanelli. (2019). *Austerity drives populism and is a frontal attack on the rights of women*. openDemocracy. <https://www.opendemocracy.net/en/5050/austerity-drives-populism-and-frontal-attack-rights-women/>
- 100 N. Abdo and S. Almasri. (2020). *For a Decade of Hope Not Austerity in the Middle East and North Africa: Towards a fair and inclusive recovery to fight inequality*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/decade-hope-not-austerity-middle-east-and-north-africa>
- 101 Banco Mundial. (2020). *The Global Economic Outlook During the COVID-19 Pandemic: A Changed World*. <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2020/06/08/the-global-economic-outlook-during-the-covid-19-pandemic-a-changed-world>
- 102 Em 31 de outubro de 2020, mais da metade dos 1000 maiores bilionários eram homens brancos. Forbes Real-Time Billionaires List <https://www.forbes.com/real-time-billionaires/>
- 103 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 104 P.E. Revollo et al (2019) *Methodology note. Public Good or Private Wealth?* Oxfam International. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620599/tb-public-good-or-private-wealth-methodology-note-210119-en.pdf>
- 105 D. Swonk, D. Rosenberg, M.A. El-Erian, A. Posen, E. Porter and T. Jackson. (2020). *Why Are Stocks Soaring in the Middle of a Pandemic?* <https://foreignpolicy.com/2020/05/29/stock-market-rally-coronavirus-pandemic/>
- 106 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 107 P. Espinoza Revollo (2021). Ibid.
- 108 O. Celasun, L. Christiansen, and M. MacDonald. (2020). *The Crisis is Not Over, Keep Spending (Wisely)*. IMF Blog. <https://blogs.imf.org/2020/11/02/the-crisis-is-not-over-keep-spending-wisely/>
- 109 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 110 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>
- 111 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). Ibid.
- 112 Oxfam America. (2020). *Pandemic Profits Exposed*. Media briefing, 22 jul. 2020. https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/Pandemic_Profiteers_Exposed.pdf
- 113 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 114 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>
- 115 N. Abdo and S. Almasri. (2020). *For a Decade of Hope Not Austerity in the Middle East and North Africa: Towards a fair and inclusive recovery to fight inequality*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/decade-hope-not-austerity-middle-east-and-north-africa>
- 116 S. Ruiz. (2020) Quem paga a conta? Oxfam Internacional. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/quem-paga-a-conta/>

- 117 O cálculo anual da linha de extrema pobreza do Banco Mundial de US\$1,90 por dia é de US\$693,5 por ano. O número total de pessoas extremamente pobres adicionais na região é de 12,4 milhões, assumindo um choque de 20% na renda familiar calculada por A. Sumner, E. Ortiz-Juarez and C. Hoy. (2020). *Precairity and the Pandemic: COVID-19 and Poverty Incidence, Intensity, and Severity in Developing Countries*. WIDER Working Paper 2020/77. <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/Publications/Working-paper/PDF/wp2020-77.pdf>. Multiplicamos US\$693.5 por 12.4 milhões, o que resulta em US\$8.6 bilhões. Dividimos então a riqueza adicional dos bilionários da América Latina e Caribe (48 bi) por esse resultado, que é 5.5 (cerca de 5).
- 118 L. Meakin. (2020). *U.K. Low-Income Households Turn to Debt as Rich Save in Lockdown*. Bloomberg. <https://www.bloomberquint.com/global-economics/u-k-low-income-households-turn-to-debt-as-rich-save-in-lockdown>
- 119 O. Williams. (2020). *How Wealth Managers Helped Millionaire Clients Grow Richer During Lockdown*. Forbes, 3 June 2020. <https://www.forbes.com/sites/oliverwilliams1/2020/06/03/how-wealth-managers-helped-millionaire-clients-grow-richer-during-lockdown/#49d27bda6951>
- 120 AFP Agency. (2020). *'Life at the top': Lebanon mountain club dodges economic crisis*. <https://www.youtube.com/watch?v=yzprjifynZY&feature=youtu.be>
- 121 D. Reed. (2020). *Coronavirus and Service Cuts by Big Airlines Are Inflating Demand for Private Jet Charters after Year of Strong Sales*. Forbes. <https://www.forbes.com/sites/danielreed/2020/02/27/coronavirus--service-cuts-by-big-airlines-are-pushing-private-jets-to-near-record-sales-despite-environmentalists-efforts/?sh=7be031e2a281>
- 122 O. Williams. (2020). *Wealthy Move Their Money To Tax Havens*. Forbes, 28 abr. 2020. <https://www.forbes.com/sites/oliverwilliams1/2020/04/28/wealthy-move-their-money-to-tax-havens/-24ec3dba251c>
- 123 Energy Policy Tracker. <https://www.energypolicytracker.org/> (consultado em 3 nov. 2020, última atualização 28 out. 2020).
- 124 Há um consenso geral de que, embora a linha de extrema pobreza de US\$1,90 por dia seja politicamente importante para a ação de mobilização, ela não representa uma medida que consiste no “nível mínimo estimado de renda necessária para garantir as necessidades da vida”. Além da linha de pobreza de US\$1,90, o Banco Mundial agora usa linhas de pobreza de US\$3,20 e US\$5,50, que são típicas das linhas de pobreza nacionais encontradas em países de renda média baixa e média alta. A menos que seja mencionado de outra forma, usamos a linha de pobreza de US\$5,50 neste documento. Isso é expresso em paridade de poder de compra (PPC), uma métrica que compara as moedas de diferentes países por meio de uma abordagem de “cesta de mercadorias” e permite que os economistas comparem a produtividade econômica e os padrões de vida entre os países enquanto ajustam as diferenças nos níveis de preços.
- 125 C. Lakner, N. Yonzan, D.G. Mahler, R.A. Castaneda Aguilar, H. Wu and M. Fleury. (2020). *Updated estimates of the impact of COVID-19 on global poverty: The effect of new data*. Banco Mundial Blogs. <https://blogs.worldbank.org/opendata/updated-estimates-impact-Covid-19-global-poverty-effect-new-data>
- 126 A. Sumner, E. Ortiz-Juarez and C. Hoy. (2020). *Precairity and the pandemic: COVID-19 and poverty incidence, intensity, and severity in developing countries*. WIDER Working Paper 2020/77. <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/Publications/Working-paper/PDF/wp2020-77.pdf>
- 127 Z. Christensen and C. Wells. (2020). *How is Covid impacting people living in poverty worldwide?* Development Initiatives. <https://devinit.org/resources/covid-impacting-people-living-poverty-worldwide/#downloads>

- 128 A. Sumner, E. Ortiz-Juarez and C. Hoy. (2020). *Precarity and the pandemic: COVID-19 and poverty incidence, intensity, and severity in developing countries*. WIDER Working Paper 2020/77. <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/Publications/Working-paper/PDF/wp2020-77.pdf>
- 129 S. Ruiz. (2020) Quem paga a conta? Oxfam Internacional. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/quem-paga-a-conta/>
- 130 Pew Research Center. (2015). *A Global Middle Class Is More Promise than Reality*. <https://www.pewresearch.org/global/2015/07/08/a-global-middle-class-is-more-promise-than-reality/>
- 131 OIT. (2020). *World Employment and Social Outlook: Trends 2020*. https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455/lang--en/index.htm
- 132 S. Fleming. (2020). *This is how COVID-19 is affecting informal workers*. <https://www.weforum.org/agenda/2020/07/coronavirus-impact-informal-workers-world-bank/>
- 133 M. Carter and C. Barrett. (2006). *The economics of poverty traps and persistent poverty: An asset-based approach*. *The Journal of Development Studies*, Vol. 42, 2006. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00220380500405261>
- 134 Food and Agricultural Organisation. (2020). *Impact of COVID-19 on informal workers* <http://www.fao.org/3/ca8560en/CA8560EN.pdf>
- 135 FMI. (2020). *The Evolution of Public Debt Vulnerabilities In Lower Income Economies*. <https://www.imf.org/en/Publications/Policy-Papers/Issues/2020/02/05/The-Evolution-of-Public-Debt-Vulnerabilities-In-Lower-Income-Economies-49018>
- 136 UNCTAD. (2020). *Global foreign direct investment falls 49% in first half of 2020*. <https://unctad.org/news/global-foreign-direct-investment-falls-49-first-half-2020>
- 137 FMI. (2020). *World Economic Outlook, October 2020: A Long and Difficult Ascent*. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/09/30/world-economic-outlook-october-2020>
- 138 Eurodad (2020). *Shadow report on the limitations of the G20 Debt Service Suspension Initiative: Draining out the Titanic with a bucket?* https://www.eurodad.org/g20_dssi_shadow_report
- 139 OCDE, African Union Commission and African Tax Administration Forum. (2020). *Revenue Statistics in Africa 2020*. <https://doi.org/10.1787/14e1edb1-en-fr>
- 140 Oxfam. (2020). *Latin American billionaires surge as world's most unequal region buckles under coronavirus strain*. Press release. <https://www.oxfam.org/en/press-releases/latin-american-billionaires-surge-worlds-most-unequal-region-buckles>
- 141 OCDE. (2020). *Six decades of ODA: Insights and outlook in the COVID-19 crisis. Development Cooperation Report*. <https://www.oecd-ilibrary.org/sites/5e331623-en/index.html?itemId=/content/component/5e331623-en>
- 142 N. Daar and N. Tamale. (2020). *A Virus of Austerity? The COVID-19 spending, accountability, and recovery measures agreed between the IMF and your government*. Oxfam International blog. <https://www.oxfam.org/en/blogs/virus-austerity-Covid-19-spending-accountability-and-recovery-measures-agreed-between-imf-and>
- 143 ONU Mulheres (2020). *From Insight to Action: Gender Equality in the Wake of COVID-19*. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/gender-equality-in-the-wake-of-Covid-19-en.pdf?la=en&vs=5142>
- 144 P. Espinoza Revollo (2021). *O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica*. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br

- 145 International Labour Organization. (2020). *A gender-responsive employment recovery: Building back fairer*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_751785.pdf
- 146 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 147 Instituto de Investigaciones para el Desarrollo con Equidad.(2020). *Resultados Actualizados de la “Encuesta de Seguimiento de los Efectos del COVID-19 en el Bienestar de los Hogares Mexicanos” #ENCOVID19 Maio 2020*. https://ibero.mx/sites/default/files/comunicado_encovid19_mayo_2020_final.pdf
- 148 N. Lustig, V. Martinez, F. Sanz and S. Younger. (2020). *The impact of COVID-19 Lockdowns and Expanded Social Assistance on Inequality, Poverty and Mobility in Argentina, Brazil, Colombia and Mexico*. <https://ideas.repec.org/p/inq/inqwps/ecineq2020-558.html>
- 149 Z. Parolin and C. Wimer. (2020). *Forecasting Estimates of Poverty During the COVID-19 Crisis*. Center on Poverty & Social Policy at Columbia University. <https://static1.squarespace.com/static/5743308460b5e922a25a6dc7/t/5e9786f17c4b4e20ca02d16b/1586988788821/Forecasting-Poverty-Estimates-COVID19-CPSP-2020.pdf>
- 150 K. Crenshaw. (1989). *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. African Journal of International and Comparative Law, p.139–167. <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf>, and *Kimberlé Crenshaw on Intersectionality, More than Two Decades Later*. Arquivado do original em 23 fev. 2019. <https://www.law.columbia.edu/news/archive/kimberle-crenshaw-intersectionality-more-two-decades-later>
- 151 Apenas alguns países, por exemplo, coleta e publica dados desagregados por identidade de raça e étnica, o que limita a análise e compreensão das disparidades raciais na saúde durante a pandemia de Covid-19. *The Economist*. (2020). *A lack of data on race hampers efforts to tackle inequalities*. <https://www.economist.com/leaders/2020/11/21/a-lack-of-data-on-race-hampers-efforts-to-tackle-inequalities>
- 152 Como medido pelo coeficiente de Gini.
- 153 D. Furceri; P. Loungani; J.D. Ostry. (2020). *How Pandemics Leave The Poor Even Farther Behind*. IMF Blog. <https://blogs.imf.org/2020/05/11/how-pandemics-leave-the-poor-even-farther-behind/>
- 154 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. Chapter 2. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>
- 155 Crédit Suisse. (2020). *The Global Wealth Report 2020*. <https://www.credit-suisse.com/about-us/en/reports-research/global-wealth-report.html>
- 156 OCDE. (2020). *Developing countries and development co-operation: What is at stake?* <http://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/developing-countries-and-development-co-operation-what-is-at-stake-50e97915/>
- 157 M. Roser; E. Ortiza-Ospina. (2016). *Income Inequality*. <https://ourworldindata.org/income-inequality>
- 158 M. Roser; E. Ortiza-Ospina. (2016). Ibid
- 159 F. Novokmet, T. Piketty and G Zucman. (2018). *From Soviets to Oligarchs: Inequality and Property in Russia 1905–2016*. <https://wid.world/document/soviets-oligarchs-inequality-property-russia-1905-2016/>
- 160 T. Piketty, L. Yang; G. Zucman (2017). *Capital Accumulation, Private Property and Rising Inequality in China, 1978–2015*. <https://wid.world/document/t-piketty-l-yang-and-g-zucman-capital-accumulation-private-property-and-inequality-in-china-1978-2015-2016/>

- 161 W. Scheidel. (2019). *Inequality: Total war as a great leveller*. <https://voxeu.org/article/inequality-total-war-great-leveller>
- 162 L. Chancel. (2019). *Indian Income Inequality, 1922–2015: from British Raj to Billionaire Raj?* <http://piketty.pse.ens.fr/files/ChancelPiketty2019RIW.pdf>
- 163 World Inequality Lab. (2018). *World Inequality Report 2018: Executive Summary*. <https://wir2018.wid.world/executive-summary.html>
- 164 E. Tsounta; A. I. Osueke. (2014). *What is Behind Latin America's Declining Income Inequality?* IMF Working Paper. <https://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2014/wp14124.pdf>
- 165 *Financial Times*. (2020). Q&A: *How will coronavirus affect inequality in the years to come?* <https://www.ft.com/content/a896a832-72d2-4023-8124-0b58a8bcf081>
- 166 Banco Mundial. (2020). *COVID-19 to Plunge Global Economy into Worst Recession since World War II*. <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/06/08/Covid-19-to-plunge-global-economy-into-worst-recession-since-world-war-ii>
- 167 Banco Mundial. (2020). Ibid.
- 168 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 169 N. Bontan, B. Hoffmann, and D. Vera-Cossio. (2020). *The Unequal Impact of the Coronavirus Pandemic: Evidence from Seventeen Developing Countries*. <http://dx.doi.org/10.18235/0002451>
- 170 H.H. Dang, T. Huynh and M. Nguyen. (2020). *Does the COVID-19 Pandemic Disproportionately Affect the Poor? Evidence from a Six-Country Survey*. IZA Institute of Labor Economics. <http://ftp.iza.org/dp13352.pdf>
- 171 Institute of Employment Rights. (2020). *Covid-19 has exacerbated wealth gap, research finds* <https://www.ier.org.uk/news/Covid-19-has-exacerbated-wealth-gap-research-finds/>; and *The Independent*. (2020). *Coronavirus crisis 'exacerbating inequalities as richer build savings faster'*. <https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/coronavirus-inequality-savings-banks-ifs-b1395750.html>; and L. Meakin. (2020). *U.K. Low-Income Households Turn to Debt as Rich Save in Lockdown*. Bloomberg. <https://www.bloomberquint.com/global-economics/u-k-low-income-households-turn-to-debt-as-rich-save-in-lockdown>; O. Williams. (2020). *How Wealth Managers Helped Millionaire Clients Grow Richer During Lockdown*. *Forbes*, 3 jun. 2020. <https://www.forbes.com/sites/oliverwilliams1/2020/06/03/how-wealth-managers-helped-millionaire-clients-grow-richer-during-lockdown/#49d27bda6951>
- 172 Por exemplo, as evidências iniciais na Itália, Espanha e Bélgica mostraram que, embora a crise aparentemente tenha levado a uma maior redução na renda obtida no mercado de trabalho para as pessoas mais pobres, as medidas direcionadas às pessoas de baixa renda introduzidas por esses governos foram eficazes em compensar a piora da distribuição de renda, pelo menos nos primeiros meses da pandemia. G. Gallo; M. Raitano. (2020). *Forthcoming study by Presented on the 9th of November 2020 at the Italian G20-2021 Presidency Internal Seminar hosted by the Italian Ministry of Finance*; O. Aspachs, R. Durante, J. García-Montalvo, A. Graziano, J. Mestres, M. Reynal-Querol (2020). *Measuring income inequality and the impact of the welfare state during COVID-19: Evidence from bank data* <https://voxeu.org/article/income-inequality-and-welfare-state-during-Covid-19>. Banque nationale de Belgique (2020). *La crise du coronavirus a un impact négatif important sur les revenus de certains ménages avec des pertes plus prononcées pour ceux dont le revenu est plus faible*. <https://www.nbb.be/doc/ts/enterprise/press/2020/cp200617fr.pdf>
- 173 Burkina Faso, Chade, Etiópia, Malawi, Mali, Mongólia, Myanmar, Nigéria, Tajiquistão, Uganda, Uzbequistão, Vietnã, Iêmen e Zâmbia.
- 174 Banco Mundial. (2020). *High-Frequency Monitoring Systems to Track the Impacts of the COVID-19 Pandemic*. <https://www.worldbank.org/en/topic/poverty/brief/high-frequency-monitoring-surveys>

- 175 Banco Mundial. (2020), *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. Box 2.2, p.93. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>
- 176 O coeficiente de Gini mede até que ponto a distribuição de renda ou riqueza entre indivíduos ou famílias dentro de uma economia se desvia de uma distribuição perfeitamente igual. Um coeficiente de Gini zero expressa igualdade perfeita, onde todos os valores são iguais (por exemplo, onde todos têm a mesma renda). Um coeficiente de Gini de um expressa a desigualdade máxima entre os valores (por exemplo, onde apenas uma pessoa tem toda a renda ou consumo e todas as outras não têm nada).
- 177 Banco Mundial. (2020). *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>. The simulations are based on C. Lakner, D. G. Mahler, M. Negre, and E. B. Prydz. (2020). *How Much Does Reducing Inequality Matter for Global Poverty?* Global Poverty Monitoring Technical Note 13 (jun.), Banco Mundial. <http://documents1.worldbank.org/curated/en/328651559243659214/pdf/How-Much-Does-Reducing-Inequality-Matter-for-Global-Poverty.pdf>
- 178 K. Georgieva. (2020). *No lost generation: can poor countries avoid the Covid trap?* *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/business/2020/sep/29/covid-pandemic-imf-kristalina-georgieva>
- 179 Nações Unidas. (2020). *Tackling the Inequality Pandemic: A New Social Contract for a New Era*. UN Secretary-General's Lecture for Nelson Mandela's International Day. <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2020-07-18/secretary-generals-nelson-mandela-lecture-%E2%80%99tackling-the-inequality-pandemic-new-social-contract-for-new-era%E2%80%9D-delivered>
- 180 Nações Unidas. (2020). *Policy Brief: The Impact of COVID-19 on Latin America and the Caribbean*. https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/sg_policy_brief_covid_lac.pdf
- 181 A.R. Gover, S.B. Harper and L. Langton. (2020). *Anti-Asian hate crime during the COVID-19 pandemic: exploring the reproduction of inequality*. *American Journal of Criminal Justice*, 45, 647-667(2020). <https://link.springer.com/article/10.1007/s12103-020-09545-1>
- 182 T. Haokip. (2020). *From 'Chinky' to 'Coronavirus': racism against Northeast Indians during the COVID-19 pandemic*. *Asian Ethnicity*. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14631369.2020.1763161>
- 183 K.J. Roberto, A.F. Johnson and B.M. Rauhaus. (2020). *Stigmatization and prejudice during the COVID-19 pandemic*. *Administrative Theory & Praxis*, Vol. 42, Issue 3. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10841806.2020.1782128>
- 184 L. Tondo. (2020). *Salvini attacks Italy PM over coronavirus and links to rescue ship*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2020/feb/24/salvini-attacks-italy-pm-over-coronavirus-and-links-to-rescue-ship>
- 185 M. Matache and J. Bhabha. (2020). *Anti-Roma racism is spiraling during COVID-19 pandemic*. *Health and Human Rights*, 2020 Jun; 22(1): 379-382. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7348427/>
- 186 Australian Indigenous Doctors' Association (AIDA) (2020). *Indigenous Doctors warn that racism will cost lives*. <https://www.aida.org.au/wp-content/uploads/2020/03/Indigenous-Doctors-warn-that-racism-will-cost-lives-MEDIA-RELEASE.pdf>
- 187 T. Azhari. (2020). *COVID-19: Lebanese municipalities 'discriminate' against refugees*. Al Jazeera. <https://www.aljazeera.com/news/2020/04/02/Covid-19-lebanon-municipalities-discriminate-against-refugees/>
- 188 OMS - Commission on Social Determinants of Health. (2008). *Closing the gap in a generation: Health equity through action on the social determinants of health*. <https://www.who.int/mediacentre/news/releases/2008/pr29/en/>

- 189 E. Barrera-Algarín E, F. Estepa-Maestre, J. Sarasola-Sánchez-Serrano, and A. Vallejo-Andrada. (2020). *COVID-19, neoliberalism and health systems in 30 European countries: relationship to deceases*. <https://europepmc.org/article/med/33111713>
- 190 D. Sherpa. (2020). *Estimating impact of austerity policies in COVID-19 fatality rates: Examining the dynamics of economic policy and case fatality rates (CFR) of COVID-19 in OECD countries*. <https://www.medrxiv.org/content/medrxiv/early/2020/04/13/2020.04.03.20047530.full.pdf>
- 191 M. Nalabandian, J. O'Brien, A. League, S. Ravi, D.E. Meyer, M.L. Snyder and L. Warmbrod. (2019). *Global Health Security Index: Building Collective Action and Accountability*. <https://www.ghsindex.org/wp-content/uploads/2020/04/2019-Global-Health-Security-Index.pdf>
- 192 F. Guarascio. (2020). *Exclusive: EU states need 10 times more coronavirus equipment – internal document*. Reuters. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-eu-supplies-exclus-idUSKBN21C1JC>
- 193 R. Maclean and S. Marks. (2020). *10 African Countries Have No Ventilators. That's Only Part of the Problem*. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2020/04/18/world/africa/africa-coronavirus-ventilators.html>
- 194 ActionAid. (2020). *Who Cares for the Future: Finance gender responsive public services*. <https://actionaid.org/publications/2020/who-cares-future-finance-gender-responsive-public-services#downloads>
- 195 M. Thomson, A. Kentikelenis and T. Stubbs. (2017). *Structural adjustment programmes adversely affect vulnerable populations: a systematic-narrative review of their effect on child and maternal health*. *Public Health Review* 2017;38:13. <https://publichealthreviews.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40985-017-0059-2>
- 196 M. Martin et al. (2020). *Fighting inequality in the time of COVID-19: The Commitment to Reducing Inequality Index 2020*. Oxfam International and Development Finance International (DFI). <https://www.oxfam.org/en/research/fighting-inequality-time-Covid-19-commitment-reducing-inequality-index-2020>
- 197 J. Assa and C. Calderon. (2020). *Privatization and Pandemic: A cross-country analysis of COVID-19 rates and health-care financing structures*. UNDP/HDRO. https://www.researchgate.net/profile/Jacob_Assa2/publication/341766609_Privatization_and_Pandemic_A_Cross-Country_Analysis_of_COVID-19_Rates_and_Health-Care_Financing_Structures/links/5ed29f9945851529451c5df9/Privatization-and-Pandemic-A-Cross-Country-Analysis-of-COVID-19-Rates-and-Health-Care-Financing-Structures.pdf
- 198 OMS. (2020). *Pulse survey on continuity of essential health services during the COVID-19 pandemic: interim report, 27 ago. 2020*. https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-EHS_continuity-survey-2020.1
- 199 Oxfam South Africa. (n.d.). *The Right to Dignified Healthcare Work is a Right to Dignified Health Care For All*. https://www.oxfam.org.za/wp-content/uploads/2020/08/oxfam_care4carers-report_final_20200720.pdf
- 200 Imperial College COVID-19 Response Team. (2020). *Report 22: Equity in response to the COVID-19 pandemic: an assessment of the direct and indirect impacts on disadvantaged and vulnerable populations in low- and lower middle-income countries*. <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/mrc-gida/2020-05-12-COVID19-Report-22.pdf>, and K. Ahmad, S. Erqou, N. Shah, U. Nazir, A. Morrison, G. Choudhary, W. Wu. (2020). *Association of poor housing conditions with COVID-19 incidence and mortality across US counties*. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0241327>
- 201 M. Brussevich, E. Dabla-Norris, and S. Khalid. (2020). *Teleworking is Not Working for the Poor, the Young, and the Women*. IMF Blog. <https://blogs.imf.org/2020/07/07/teleworking-is-not-working-for-the-poor-the-young-and-the-women/>

- 202 B. Palmer. (2020). *Chart of the week: Covid-19 kills people in the most deprived areas at double the rate of those in the most affluent*. Nuffield Trust.
<https://www.nuffieldtrust.org.uk/resource/chart-of-the-week-Covid-19-kills-the-most-deprived-at-double-the-rate-of-affluent-people-like-other-conditions>
- 203 S. Goutte, T. Péran and T. Porcher. (2020). *The role of economic structural factors in determining pandemic mortality rates: Evidence from the COVID-19 outbreak in France*. *Research in International Business and Finance*, 2020 Dec; 54: 101281.
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7309896/>
- 204 M.R. Martines et al. (2020). *Detecting space-time clusters of COVID-19 in Brazil: mortality, inequality, socioeconomic vulnerability, and the relative risk of the disease in Brazilian municipalities*.
<https://www.medrxiv.org/content/medrxiv/early/2020/06/16/2020.06.14.20131102.full.pdf>
- 205 L. Khanal, B.K. Paudel and B.K. Acharya. (2020). *Community vulnerability to epidemics in Nepal: A high-resolution spatial assessment amidst COVID-19 pandemic*.
<https://www.medrxiv.org/content/medrxiv/early/2020/07/02/2020.07.01.20144113.full.pdf>
- 206 J. Baena-Díez, M. Barroso, S. Cordeiro-Coelho, J. Díaz, M. Grau (2020). *Impact of COVID-19 outbreak by income: hitting hardest the most deprived*. *Journal of Public Health*, fdaa136.
<https://doi.org/10.1093/pubmed/fdaa136>
- 207 A. Das et al. (2020). *Modeling the effect of area deprivation on COVID-19 incidences: a study of Chennai megacity, India*. *Public Health*, Vol. 185, ago. 2020, p.266-269.
<https://doi.org/10.1016/j.puhe.2020.06.011>
- 208 Oxfam. (2020). *Campaigners warn that 9 out of 10 people in poor countries are set to miss out on COVID-19 vaccine next year*. <https://www.oxfam.org/en/press-releases/campaigners-warn-9-out-10-people-poor-countries-are-set-miss-out-Covid-19-vaccine>
- 209 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). *Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>
- 210 W. Feuer and N. Wells (2020). *Pfizer CEO sold \$5.6 million of stock as company announced vaccine data that sent shares soaring*. CNBC. <https://www.cnbc.com/2020/11/11/coronavirus-vaccine-pfizer-ceo-sold-5point6-million-of-stock-as-company-announced-positive-data.html>
- 211 A Pfizer anunciou que sua vacina experimental era altamente eficaz em 9 de novembro de 2020. Sr. Bourla pré-programou a venda de mais de 130 mil ações no mesmo dia. Se a Pfizer tivesse feito seu anúncio em 10 de novembro, e presumindo que o preço das ações permanecesse estável, a venda do Sr. Bourla teria arrecadado US\$4,8 milhões em vez de quase US\$5,6 milhões, uma diferença de US\$800 mil. Financial Times (2020). *Executives have no excuse for dumping stock*. <https://www.ft.com/content/6d494c88-f971-481d-90d2-4e678155209e>
- 212 M. Boniol, M. Mclsaac, L. Xu, T. Wuliji, K. Diallo and J. Campbell. (2019). *Gender equity in the health workforce: Analysis of 104 countries*. Geneva: World Health Organization.
<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/311314/WHO-HIS-HWF-Gender-WP1-2019.1-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- 213 C. Coffey et al. (2020). *Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*. Oxfam International.
<https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>
- 214 M. Bolis et al. (2020). *Care in the Time of Coronavirus: Why care work needs to be at the centre of a post-COVID-19 feminist future*. Oxfam International.
<https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621009/bp-care-crisis-time-for-global-reevaluation-care-250620-en.pdf>

- 215 A. Marchand, J. Bilodeau, A. Demers, N. Beuregard, P. Durand and V.Y. Haines III. (2016). *Gendered depression: vulnerability or exposure to work and family stressors? Social Science & Medicine* 2016; 166: 160–68.
- 216 ONU Mulheres. (2020). *COVID-19 and ending violence against women and girls*. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/issue-brief-Covid-19-and-ending-violence-against-women-and-girls-en.pdf?la=en&vs=5006>
- 217 S. Cousins. (2020). *COVID-19 has “devastating” effect on women and girls*. *The Lancet*. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31679-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31679-2)
- 218 T. Robertson, E.D. Carter, V.B. Chou, A.R. Stegmuller, B.D. Jackson, Y. Tam, T. Sawadogo-Lewis and N. Walker. (2020). *Early estimates of the indirect effects of the COVID-19 pandemic on maternal and child mortality in low-income and middle-income countries: A modelling study*. *The Lancet Global Health*, Vol. 8, Issue 7. [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(20\)30229-1](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(20)30229-1)
- 219 Science Daily. (2020). *Nepal lockdown halved health facility births and increased stillbirths and newborn deaths*. <https://www.sciencedaily.com/releases/2020/08/200810183926.htm>
- 220 *The Economist*. (2020). *A lack of data on race hampers efforts to tackle inequalities*. <https://www.economist.com/leaders/2020/11/21/a-lack-of-data-on-race-hampers-efforts-to-tackle-inequalities>.
- 221 S. Artiga, B. Corallo and O. Pham. (2020). *Racial Disparities in COVID-19: Key Findings from Available Data and Analysis* (dados para mar./jul. 2020). <https://www.kff.org/racial-equity-and-health-policy/issue-brief/racial-disparities-Covid-19-key-findings-available-data-analysis/>
- 222 CDC report from October with May to August death rates by race: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6942e1.htm>
- 223 P. Espinoza Revollo (2021). O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br.
- 224 P. Espinoza Revollo (2021). Ibid.
- 225 P. Baqui et al. (2020). *Ethnic and regional variations in hospital mortality from COVID-19 in Brazil: a cross-sectional observational study*. *The Lancet Global Health*, Vol. 8, Issue 8. [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(20\)30285-0](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(20)30285-0)
- 226 Global Voices. (2020). *In Brazil, COVID-19 death rate for black community is higher than for other populations*. <https://globalvoices.org/2020/06/29/in-brazil-Covid-19-death-rate-for-black-community-is-higher-than-for-other-populations/>
- 227 P. Espinoza Revollo (2021). Ibid.
- 228 B.A. Pratt and L. Frost. (2020). *COVID-19 and the Status of Women’s, Children’s, and Adolescents’ Health and Rights: A Targeted Literature Review of Current Evidence for Action on Universal Health Care (UHC) and Accountability*. https://iapewec.org/wp-content/uploads/2020/05/Final_Targeted-Review_Covid-and-Accountability-for-Womens-Childrens-and-Adolescents-Health_GLOHI-1.pdf
- 229 Baseado em dados reunidos pela Red Pan-Amazonica Eclesial (REPAM) e pela Coordenadora de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), consultado em 23 nov. 2020. <https://redamazonica.org/Covid-19-panamazonia/pueblos-indigenas/>
- 230 *The Economist*. (2020). *A lack of data on race hampers efforts to tackle inequalities*. <https://www.economist.com/leaders/2020/11/21/a-lack-of-data-on-race-hampers-efforts-to-tackle-inequalities>; and G. Kolata. (2020). *Social Inequities Explain Racial Gaps in Pandemic, Studies Find*. *New York Times*. <https://www.nytimes.com/2020/12/09/health/coronavirus-black-hispanic.html?referringSource=articleShare>

- 231 A.S. Go, D. Mozaffarian, V.L. Roger et al. (2014). *Executive summary: heart disease and stroke statistics – 2014 update: a report from the American Heart Association*. *Circulation*. 2014;129:399–410. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24446411/>
- 232 R. Unnikrishnan, P.K. Gupta, V. Mohan. (2018). *Diabetes in south Asians: phenotype, clinical presentation, and natural history*. *Current Diabetes Reports*, 2018;18:30. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29671131/>
- 233 N. Korunovska and Z. Jovanovic. (2020). *Roma in the COVID-19 Crisis: An early warning from six EU member states*. Open Society Foundations. <https://www.opensocietyfoundations.org/publications/roma-in-the-Covid-19-crisis>
- 234 M. Stanbury and K.D. Rosenman. (2014). *Occupational health disparities: a state public health-based approach*. *American Journal of Industrial Medicine*, maio 2014, 57(5): p.596-604. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24375809/>
- 235 D. Williams and T. Rucker. (2020). *Understanding and Addressing Racial Disparities in Health Care*. Medicare and Medicaid Research Review. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4194634/>
- 236 B. Farmer. (2020). *The coronavirus doesn't discriminate, but U.S. health care showing familiar biases*. NPR. <https://www.npr.org/sections/health-shots/2020/04/02/825730141/the-coronavirus-doesntdiscriminate-but-u-s-health-care-showing-familiarbiases>
- 237 S. Paliath. (2020). *In India, 90% sanitation workers don't have health insurance even amid the coronavirus crisis*. Scroll.in. <https://scroll.in/article/969017/in-india-90-sanitation-workers-dont-have-health-insurance-even-amid-the-coronavirus-crisis>
- 238 L. Marcos Barba, H. van Regenmortel and E. Ehmke. (2020). *Shelter from the storm: The global need for universal social protection in times of COVID-19*. Oxfam International. <http://hdl.handle.net/10546/621132>
- 239 OIT. (2020). *Social protection responses to the COVID-19 pandemic in developing countries: Strengthening resilience by building universal social protection*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---soc_sec/documents/publication/wcms_744612.pdf
- 240 U. Gentilini, M. Almenfi, P. Dale et al. (2020). *Social Protection and Jobs Responses to COVID-19: A Real-Time Review of Country Measures*. Banco Mundial. <http://documents1.worldbank.org/curated/en/295321600473897712/pdf/Social-Protection-and-Jobs-Responses-to-COVID-19-A-Real-Time-Review-of-Country-Measures-September-18-2020.pdf>
- 241 L. Marcos Barba, H. van Regenmortel and E. Ehmke. (2020). *Shelter from the storm. The global need for universal social protection in times of COVID-19*. Oxfam International. <http://hdl.handle.net/10546/621132>. A Oxfam usou uma porcentagem do PIB per capita em vez de um valor absoluto para permitir a enorme variação entre os países e levar em consideração a capacidade de um país de pagar por um benefício. A escolha de 15% é baseada na referência do benefício médio para uma pensão financiada por impostos em todo o Sul Global, conforme calculado pela Oxfam e pela Development Pathways a partir de sua pesquisa de programas governamentais em todo o mundo realizada para este relatório. Visto que uma pensão tem o objetivo de fornecer reposição de renda para permitir que um indivíduo viva sem trabalhar, ela representa uma boa indicação de quão adequados os benefícios devem ser.
- 242 L. Marcos Barba, H. van Regenmortel and E. Ehmke. (2020). *Shelter from the storm*. Oxfam International. Ibid.
- 243 UN ESCWA. (2020). *Limited fiscal space puts the Arab region recovery from COVID-19 at risk*. https://www.unescwa.org/sites/www.unescwa.org/files/20-00230_Covid-19_limited-fiscal-space-en_june30_f.pdf

- 244 S. Kidd, D. Athias and A. Tran. (2020). *Addressing the COVID-19 economic crisis in Asia through social protection*. UNDP. <https://www.developmentpathways.co.uk/wp-content/uploads/2020/05/Social-Protection-and-Covid-19-in-Asia.pdf>
- 245 Network of Action for Migrant Workers and Oxfam in Vietnam. (2020). *Leave No One Behind: Policy recommendation on social assistance for informal workers, migrant workers and workers without a labour contract*. https://oi-files-cng-prod.s3.amazonaws.com/vietnam.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/Policy%20brief_social%20assistance%20packageCOVID19.pdf
- 246 The Logical Indian. (2020). *1.06 Crore Migrant Labourers Returned Home States on Foot During Lockdown: Centre To Lok Sabha*. <https://thelogicalindian.com/mentalhealth/106-crore-migrant-labourers-returned-home-states-on-foot-23950>
- 247 A Índia não mantém oficialmente informação sobre as mortes de trabalhadores migrantes. No entanto, o país viu 29,415 fatalidades nas estradas entre março e junho de 2020 no pico da pandemia. M.D. Gupta. (2020). *29,415 road accident deaths during lockdown, but no separate data on migrants, govt says*. The Print. <https://theprint.in/india/29415-road-accident-deaths-during-lockdown-but-no-separate-data-on-migrants-govt-says/511043/>. Outras 80 pessoas morreram em trens especiais quando voltavam para casa. D. Mishra. (2020). *RTI Shows the Government Did Collect Data on Deaths of Migrant Workers During Lockdown*. The Wire. <https://thewire.in/rights/centre-indian-railways-lockdown-deaths-migrant-workers-shramik-special-rti>
- 248 ONU MULheres. (2020). *From Insight to Action: Gender Equality in the Wake of COVID-19*. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/gender-equality-in-the-wake-of-Covid-19-en.pdf?la=en&vs=5142>
- 249 ONU Mulheres. (2020). Ibid.
- 250 PNUD. (2020). *COVID-19 Global Gender Response Tracker Fact Sheets*. <https://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/womens-empowerment/COVID-19-Global-Gender-Response-Tracker.html>
- 251 Comissão Econômica para América Latina e Caribe das Nações Unidas (CEPAL). (2020). *The Social Challenge in Times of Covid-19*. https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45544/1/S2000324_en.pdf
- 252 UNESCO. (2020). *Education: From disruption to recovery*. <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>
- 253 UNESCO, UNICEF e Banco Mundial. (2020). *What Have We Learnt? Overview of findings from a survey of ministries of education on national responses to COVID-19*. <https://data.unicef.org/resources/national-education-responses-to-covid19/>
- 254 UNESCO. (2020). *COVID-19 Education Response: How many students are at risk of not returning to school?* Advocacy paper, jun. 2020. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373992>
- 255 T. Baker and B. Kariuki. (2020). *Nearly one million pregnant sub-Saharan African girls may be blocked from returning to school following COVID-19*. World Vision. <https://www.wvi.org/stories/view/nearly-one-million-pregnant-sub-saharan-african-girls-may-be-blocked-returning-school>
- 256 UNFPA. (2020). *Millions more cases of violence, child marriage, female genital mutilation, unintended pregnancy expected due to the COVID-19 pandemic*. New York: United Nations Population Fund. <https://www.unfpa.org/news/millions-more-cases-violence-child-marriage-female-genital-mutilation-unintended-pregnancies>
- 257 UNESCO (2020). *Covid-19 school closures around the world will hit girls hardest*. <https://en.unesco.org/news/Covid-19-school-closures-around-world-will-hit-girls-hardest>

- 258 E.A. Hanushek and I. Woessmann. (2020). *The Economic Impacts of Learning Losses*. OECD. <http://www.oecd.org/education/The-economic-impacts-of-coronavirus-Covid-19-learning-losses.pdf>
- 259 G. Psacharopoulos, V. Collis, H.A. Patrinos and E. Vegas. (2020). *Lost Wages: The COVID-19 Cost of School Closures*. EconStor/GLO Discussion Paper No 548. <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/217486/1/GLO-DP-0548.pdf>
- 260 S. Carvalho and S. Hares. (2020). *More from Our Database on School Closures: New Education Policies May Be Increasing Educational Inequality*. Center for Global Development. <https://www.cgdev.org/blog/more-our-database-school-closures-new-education-policies-may-be-increasing-educational>
- 261 M. Busso and J. Camacho Munoz. (2020). *Pandemic and Inequality: How Much Human Capital Is Lost When Schools Close?* Ideas Matter blog, 13 abr. 2020. <https://blogs.iadb.org/ideas-matter/en/pandemic-and-inequality-how-much-human-capital-is-lost-when-schools-close/>
- 262 UNESCO. (2020). *Developing digital learning materials for ethnolinguistic minority children*. <https://bangkok.unesco.org/content/developing-digital-learning-materials-ethnolinguistic-minority-children>
- 263 UNICEF. (2016). *Girls spend 160 million more hours than boys doing household chores everyday* [sic]. <https://www.unicef.org/press-releases/girls-spend-160-million-more-hours-boys-doing-household-chores-everyday>
- 264 Save the Children. (2020). *Protect a Generation: The impact of COVID-19 on children's lives*. <https://resourcecentre.savethechildren.net/library/protect-generation-impact-Covid-19-childrens-lives>
- 265 OCDE. (2018). *Bridging the Digital Gender Divide: Include, Upskill, Innovate*. <http://www.oecd.org/internet/bridging-the-digital-gender-divide.pdf>; and UN News. (2019). *In tech-driven 21st century, achieving global development goals requires closing digital gender divide*. <https://news.un.org/en/story/2019/03/1034831>
- 266 UNESCO. (2020). *Act Now: Reduce Impact of COVID-19 on the Cost of Achieving SDG 4*. <https://en.unesco.org/gem-report/COVIDcostSDG4>
- 267 R.L. Lewis-McCoy. (2020). *Pandemic Pods Will Make the Inequality in American Schools Even Worse*. Barron's. <https://www.barrons.com/articles/parents-are-forming-exclusive-school-pods-more-inequality-will-follow-51595511661>
- 268 A. Gavrielatos. (2020). *Edtech and COVID-19*. NSW Teachers Federation. <https://news.nswtf.org.au/blog/columns/2020/07/edtech-and-Covid-19>
- 269 OIT. (2020). *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Sixth edition Updated estimates and analysis*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_755910.pdf
- 270 OCDE. (2020). *Worker Security and the COVID-19 Crisis: OECD Employment Outlook 2020*. https://www.oecd.org/employment-outlook?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=empoutlookjul2020&utm_content=en&utm_term=pac-report. These figures represent only OECD countries for which there data are available.
- 271 OIT. (2020). *Social protection responses to the COVID-19 pandemic in developing countries: strengthening resilience by building universal social protection*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---soc_sec/documents/publication/wcms_744612.pdf
- 272 M. Martin et al. (2020). *Fighting inequality in the time of COVID-19: The Commitment to Reducing Inequality Index 2020*. Oxfam International and Development Finance International (DFI). <https://www.oxfam.org/en/research/fighting-inequality-time-Covid-19-commitment-reducing-inequality-index-2020>

- 273 M. Fisher and E. Bubola. (2020). *As Coronavirus Deepens Inequality, Inequality Worsens Its Spread*. 15 mar. 2020. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2020/03/15/world/europe/coronavirus-inequality.html>
- 274 P. Krar. (2020). *Several states extend working hours from 8 to 12 hours in factories*. *The Economic Times*. <https://economictimes.indiatimes.com/news/economy/policy/states-extend-working-hours-from-8-to-12-hours-in-factories/articleshow/75342462.cms?from=mdr>
- 275 McKinsey Global Institute. (2020). *COVID-19 and gender equality: Countering the regressive effects*. <https://www.mckinsey.com/featured-insights/future-of-work/Covid-19-and-gender-equality-countering-the-regressive-effects#>
- 276 UN ESCWA. (2020). *The impact of COVID-19 on gender inequality in the Arab Region*. <https://www2.unwomen.org/-/media/field%20office%20arab%20states/attachments/publications/2020/04/impact%20of%20covid%20on%20gender%20equality%20-%20policy%20brief.pdf?la=en&vs=4414>
- 277 A. Andrew, S. Cattan, M. Costa Dias, C. Farquharson, L. Kraftman, S. Krutikova, A. Phimister and A. Sevilla. (2020). *How are mothers and fathers balancing work and family under lockdown?* Institute for Fiscal Studies. <https://www.ifs.org.uk/publications/14860>
- 278 ONU Mulheres. (2020). *The economic and social impact of COVID-19 on women and men: Rapid Gender Assessment of COVID-19 implications in Turkey*. <https://www2.unwomen.org/-/media/field%20office%20eca/attachments/publications/2020/06/rapid%20gender%20assessment%20report%20turkey.pdf?la=en&vs=438>
- 279 M. Brussevich, E. Dabla-Norris and S. Khalid. (2020). *Teleworking is Not Working for the Poor, the Young, and the Women*. IMF Blog. <https://blogs.imf.org/2020/07/07/teleworking-is-not-working-for-the-poor-the-young-and-the-women/>
- 280 OIT (2018). *Women and men in the informal economy: A statistical picture*. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_626831/lang--en/index.htm
- 281 O Banco Mundial descobriu que as empresas pertencentes a mulheres (em mais de 50 países com uma página empresarial ativa no Facebook) tinham quase seis pontos percentuais mais probabilidade de fechar durante a pandemia do que as de homens. M. Goldstein, P. Gonzalez Martinez, S. Papineni and J. Wimpey. (2020). *The Global State of Small Business during COVID-19: Gender Inequalities*. Banco Mundial Blogs. <https://blogs.worldbank.org/developmenttalk/global-state-small-business-during-Covid-19-gender-inequalities>. Os atributos regionais referem-se às diferenças de medição entre regiões que influenciam os números de 6% dos autores.
- 282 McKinsey Global Institute. (2020). *COVID-19 and gender equality: Countering the regressive effects*. <https://www.mckinsey.com/featured-insights/future-of-work/Covid-19-and-gender-equality-countering-the-regressive-effects#>
- 283 In the US: Institute for Policy Studies. (2020). *Racial Economic Inequality*. <https://inequality.org/facts/racial-inequality/>. In the UK: N. McIntyre, A. Mohdin and T. Thomas. (2020). *BAME workers disproportionately hit by UK Covid-19 downturn, data shows*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/society/2020/aug/04/bame-workers-disproportionately-hit-uk-economic-downturn-data-shows-coronavirus>
- 284 E. Gould and V. Wilson. (2020). *Black workers face two of the most lethal preexisting conditions for coronavirus—racism and economic inequality*. Economic Policy Institute. <https://www.epi.org/publication/black-workers-covid/>
- 285 U.S. Bureau of Labor Statistics. (2020). *Employment Situation Summary*. 2 out. 2020. <https://www.bls.gov/news.release/empsit.nr0.htm>
- 286 N. Banks. (2019). *Black women's labor market history reveals deep-seated race and gender discrimination*. <https://www.epi.org/blog/black-womens-labor-market-history-reveals-deep-seated-race-and-gender-discrimination/>

- 287 E. Gould and V. Wilson. (2020). *Black workers face two of the most lethal preexisting conditions for coronavirus—racism and economic inequality*. Economic Policy Institute. <https://www.epi.org/publication/black-workers-covid/>
- 288 Human Rights Campaign Foundation. (2020). *The impact of COVID-19 on LGBTQ communities of color*. https://assets2.hrc.org/files/assets/resources/COVID_19_EconImpact-CommunitiesColor052020d.pdf
- 289 J. Lim. (2020). *Survey of labour force shows racialized unemployment gap due to COVID-19*. iPolitics. <https://ipolitics.ca/2020/08/07/july-labour-force-survey-shows-racialized-gap-in-unemployment-due-to-Covid-19/>
- 290 EU Science Hub. (2020). *JRC analyses COVID-19 impact on economy and labour markets to help guide EU response*. <https://ec.europa.eu/jrc/en/news/jrc-analyses-Covid-19-impact-economy-and-labour-markets-help-guide-eu-response>
- 291 M. Brussevich, E. Dabla-Norris and S. Khalid. (2020). *Who will Bear the Brunt of Lockdown Policies? Evidence from Tele-workability Measures Across Countries*. IMF Working Paper. <https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2020/06/12/Who-will-Bear-the-Brunt-of-Lockdown-Policies-Evidence-from-Tele-workability-Measures-Across-49479>
- 292 Nos Estados Unidos, por exemplo, os trabalhadores negros ocupam 26% dos empregos em transportes, quase 20% dos empregos de creche e serviço social e mais de 14% dos empregos em supermercados e lojas de conveniência. E. Gould e V. Wilson. (2020). *Black workers face two of the most lethal preexisting conditions for coronavirus—racism and economic inequality*. Economic Policy Institute. <https://www.epi.org/publication/black-workers-covid/>
- 293 ONU Mulheres. (2020). *From Insights to Action: Gender equality in the wake of COVID-19*. <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/gender-equality-in-the-wake-of-Covid-19-en.pdf?la=en&vs=5142>
- 294 J. Silver-Greenberg, D. Enrich, J. Drucker and S. Cowley. (2020). *Large, Troubled Companies Got Bailout Money in Small-Business Loan Program*. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2020/04/26/business/coronavirus-small-business-loans-large-companies.html>
- 295 I. Couet at R. Honoré. (2020). *Budget : passe d'armes à l'Assemblée sur la baisse des impôts de production*. Les Echos. <https://www.lesechos.fr/economie-france/budget-fiscalite/budget-passe-darmes-a-lassemblee-sur-la-baisse-des-impots-de-production-1256180>
- 296 PNUF. (2020). *COVID-19 Global Gender Response Tracker Fact Sheets*. <https://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/womens-empowerment/COVID-19-Global-Gender-Response-Tracker.html>
- 297 AFL-CIO (2020). *Executive Pay Watch*. American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations. <https://aflcio.org/paywatch>
- 298 OIT. (2020). *Global Wage Report 2018/19: What lies behind gender pay gaps*. p.65. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_650553/lang--en/index.htm
- 299 OIT. (2020). Ibid.
- 300 United Steelworkers. (2020). *Not Even the Bare Minimum: Bangladeshi Garment Workers' Wages and the Responsibility of Canadian Brands* (forthcoming).
- 301 L. Addati, U. Cattaneo, V. Esquivel and I. Valarino (2018). *Care Work and Care Jobs for the Future of Decent Work*. Geneva: International labour Organization. https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633135/lang--en/index.htm

- 302 M. Bolis et al. (2020). *Care in the time of Corona: Why care work needs to be at the centre of a post-COVID feminist future*. Oxfam International: Oxford.
<https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621009/bp-care-crisis-time-for-global-reevaluation-care-250620-en.pdf?sequence=13>. Essa análise foi realizada nos EUA, Grã-Bretanha, Canadá, Filipinas e Quênia. Também utilizou informações suplementares de um programa na Tunísia.
- 303 Women's Budget Group, Queen Mary University of London, Fawcett Society, London School of Economics and Political Science. (2020). *BAME women and Covid-19 – Research evidence*.
<https://wbg.org.uk/wp-content/uploads/2020/06/BAME-women-and-Covid-FINAL.pdf>
- 304 PNUD. (2020). *Gender Gaps in the Care Economy during the COVID-19 Pandemic in Turkey*.
<https://www.tr.undp.org/content/turkey/en/home/library/corporatereports/COVID-gender-survey-report.html>
- 305 OIT. (2020). *COVID-19 crisis and the informal economy: Immediate responses and policy challenges*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---travail/documents/briefingnote/wcms_743623.pdf
- 306 Quartz Africa. (2020). *Across Africa, a reliance on the informal sector threatens effective coronavirus lockdowns*. <https://qz.com/africa/1831785/coronavirus-citizens-in-africas-informal-economy-try-to-survive/>
- 307 CEPAL. (2020). *The Social Challenge in Times of COVID-19*.
https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45544/1/S2000324_en.pdf
- 308 A. Bishop. (2020). *Vulnerability amplified: The impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people*. OutRight Action International.
https://outrightinternational.org/sites/default/files/COVIDsReportDesign_FINAL_LR_0.pdf
- 309 Organização Internacional para a Migração (OIM). (2019). *World Migration Report 2020*.
https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/wmr_2020.pdf
- 310 Immigration Data Portal. (2020). *Migration data relevant for the COVID-19 pandemic*.
<https://migrationdataportal.org/themes/migration-data-relevant-Covid-19-pandemic>
- 311 B. Makooi (2020). *Abandoned by employers, Ethiopian domestic workers are dumped on Lebanon's streets*. France 24. <https://www.france24.com/en/20200625-abandoned-by-employers-ethiopian-domestic-workers-are-dumped-on-lebanon-s-streets>
- 312 N. Egbunike. (2020). *Abused and infected with COVID-19, Nigerian domestic workers are stranded in Beirut*. *Global Voices*. <https://globalvoices.org/2020/08/13/abused-and-infected-with-Covid-19-nigerian-domestic-workers-are-stranded-in-beirut/>
- 313 LGBT Foundation. (2020.) *Why LGBT People are Disproportionately Impacted by COVID-19*.
<https://lgbt.foundation/coronavirus/why-lgbt-people-are-disproportionately-impacted-by-coronavirus>
- 314 K. Wickramage et al. (2018). *Missing: Where are the migrants in pandemic influenza preparedness plans?* *Health and Human Rights Journal*, 2018 Jun; 20(1): 251-258.
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6039731/>
- 315 *The Economic Times*. (2020). *Remittances to South Asia to dip 22% in 2020: Banco Mundial*.
<https://economictimes.indiatimes.com/news/economy/finance/remittances-to-south-asia-to-dip-22-in-2020-wb/articleshow/75305762.cms?from=mdr>
- 316 S. Adhikari. (2020). *COVID-19 is reducing domestic remittances in Africa: What does it mean for poor households?* Banco Mundial Blogs. <https://blogs.worldbank.org/africacan/Covid-19-reducing-domestic-remittances-africa-what-does-it-mean-poor-households>
- 317 Oxfam America. (2020). *Disposable: In the face of COVID-19, the poultry industry seems willing to pay for cheap chicken with workers' lives*.
https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/Disposable_Poultry_COVID.pdf

- 318 Mais sobre a história de Miska Jean-Baptiste está disponível aqui: Oxfam America. (2020). *Disposable: In the face of COVID-19, the poultry industry seems willing to pay for cheap chicken with workers' lives*. p.8 https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/Disposable_Poultry_COVID.pdf.
- 319 Programa Mundial de Alimentos (PMA). (2020). *World Food Programme to assist largest number of hungry people ever, as coronavirus devastates poor nations*. <https://www.wfp.org/news/world-food-programme-assist-largest-number-hungry-people-ever-coronavirus-devastates-poor>
- 320 Oxfam. (2020). O Vírus da Fome: como o coronavírus está aumentando a fome no mundo. Nota para mídia. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/o-virus-da-fome/>. O PMA estimou que o número de pessoas com fome - definido como IPC nível 3 ou acima - aumentaria em aproximadamente 121 milhões em 2020 como resultado dos impactos socioeconômicos da pandemia. A taxa de mortalidade diária estimada para IPC nível 3 e acima é de 0,5-1 a cada 10mil pessoas, equivalente a 6.050-12.100 mortes todos os dias devido à fome como consequência da pandemia antes do final de 2020.
- 321 Os países são: Iêmen, República Democrática do Congo (RDC), Afeganistão, Venezuela, Sahel Ocidental, Etiópia, Sudão, Sudão do Sul, Síria e Haiti. Ver Oxfam. O Vírus da Fome: como o coronavírus está aumentando a fome no mundo. Nota para mídia. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/o-virus-da-fome/>
- 322 Oxfam. (2020). O Vírus da Fome: como o coronavírus está aumentando a fome no mundo. Nota para mídia. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/o-virus-da-fome/>. A Oxfam reuniu informações sobre os pagamentos de dividendos de oito das maiores empresas de alimentos e bebidas do mundo até o início de julho de 2020, usando informações das páginas das empresas, NASDAQ e Bloomberg. Os números são arredondados para o milhão mais próximo: Coca-Cola (US\$3,522 bilhões), Danone (US\$1,348 bilhão), General Mills (US\$594 milhões), Kellogg (US\$391 milhões), Mondelez (US\$408 milhões), Nestlé (US\$8,248 bilhões para todo o ano), PepsiCo (US\$2.749 bilhões) e Unilever (estimado em US\$1,180 bilhões). Muitas dessas empresas estão empregando esforços para enfrentar a Covid-19 e/ou a fome global.
- 323 Nações Unidas. (2020). *UN OCHA Financial Tracking Service*. Accessed on 22.11.2020. <https://fts.unocha.org/appeals/952/summary>. O Plano de Resposta Humanitária Global das Nações Unidas para a Covid-19 tinha financiamento de US\$3,64 bilhões em novembro de 2020.
- 324 M. Hope. (2019). *Cyclones in Mozambique may reveal humanitarian challenges of responding to a new climate reality*. *The Lancet*. [https://doi.org/10.1016/S2542-5196\(19\)30131-7](https://doi.org/10.1016/S2542-5196(19)30131-7)
- 325 L. Schlein. (2020). *Hunger Stalks Thousands in Northern Mozambique as Conflict Escalates*. <https://www.voanews.com/africa/hunger-stalks-thousands-northern-mozambique-conflict-escalates>
- 326 T. Cebola. (2020). *Mozambique: Virus Fears As Mozambique Conflict Fuels Overcrowding, Hunger*. Thomson Reuters Foundation. <https://news.trust.org/item/20201016020709-nietk/>
- 327 United States Census Bureau. (2020). *Measuring Household Experiences during the Coronavirus Pandemic. Household Pulse Survey – Phase 3*. <https://www.census.gov/householdpulsedata>
- 328 CARE. (2020). *Left Out and Left Behind: Ignoring Women Will Prevent Us From Solving the Hunger Crisis*. CARE Policy Report. <https://www.care.org/wp-content/uploads/2020/08/Left-Out-and-Left-Behind.pdf>
- 329 OIT. (2019). *Implementing the ILO Indigenous and Tribal Peoples Convention No. 169: Towards an inclusive, sustainable and just future*, p.21. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_735607.pdf
- 330 A. Roy. (2020). *The pandemic is a portal*. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/10d8f5e8-74eb-11ea-95fe-fcd274e920ca>

- 331 L. DiCaprio. (2020). *The 100 Most Influential People of 2020: Nemonte Nenquimo*. *Time*. <https://time.com/collection/100-most-influential-people-2020/5888337/nemonte-nenquimo/>
- 332 L. Zamore and B. Phillips. (2020). *COVID-19 and Public Support for Radical Policies*. NYU Center on International Cooperation. <https://cic.nyu.edu/sites/default/files/zamore-phillips-covid19-public-support-radical-policies-web-final.pdf>
- 333 N. Boyon. (2020). *Around the world, people yearn for significant change rather than a return to “pre-COVID normal”*. Ipsos. <https://www.ipsos.com/en/global-survey-unveils-profound-desire-change-rather-return-how-life-and-world-were-Covid-19>
- 334 Edelman. (2020). *Edelman Trust Barometer 2020. Spring Update: Trust and the COVID-19 Pandemic*. [https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2020-05/2020 Edelman Trust Barometer Spring Update.pdf](https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2020-05/2020%20Edelman%20Trust%20Barometer%20Spring%20Update.pdf)
- 335 Empresarios Nacionales para el Desarrollo Argentino. (2020). *8 de cada 10 pymes apoya el aporte extraordinario a las grandes fortunas*. <https://enac.org.ar/contenido/1556/8-de-cada-10-pymes-apoya-el-aporte-extraordinario-a-las-grandes-fortunas>
- 336 L. Zamore; B. Phillips. (2020). *COVID-19 and Public Support for Radical Policies*. NYU Center on International Cooperation. <https://cic.nyu.edu/sites/default/files/zamore-phillips-covid19-public-support-radical-policies-web-final.pdf>
- 337 M. Busby. (2020). *Cap excessive pay to tackle UK jobs crisis and inequality, urges thinktank*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/inequality/2020/oct/08/cap-excessive-pay-to-tackle-uk-jobs-crisis-and-inequality-urges-thinktank>. Original survey available here: <https://www.survation.com/public-support-for-maximum-wage-capped-at-100000-per-year/>
- 338 D. Bricker. (2020). *Majority of people expect government to make environment a priority in post COVID-19 recovery*. Ipsos. <https://www.ipsos.com/en/majority-people-expect-government-make-environment-priority-post-Covid-19-recovery>
- 339 K. Schwab. (2020). *We must move on from neoliberalism in the post-COVID era*. World Economic Forum. <https://www.weforum.org/agenda/2020/10/coronavirus-covid19-recovery-capitalism-environment-economics-equality/>
- 340 C. Giles. (2020). *Global economy: the week that austerity was officially buried*. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/0940e381-647a-4531-8787-e8c7dafbd885>
- 341 *Financial Times*. (2020). *Virus lays bare the frailty of the social contract*. <https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-fcd274e920ca>
- 342 New Zealand Treasury. (2019). *The Wellbeing budget 2019*. <https://www.treasury.govt.nz/sites/default/files/2019-05/b19-wellbeing-budget.pdf>
- 343 M. Martin et al. (2020). *Fighting inequality in the time of COVID-19: The Commitment to Reducing Inequality Index 2020*. Oxfam International and Development Finance International (DFI). <https://www.oxfam.org/en/research/fighting-inequality-time-Covid-19-commitment-reducing-inequality-index-2020>
- 344 S. LaMotte. (2019). *Meet the smoking-free, carbon-negative country that passes no law unless it improves citizens' well-being*. CNN. <https://edition.cnn.com/2019/09/13/health/bhutan-gross-national-happiness-wellness/index.html>
- 345 BBC. (2019). *Iceland puts well-being ahead of GDP in budget*. <https://www.bbc.com/news/world-europe-50650155>
- 346 Website oficial do governo da Nova Zelândia. (2019). *Wellbeing Budget 2019*. <https://www.beehive.govt.nz/feature/wellbeing-budget-2019>
- 347 D. Boffey. (2020). *Amsterdam to embrace 'doughnut' model to mend post-coronavirus economy*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/08/amsterdam-doughnut-model-mend-post-coronavirus-economy>

- 348 BBC News. (2020). *Why Shanghai dropped its GDP measure*. <https://www.bbc.com/news/av/business-31394781>
- 349 M. Ceroni. (2014). *Beyond GDP: US states have adopted genuine progress indicators*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/sustainable-business/2014/sep/23/genuine-progress-indicator-gdp-gpi-vermont-maryland>
- 350 Adapted from K. Piaget, C. Coffey, S. Molano and M.J Moreno Ruiz. (2020). *Feminist Futures: Caring for people, caring for justice and rights*. Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/feminist-futures-caring-for-people-caring-for-justice-and-rights-621046>
- 351 CIVICUS. (2019). *State of Civil Society Report 2019*. <https://www.civicus.org/index.php/state-of-civil-society-report-2019>
- 352 CIVICUS. (2020). *State of Civil Society Report 2020*. <https://www.civicus.org/index.php/state-of-civil-society-report-2020>
- 353 M. Ghiabi. (2020). *Mutual Aid and Solidarity in Iran during the COVID-19. Pandemic*. <https://merip.org/2020/04/mutual-aid-and-solidarity-in-iran-during-the-Covid-19-pandemic/>
- 354 D. Collins. (2020). *'The people are not afraid any more': young Peruvians rise up to demand change*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2020/nov/25/peru-youth-movement-politics>
- 355 A. Kabir. (2020). *Nigeria: #EndSARS – Why Protests Continue Despite Govt's Concessions*. All Africa. <https://allafrica.com/stories/202010190525.html>
- 356 Oxfam. (2020). *Spending, Accountability, and Recovery Measures Included in IMF COVID-19 Loans*. <https://www.oxfam.org/en/international-financial-institutions/imf-Covid-19-financing-and-fiscal-tracker>
- 357 ONU Mulheres. (2020). *Advice From Activists: How COVID-19 is changing climate activism for young women*. <https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/4/compilation-Covid-19-and-climate-activism>
- 358 FEMNET. (2020). *African feminist post-Covid-19 economic recovery statement*. <https://femnet.org/2020/07/african-feminist-post-Covid-19-economic-recovery-statement/>
Excerto da Declaração para a Recuperação Econômica pós-Covid-19 assinada por 340 feministas africanas, endereçada a Enviados Especiais mandatados pela União Africana para mobilizar apoio internacional para agir sobre a pandemia na África.
- 359 D. Hardoon. (2017). *Uma economia para os 99%*. Oxfam. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/uma-economia-para-os-99/>
- 360 J.E. Stiglitz. (2019). *It's time to retire metrics like GDP. They don't measure everything that matters*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/nov/24/metrics-gdp-economic-performance-social-progress>
- 361 J.E. Stiglitz and A. Sen. (2009). *Report of the Commission on the measurement of economic performance and social progress (CMEPSP)*. https://www.researchgate.net/publication/258260767_Report_of_the_Commission_on_the_Measurement_of_Economic_Performance_and_Social_Progress_CMEPSP. Nesse mesmo sentido, a Comissão Europeia realiza um projeto GDP and Beyond [PIB e além] e a OCDE possui a iniciativa Vida Melhor.
- 362 P. Järvensivu, T. Toivanen, T. Vadén, V. Lähde, A. Majava and J. Eronen. (2018). *Global Sustainable Development Report 2019 drafted by the Group of Independent Scientists*. https://bios.fi/bios-governance_of_economic_transition.pdf

- 363 OCDE. (2019). *Beyond growth: Towards a New Economic Approach. Report of the Secretary General's Advisory Group on a New Growth Narrative*. [http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=SG/NAEC\(2019\)3&docLanguage=En](http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=SG/NAEC(2019)3&docLanguage=En). Outras recomendações incluíram penalizar várias formas de atividade financeira especulativa, não produtiva e com alta emissão de carbono; reformas no modelo de valor para o acionista de governança corporativa e remuneração de executivos; aumento do salário mínimo e impostos sobre a riqueza; e criação de fundos de riqueza do cidadão.
- 364 R. Eckersley. (2019). *Your Money or your Life? Putting Wellbeing before GDP*. <https://www.resilience.org/stories/2019-12-17/your-money-or-your-life-putting-wellbeing-before-gdp/>
- 365 R. Hoekstra. (2019). *Replacing GDP by 2030: Towards a Common Language for the Well-being and Sustainability Community*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108608558>
- 366 M. Lawson et al. (2019). *Public Good or Private Wealth?* Oxfam International. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620599/bp-public-good-or-private-wealth-210119-en.pdf>
- 367 Entre 1995 e 2006, a proporção da população da Costa Rica com acesso a saúde primária aumentou de 25% para 93%. *The Economist*. (2018). *An affordable necessity: Special Report on Universal Health Care*. https://globalhealth.washington.edu/sites/default/files/The Economist_UHC_WithinReach.pdf; P. Sauma; J.D. Trejos. (2014). *Social Public Spending, Taxes, Redistribution of Income, and Poverty in Costa Rica*. Commitment to Equity Working Paper No. 18. http://www.commitmenttoequity.org/publications_files/Costa_Rica/CEQWPN018_PubSpendTaxRedistIncandPover_Costa_Rica.pdf
- 368 Oxfam. (2020). *Open letter: Uniting Behind A People's Vaccine Against COVID-19*. <https://medium.com/@Oxfam/uniting-behind-a-peoples-vaccine-against-Covid-19-87eec640976>
- 369 UNESCO. (2020). *Extraordinary Session of the Global Education Meeting, Education post-COVID-19: 2020 Global Education Meeting Declaration (2020)*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374704>
- 370 L. Marcos Barba, H. van Regenmortel and E. Ehmke. (2020). *Shelter from the storm. The global need for universal social protection in times of COVID-19*. Oxfam International. <http://hdl.handle.net/10546/621132>
- 371 PNUD. (2020). *COVID-19 Global Gender Response Tracker Fact Sheets*, p.8. <https://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/womens-empowerment/COVID-19-Global-Gender-Response-Tracker.html>
- 372 PNUD COVID-19 Global Gender Response Tracker. <https://data.undp.org/gendertacker/> Data accessed on 27.11.2020.
- 373 L. Marcos Barba, H. van Regenmortel and E. Ehmke. (2020). *Shelter from the storm. The global need for universal social protection in times of COVID-19*. Oxfam International. <http://hdl.handle.net/10546/621132>
- 374 UN News. (2020). *Universal basic income the right prescription for Latin America & Caribbean – UN report*. <https://news.un.org/en/story/2020/05/1063792>
- 375 Open Knowledge Repository content related to COVID-19. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/33635>
- 376 CEPAL. (2020). *Fiscal Panorama of Latin America and the Caribbean, 2020: fiscal policy amid the crisis arising from the coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. <https://www.cepal.org/en/publications/45731-fiscal-panorama-latin-america-and-caribbean-2020-fiscal-policy-amid-crisis>

- 377 Oxfam International. (2020). *Dignity Not Destitution: An 'Economic Rescue Plan for All' to tackle the Coronavirus crisis and rebuild a more equal world*. Oxfam media briefing. <https://www.oxfam.org/en/research/dignity-not-destitution>
- 378 J. Seghers. (2020). *Whatever it takes: A rapid and massive increase in aid is needed to save millions of lives and bring our divided world together amid the coronavirus pandemic*. Oxfam International. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620982/bp-coronavirus-aid-060520-en.pdf>
- 379 R. Horton. (2020). *Coronavirus is the greatest global science policy failure in a generation*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/09/deadly-virus-britain-failed-prepare-mers-sars-ebola-coronavirus>
- 380 Oxfam. (2019). *Ten years after the global food crisis, rural women still bear the brunt of poverty and hunger*. <https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/global-food-price-crisis-en.pdf>
- 381 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). *Power, Profits and the Pandemic: From corporate extraction for the few to an economy that works for all*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/power-profits-and-pandemic>. Pensamentos inspiradores sobre como fazer com que as empresas coloquem as pessoas e o planeta no centro dos modelos de negócios inclui o trabalho sobre a 'Economia para o Bem Comum' (ECG). Christian Felber, criador do ECG, apela à consolidação dos melhores modelos disponíveis globalmente para garantir que as empresas se tornem parte de economias resilientes, justas e sustentáveis. <https://www.ecogood.org/>
- 382 Oxfam. (2020). *CAC40 : Des Profits sans lendemains?* <https://www.oxfamfrance.org/rapports/cac-40-des-profits-sans-lendemain/>
- 383 Oxfam. (2020). *Dignity not Destitution. An 'Economic Rescue Plan For All' to tackle the Coronavirus crisis and rebuild a more equal world*. <https://www.oxfam.org/en/research/dignity-not-destitution>
- 384 OIT. (2019). *The Power of Small: Unlocking the Potential of SMEs* <https://www.ilo.org/infostories/en-GB/Stories/Employment/SMEs#innovation>
- 385 ITUC. (2017). *Investing in the Care Economy: Simulating employment effects by gender in countries in emerging economies*. <https://socialprotection-humanrights.org/resource/investing-care-economy-simulating-employment-effects-gender-countries-emerging-economies/>
- 386 FAO. (2017). *Ending Poverty and Hunger by Investing in Agriculture and Rural Areas*. <http://www.fao.org/3/a-i7556e.pdf>
- 387 A. Sieber. (2020). *CAN Briefing: Oil and gas phase out as part of a just economic revitalization, October 2020*. Climate Action Network International. <http://climatenetwork.org/publication/can-briefing-oil-and-gas-phase-out-part-just-economic-revitalization-october-2020>. O estudo estimou que, nos EUA, 1 milhão de dólares investido em energias renováveis gera 7,49 empregos em tempo integral, em comparação com apenas 2,65 empregos quando a mesma quantia é investida em combustíveis fósseis.
- 388 S. Illing. (9 nov. 2019). *Bullshit jobs: why they exist and why you might have one*. Vox. <https://www.vox.com/2018/5/8/17308744/bullshit-jobs-book-david-graeber-occupy-wall-street-karl-marx>
- 389 P. Espinoza Revollo (2021). *O Vírus da Desigualdade: Nota Metodológica*. Oxfam. Ver página desta publicação para download do documento. www.oxfam.org.br
- 390 S. Pizzigati. (2018). *Minimum wage? It's time to talk about a maximum wage*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/jun/30/minimum-wage-maximum-wage-income-inequality>
- 391 High Pay Centre. (2020). *Paying for Covid: capping excessive salaries to save industries*. <https://highpaycentre.org/paying-for-covid-capping-excessive-salaries-to-save-industries/>

- 392 Mondragon, apresentação disponível no site (acesso em 13 nov. 2020): https://www.mondragon-corporation.com/wp-content/uploads/docs/MDGN-pres-CORPORATIVA_EN.pdf
- 393 PNUD. (2020). *COVID-19 Global Gender Response Tracker Fact Sheets*, p.11. <https://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/womens-empowerment/COVID-19-Global-Gender-Response-Tracker.html>
- 394 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>.
- 395 Dave Grace & Associates. (2014). *Measuring the Size and Scope of the Cooperative Economy: Results of the 2014 Global Census on Co-operatives*. <https://www.un.org/esa/socdev/documents/2014/coopsegm/grace.pdf>
- 396 J. Schwettmann. (2014). *The Role of Cooperatives in Achieving the Sustainable Development Goals: The economic dimension*. International Labour Office. Geneva: International Labour Organization. <https://ccr.ica.coop/sites/ccr.ica.coop/files/attachments/1.1%20Jurgen%20Schwettmann.pdf>
- 397 B. Doherty, H. Haugh et al. (2020). *Creating the New Economy: Business models that put people and planet first*. https://wfto.com/sites/default/files/Business_Models_Report.pdf
- 398 M. Eulerich and B. Fligge. (2020). *Aggressive Berichterstattung in Deutschen Unternehmen: Der Einfluss der Mitbestimmung auf die Ausnutzung von Bilanzierungs und Steuergestaltungsspielräumen*. Institute für Mitbestimmung und Unternehmensführung, Hans-Böckler-Stiftung. [German]. https://www.boeckler.de/pdf/p_mbf_report_2020_62.pdf
- 399 S. Stranahan and M. Kelly. (2019). *Mission-led employee-owned firms: The best of the best*. Democracy Collaborative. <https://democracycollaborative.org/learn/publication/mission-led-employee-owned-firms-best-best>
- 400 B. Smith-Meyer. (2020). *Tax the rich to reduce debt after recovery, IMF says*. Politico. politico.eu/article/imf-tax-the-rich-to-reduce-debt-after-recovery/
- 401 U. Gneiting, N. Lusiani and I. Tamir. (2020). Poder, Lucros e a Pandemia - Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos. Oxfam International. <https://www.oxfam.org.br/publicacao/poder-lucros-e-pandemia/>
- 402 N. Abdo and S. Almasri. (2020). *For a Decade of Hope Not Austerity in the Middle East and North Africa: Towards a fair and inclusive recovery to fight inequality*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/decade-hope-not-austerity-middle-east-and-north-africa>
- 403 N. Coplin and A Nwafor. (2019). *It's Not All About The Money: Domestic revenue mobilization, reducing inequality and building trust with citizens*. Oxfam International. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620754/bp-its-not-all-about-money-drm-080519-en.pdf>
- 404 ICRCIT. (2020). *The Global Pandemic, Sustainable Economic Recovery, and International Taxation*. <https://www.icrict.com/icrict-documents/the-global-pandemic-sustainable-economic-recovery-and-international-taxation>
- 405 GTZ (n.d.). *Gender & Taxation: Why Care about Taxation and Gender Equality?* <https://www.oecd.org/dac/gender-development/44896295.pdf>
- 406 OIM (2016). *Barriers to Women's Land and Property Access and Ownership in Nepal*. Kathmandu: IOM. https://publications.iom.int/system/files/pdf/barriers_to_women.pdf
- 407 Buenos Aires Times. (2020). *Senate approves one-time levy on assets for Argentina's richest*. <https://batimes.com.ar/news/argentina/senate-approves-one-time-levy-on-assets-for-argentinas-richest.phtml>

- 408 M. Marshall. (2020). *The tipping points at the heart of the climate crisis*. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/science/2020/sep/19/the-tipping-points-at-the-heart-of-the-climate-crisis>
- 409 Oxfam. (2019). *Forced from Home: Climate-fuelled displacement*. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620914/mb-climate-displacement-cop25-021219-en.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- 410 R. Ávila and A. Guereña.(2020). *Averting Ethnocide: Indigenous peoples and territorial rights in crisis in the face of COVID-19 in Latin America*. Oxfam International. <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621028/bp-avoiding-ethnocide-210720-en.pdf>
- 411 International Energy Agency. (2020). *World Energy Outlook 2020 shows how the response to the Covid crisis can reshape the future of energy*. <https://www.iea.org/news/world-energy-outlook-2020-shows-how-the-response-to-the-covid-crisis-can-reshape-the-future-of-energy>
- 412 T. Carty, J. Kowalzig and B. Zagema. (2020). *Climate Finance Shadow Report 2020*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/climate-finance-shadow-report-2020>
- 413 Climate Action Network International. (2020). *CAN briefing: Oil and gas phase out as part of a just economic revitalization, out. 2020*. <http://climatenetwork.org/publication/can-briefing-oil-and-gas-phase-out-part-just-economic-revitalization-october-2020>
- 414 Forus. (2020). *Public Letter: Public development banks must deliver on the world we want*. <https://forus-international.org/en/resources/193>
- 415 International Energy Agency. (2020). *Renewables 2020. Analysis and forecast to 2025*. <https://www.iea.org/reports/renewables-2020>
- 416 K. Hanks. (2018). *Powering the transition: World Bank and other IFI energy lending in Asia*. Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/powering-transition-world-bank-and-other-ifi-energy-lending-asia>
- 417 J. Hickel. (2020). *Degrowth: a response to Branko Milanovic*. <https://www.jasonhickel.org/blog/2017/11/19/why-branko-milanovic-is-wrong-about-de-growth>
- 418 K Reytar, M. Chertock and P. Veit. (2018). *Safeguarding the Carbon Stored in Indigenous and Community Lands is Essential to Meeting Climate Goals*. <https://www.wri.org/blog/2018/09/safeguarding-carbon-stored-indigenous-and-community-lands-essential-meeting-climate>
- 419 HLPE. (2019). *Agroecological and other innovative approaches for sustainable agriculture and food systems that enhance food security and nutrition*. A report by the High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition of the Committee on World Food Security. <http://www.fao.org/3/ca5602en/ca5602en.pdf>



OXFAM

Oxfam é uma confederação internacional composta por 20 organizações independentes que atuam em rede em mais de 67 países, como parte de um movimento global para construir um futuro sem injustiça, desigualdades e pobreza. Você pode entrar em contato com qualquer uma das afiliadas abaixo. No Brasil, conecte-se com a Oxfam Brasil – www.oxfam.org.br

Oxfam America (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Australia (www.oxfam.org.au)

Oxfam-in-Belgium (www.oxfamsol.be)

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)

Oxfam Canada (www.oxfam.ca)

Oxfam France (www.oxfamfrance.org)

Oxfam Germany (www.oxfam.de)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

Oxfam IBIS (Denmark) (www.oxfamibis.dk)

Oxfam India (www.oxfamindia.org)

Oxfam Intermón (Spain) (www.oxfamintermon.org)

Oxfam Ireland (www.oxfamireland.org)

Oxfam Italy (www.oxfamitalia.org)

Oxfam Mexico (www.oxfammexico.org)

Oxfam New Zealand (www.oxfam.org.nz)

Oxfam Novib (Netherlands) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam Québec (www.oxfam.qc.ca)

Oxfam South Africa (www.oxfam.org.za)

KEDV - Turquia (www.kedv.org.tr/)

